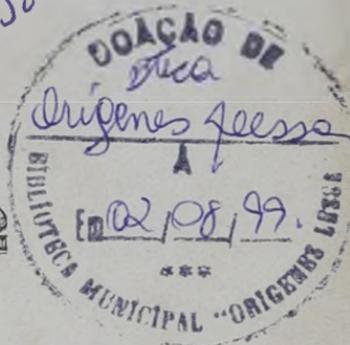


MELLO MORAES FILHO X

OS  
CIGANOS NO BRAZIL X

CONTRIBUIÇÃO ETHNOGRAPHICA

*M. Moraes Filho*  
*1950*



B. L. GARNIER, Editor

RIO DE JANEIRO

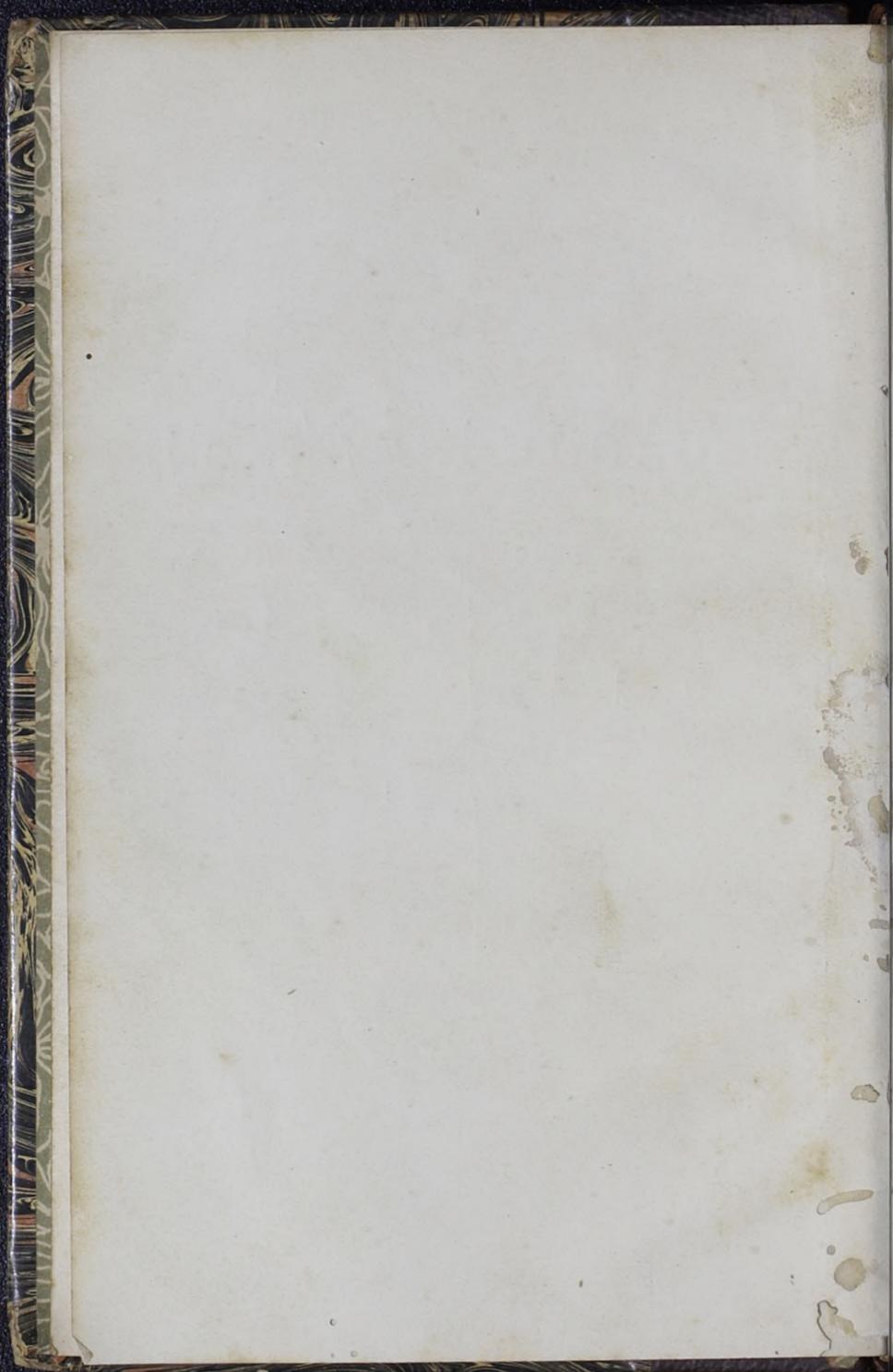
1886

6228

BIBLIOTECA MUNICIPAL  
«ORIGENES LESSA»

Tombo N.º \_\_\_\_\_

BIBLIOTECA MUNICIPAL "ORIGENES LESSA"  
Lencóis Paulista - SP



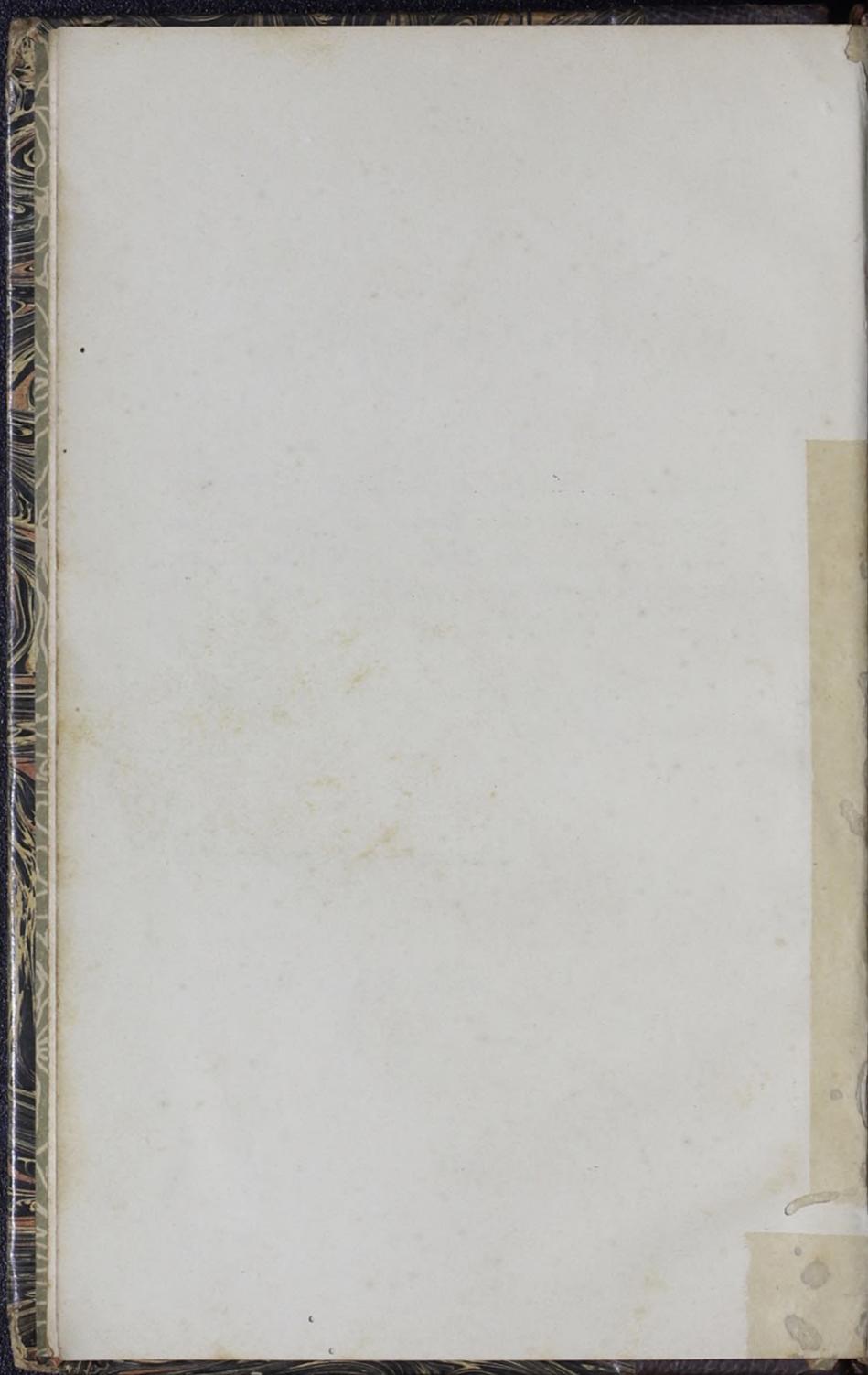
AO DR. LUIZ DE CASTRO,

Traductor da *Historia do Brazil* de R. Southey,  
do *Capital, circulação e Bancos* de James Wilson,  
do *Tratado pratico dos Bancos* de William Gilbert,  
collaborador da *Revista Popular* e redactor-chefe  
do *Jornal do Commercio*,

Ao homem de lettras erudito e jornalista de  
actividades notaveis,

Admiração e reconhecimento.

MELLO MORAES FILHO.



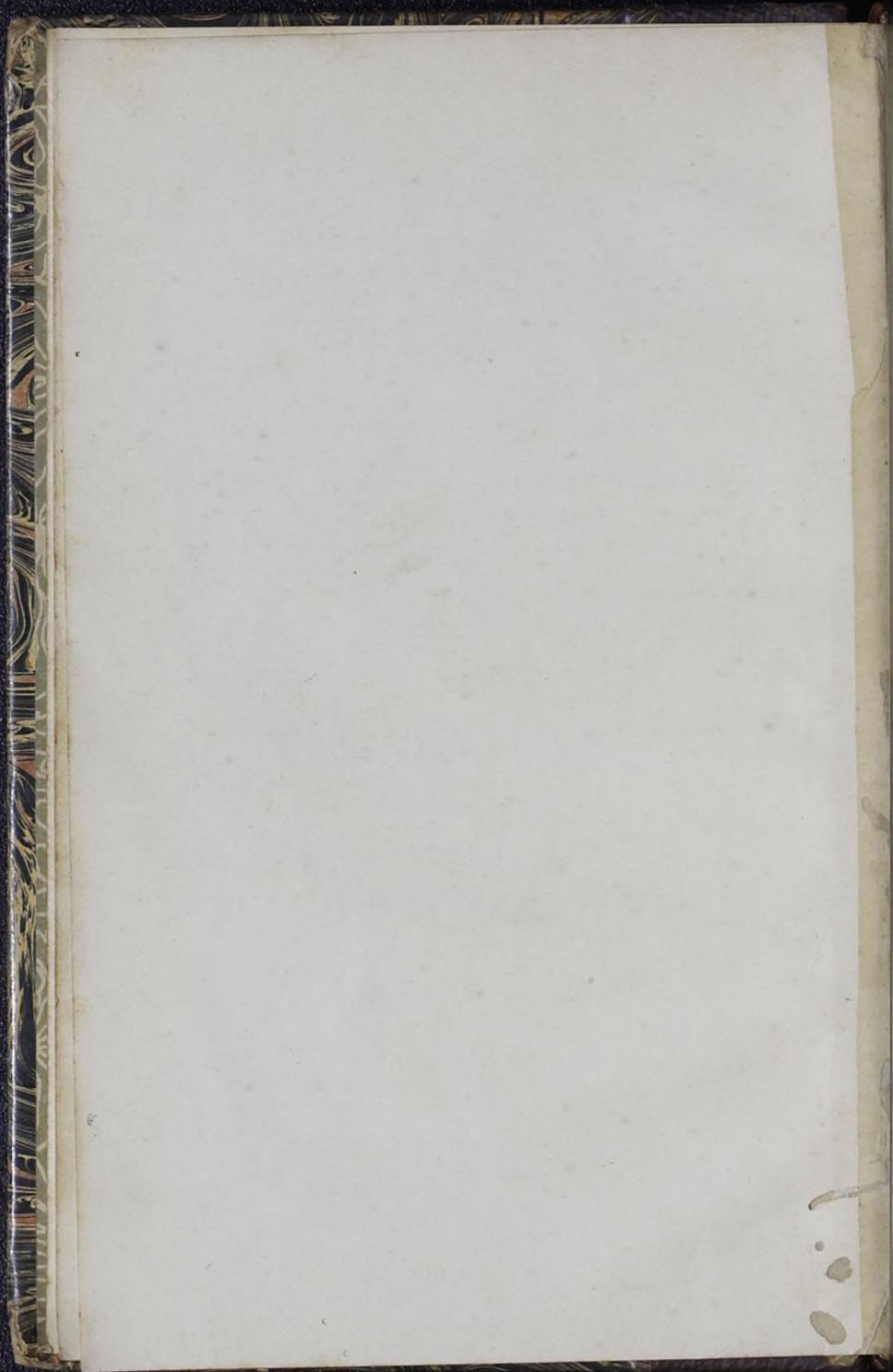
AO DR. MOURA BRAZIL,

Ex-chefe de clinica do Professor L. de Wecker,

Ao medico sabio e ophthalmologista celebre,

Homenagem e sincera estima.

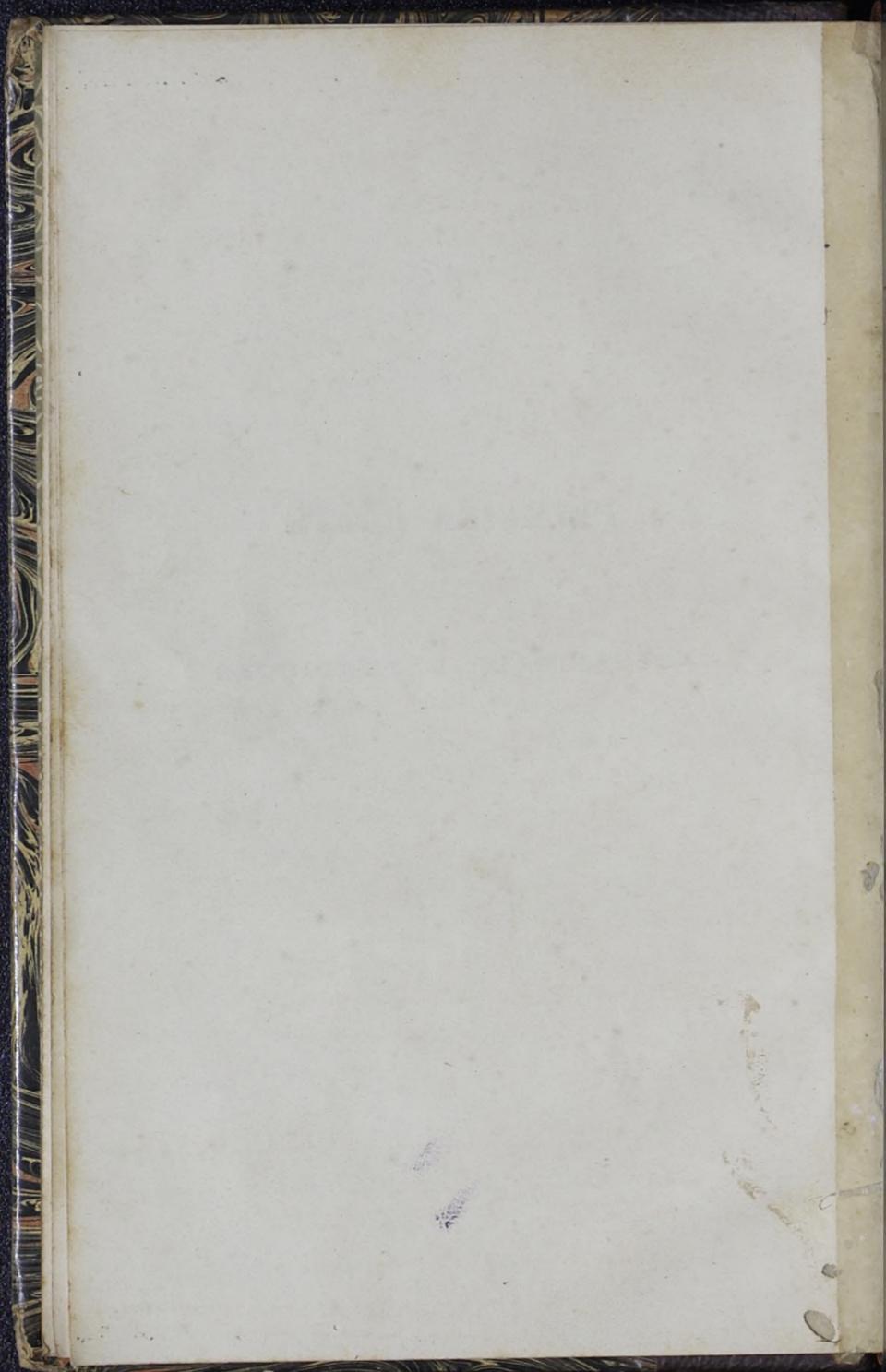
MELLO MORAES FILHO.



PRIMEIRA PARTE



ACTUALIDADE E TRADIÇÕES



na Europa Occidental, em 1447, quando houve uma invasão d'elles na Allemannha



## Lafayette de Toledo

### I

Estudo sobre as primitivas migrações de ciganos na Europa e opiniões a respeito de sua origem.

De onde vinham os doze penitentes, que em 1427 chegaram a Pariz, com um sequito de mais de cento e vinte pessoas?

Que clima deixaram esses homens estranhos e de cabellos crespos, essas mulheres trigueiras, e em cujas orelhas reluziam brincos de prata e de pedraria?

Domiciliados nas proximidades de Saint-Dénis, o povo corria para ouvir dellas a buena-dicha, enquanto que a pilhagem e o roubo estendiam-se pela cidade.

Os nomes dos ciganos variam nas diferentes línguas. Na Polónia chamam-se Zingari; na Hungria, Zingari; na Hispânia, Gitano; na França, Bohemians; na Inglaterra, Gipsies; na Allemannha, Zigauer. Os Persas chamam-lhes Indians negros. Seu nome mais antigo é o de Sutras, e o seu idioma de Sutras.

O arcebispo de Pariz, amedrontado pelas superstições de que eram portadores esses forasteiros, que se diziam christãos do baixo Egypto, os fez evacuar *La Chapelle* e fulminou de excommunhão a todos que os procurassem, no intuito de saberem a sina.

Desde então o odio popular cahiu sobre elles, e o terror, quando elles passavam, murmurava apontando: — Ahi vão os *corvos do Egypto*.

Mas o caracter da raça, suas migrações, sua linguagem, a ausencia de uma idéa de patria e de historia nacional, o que comprovam relativamente á sua origem, á sua filiação ethnica?

Recorramos ás chronicas, ás datas de seu primeiro apparecimento em diversos Estados da Europa, consultemos o pensamento dos historiadores que tentaram acompanhar-lhes a marcha, e dos sabios nas suas conclusões laboriosas.

Conta-nos a historia dos povos barbaros, que, depois da morte de Justiniano, occupou o throno de Constantinopla Leão o Isauriano, que arregimentou as populações da Bulgaria na grande guerra emprendida contra os Sarracenos que invadiram seus dominios, obrigando-os a suspender o sitio no anno de 718.

A paz assegurada pela luta prolongou-se até o reinado de Constantino Copronymo, não se dando factos algum memoravel entre Romanos e barbaros durante este periodo. Esse principe, porém, conquistando em 755 territorios perto do Euphrates, conduziu á Thracia os Syrios e Armenios que aprisionara, na maxima parte Paulicianos ou Manicheus, elementos da formação dos Anthingans ou ciganos, raça disseminada ainda hoje pela Bulgaria.

A esta corrente de emigração armenia attribuem os Armenios actuaes dos grandes centros da Criméa a sua genealogia.

Aos Anthingans, por corrupção Tchenghenes, como os chamam no Oriente, e aos Judeus, o historiador Fleury prende a origem dos ciganos.

Quer sejam elles da seita dos heresiarcas, como suppoem notaveis e antigos historiadores, quer não, os Anthingans estiveram igualmente sob o jugo dos kalifas, acham-se derramados sobre toda a Turquia da Europa, avultam em partidas consideraveis na Valachia, Bulgaria, Moldavia, Thracia, nos Estados Tartaros, Bessabria, etc., procurando de preferencia as regiões

do Danubio, até certo tempo não transcendendo os limites estabelecidos pelos sultões.

Na Turquia essas tribus dão a si mesmas o nome de *Romitschel*, palavra composta do cophta, segundo a interpretação de Constancio, e que pela decomposição do *romi* ou *rom*, que significa homem, e *chal*, *Egypto*, forma — homem do *Egypto*.

Procurando analogias, afim de descobrir-lhes o ponto de partida, o sabio Marius Niger as encontra entre *Zigeuner*, como igualmente os denominam, e *Zengitano*, outr'ora parte do territorio africano, para ahi collocar-lhes o berço.

Para Aventinus, elles nada mais eram do que hordas das fronteiras hungaras e turcas. Pio II, discordando dos demais autores que se occuparam do assumpto, adianta que os ciganos são uma corrente de população derivada da *Zogocia*, paiz que demora a pequena distancia do *Caucaso*.

Os sabios modernos, Grellmann, Groffunder, Mareden e Hoyland, pretendem que sejam pariahs da India, expulsos por Tamerland em 1398 das margens do Ganges; e, como só em 1417 appareceram na Europa, suppõe-se que as primitivas

migrações fossem na Persia e Egypto, hypothese favoravelmente aceita pela sciencia hodierna.

Joaquim José Caetano Ferreira, no seu *Esboço de um dictionario juridico*, diz o seguinte, em começo de artigo :

« *Ciganos* — Raça de gente vagabunda. O nome ciganos vem do italiano *Zingari*, uma geração oriunda do Egypto, que, depois que este paiz foi conquistado pelo sultão Selim em 1517, appareceu na Allemanha e se espalhou depois por toda a Europa. »

« Os francezes os chamam *Bohemiens*, por se lhes haverem unido, no tempo da guerra dos Hussitas, uns fugitivos da Bohemia. »

O lexicographo Antonio de Moraes e Silva assim os define:

« *Ciganos* — Raça de gente vagabunda, que diz vem do Egypto, e pretende conhecer o futuro pelas raias ou linhas da mão ; deste embuste vive... »

Constancio diverge, suppondo que cigano é uma variante de *Zangui*, nome de uma provincia entre Ethiopia e Egypto, onde viveram por muito tempo, depois de expulsos da India, sua patria.

Dahi chamarem-se *Gipsies* pelos inglezes, isto é, quasi Egyptios.

O mesmo autor, prolongando as suas considerações, insiste:

« São uma casta indiana, expulsada de sua patria e que se acolheu á Persia, depois ao Egypto, donde se espalharam pela Europa, ha alguns seculos. »

D. Raphael Bluteau, cuja erudição e criterio fazem peso nas letras de Portugal, no seu profundo artigo consagrado á questão, apresenta algumas idéas originaes e dignas de reparo.

Assim, entre os pontos que são communs aos outros sabios, o motivo da maldição da raça, dando-lhe origem judaica; opinião que não é seguida e que nos parece insustentavel.

Destaquemos o que de mais curioso se encontra no eminente escriptor:

« *Ciganos* — Nome que o vulgo dá a uns homens vagabundos e embusteiros, que se fingem naturaes do Egypto e obrigados a peregrinar pelo mundo, sem assento nem domicilio permanente, como descendentes dos que não quizeram agazalhar o Divino Infante quando a Virgem Santissima e S. José peregrinavam com elle pelo Egypto. »

« Raphael Valaterrano faz menção dessa gente e diz que traz sua origem de uns pariahs de uma tribu da Persia, que faziam profissão de dizer a buena dicha. Querem outros autores que os ciganos viessem da Esclavonia ou de umas terras do Turco, confinantes com a Hungria. »

O autor do *Mircat*, homem de letras arabe, affirma que elles descendem em linha recta de Pharaó.

Remontando-nos ainda á erudição antiga, encontramos noticias de que no seculo XV appareceram na Europa uns Egypcios e Persas denominados *Zanguí*, dizendo-se em época remota habitadores das margens do Nilo; que no começo da era acima tropilhas vagabundas invadiram a Allemanha, e em 1422 as avançadas que chegaram a Pariz, vindas da Bohemia, tornaram-se conhecidas dos francezes por *Bohémiens*.

O celebre missionario Borrow, que conviveu largos annos com elles, que estudou-lhes a lingua os usos e os costumes, e que era considerado como um *rom* (homem), acha no seu dialecto, que é o mesmo por toda a parte, vestigios do antigo estado pariah.

No precioso livro de Ed. Thouvenel *La*

*Hongrie et la Valachie*, nota-se igual tendencia no espirito do escriptor, isto é, pelo estudo comparativo de varios termos. fazel-os originarios da India.

Apezar de vagas conjecturas, ha geralmente accôrdo em que os ciganos atravessaram o Egypto, concluindo Borrow: « Por toda a parte elles conservam os mesmos costumes e as mesmas palavras. »

Segundo os mais recentes estudos sobre esse povo mysterioso e errante, que acredita-se ter introduzido o bronze na Europa, essas tribus de caldeireiros, ferreiros, ourives, latoeiros, conductores de ursos e embusteiros, Jobert de Possa julga-os descendentes de Arabes e Mouros, conquistadores da Hespanha.

Paul Bataillard sustenta a theoria de que a emigração *bohemia*, vinda da Europa oriental e da Asia para as regiões occidentaes, constitue uma raça pre-historica, raça dos *Sigynes*, do historiador Herodoto ou Sinthies, mencionados por Homero, população numerosa da ilha de Lemnos.

O ciganologo Pott, não esposando na integra os conceitos deste sabio, vacila devéras emquanto á procedencia, o que não succede a Ascoli, que os aceita sem reservas.

Raça metalurgica na Turquia da Europa e na Hungria, jogadores de sôcco e saltimbancos na Inglaterra, seus chefes vivem com opulencia na Valachia, Transylvania e Moldavia.

Alguns na Russia possuem consideraveis fortunas.

Sem que a sciencia tenha até o presente podido esclarecer o enigma atravez do qual se esconde este povo, que tira do desprezo a que ha sido votado as armas que maneja contra as civilisações mais robustas, não passando de meras hypotheses as inducções scientificas relativas á sua nacionalidade primitiva, não acontece o mesmo com referencia ás suas migrações na Europa.

A apparição dos primeiros bandos no continente europeu, nos demonstra a historia ter sido na Hungria no seculo XIV. Dahi partiram nas direcções de léste e oeste.

Grandes levas derramaram-se pela Russia, Allemanha, Inglaterra, Italia, França e Hespanha, etc., parecendo seus paizes predilectos a Russia e a Hespanha, principalmente as mattas desertas da Andalusia, Cordova, o Monte Sacro, Sevilha e Madrid.

É claro que a distribuição dos grupos deveria ter sido gradual, tocando elles em épocas irregulares aos pontos successivos.

À margem de seu itinerario registremos as derradeiras datas e as jornadas imprevistas.



## II

Os ciganos na Hespanha — Em Portugal — Legislação para os ciganos — Extradicação para o Brazil e Angola — As revelações do Sr. Pinto Noites — O alojamento dos ciganos — O cigano é a solda da mestiçagem — A trasladação da côrte real portugueza para o Brazil — O rei e seu sequito — O conde dos Arcos — Fidalgos e vadios — Festas coloniaes — O curro no campo de Sant'Anna — O fandango dos ciganos — As recompensas — *Jála-te, bengue.*

No seculo XV, hordas de ciganos, vindos dos Pyrinéos, entraram na Hespanha, ahi chegando a 11 de Junho de 1449.

Extenuados pelas fadigas longas, banidos dos paizes por onde passavam, lançados para fóra de todas as terras, pediam nesse refugio o esquecimento e a paz para os delictos de sua vida impersistente e de lutas incommensuraveis.

E uma especie de noite os protegeu por algum tempo, começando na Hespanha a sua existencia activa, o seu despertar na sociedade, no reinado de Carlos III, que os utilisou em proveito das artes.

Esta reabilitação moral foi transitoria e enganadora; novos governos desencadearam contra os pariahs-erradios atrozes perseguições, despojando-os de seus empregos e profissões, destituindo-os da naturalisação e privilegios a que tinham direito.

Aos azares da má sorte, no combate braço a braço contra o destino adverso, numerosas avançadas emigraram para Portugal, indo mais tarde alimentar as chammas das fogueiras inquisitoriaes de D. João II, que augmentara dos codigos portuguezes as leis expressamente promulgadas para punil-os. <sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Ordenações, Liv. 5º tit. 69, § 1º. Leis de 7 de Janeiro de 1606, de 13 de Setembro de 1613, de 24 de Outubro de 1647, de 5 de Fevereiro de 1649, de 26 de Janeiro e de 10 de Novembro de 1708, de 20 de Setembro de 1760. Decretos de 30 de Julho de 1648, de 20 de Setembro de 1649, de 27 de Agosto de 1686, de 28 de Fevereiro de 1718 e de 17 de Julho de 1745. Provisão de 9 de Julho de 1679. Cartas Regias de 3 de Dezembro de 1614 e de 30 de Junho de 1639 e Aviso de 15 de Maio

A respeito dessa raça, isto é, de sua origem, costumes e tradições, nenhum echo se escapa das velbas chronicas portuguezas, a não ser o de seus passos nos tribunaes do crime e o de seus lamentos, ao tom das vagas, nas amuradas dos navios que os conduziam aos degredos do Brazil e Angola.

E é pela legislação que vamos surprender as primeiras turmas que aportaram ás nossas plagas, determinando a prioridade das provincias que as receberam.

Abramos as *Ordenações do Reino*.

Diz o decreto de 27 de Agosto de 1685 :  
« Fica commutado aos ciganos o degredo da Africa para o Maranhão. »

Nas provisões de 15 de Abril de 1718, 23 de Agosto de 1724, 29 de Maio de 1726 e de 29 de Julho de 1740, lê-se :

« Se os ciganos e outros malfeitores, degradados do reino para Pernambuco, não ado-

de 1756. Pelo Alvará de 20 de Outubro de 1760 se procedeu contra os ciganos, que deste reino foram degradados para o Estado do Brazil, e ahí viviam despoticos, commettendo furtos de cavallos, escravos e carregando-se de armas de fogo pelas estradas. Vejam a este respeito as Leis de 13 de Março de 1526, de 26 de Novembro de 1538, de 17 de Agosto de 1557 e o Alvará de 14 Março de 1573.

ptarem nesta capitania algum modo de vida estavel e continuarem a commetter crimes, serão novamente degradados della para Angola. »

Em 1718, por decreto de 11 de Abril, « foram degradados os ciganos do reino para a praça da cidade da Bahia, ordenando-se ao governador que ponha cobro e cuidado na prohibição do uso de sua lingua e giria, não permittindo que se ensine a seus filhos, afim de obter-se a sua extincção. »

Foi por essa data, segundo o Sr. Pinto Noites, estimavel e venerando *calon*<sup>1</sup> de 89 annos, que chegaram ao Rio de Janeiro os seus avós e parentes — nove familias para aqui degradadas, em razão de um roubo de quintos de ouro attribuido aos ciganos.

De sua prodigiosa memoria, archivo inesgotavel da historia de sua nação entre nós, deixou rolar, durante duas horas que com elle conferenciámos, informações admiraveis de criterio e saber tradicional. Dahi a noticia que possuimos de familias importantes do Brazil cruzadas com elles, e a lista nominal das que

---

<sup>1</sup> Cigano.

acima referimos, de onde emergem algumas da Cidade Nova, Minas, Bahia, etc.

Na intimidade desse povo intelligente e ás mais das vezes calumniado, conseguimos escrupulosamente verificar que as palavras do discreto ancião ajustavam-se á versão popular dos mais esclarecidos de sua tribu.

O Sr. Pinto Noites, dando-nos a relação das nove familias, ou pelo menos o nome dos seus chefes, comprehendidos no decreto de banimento de 11 de Abril de 1718, estabelece a ordem seguinte :

João da Costa Ramos, por alcunha João do Reino, com seu filho Fernando da Costa Ramos e sua mulher D. Eugenia; Luiz Rabello de Aragão; um Ricardo Fraga, que seguiu para Minas; Antonio Laço, com sua mulher Jacintha Laço; o conde de Cantanhede; Manoel Cabral e Antonio Curto, que foram para a Bahia, acompanhados, além de mulher e filhos, de noras, genros e netos.

— Logo que desembarcaram, terminou o nosso conferente, « alojaram-se em barracas no campo dos Ciganos, enorme e inculta praça que se estendia da rua do Cano até á barreira do Senado. »

Empregavam-se elles, pelo que pudemos deprehender da narrativa, no trabalho dos metaes: eram caldeireiros, ferreiros, latoeiros e ourives; as mulheres rezavam de quebranto e liam a sina.

Qual o rumo posteriormente tomado pelos deportados, quantos internaram-se nas florestas ou permaneceram nos centros colonisados, é uma questão complexa e de resolução difficilima.

Tropas e tropas vagabundas infestavam o norte e o sul, vivendo da natureza e na natureza, commerciendo nos pequenos povoados e piratando nas estradas. — A reprodução entre si deu-se em grande escala; o cruzamento com as tres racas existentes effectuou-se, sendo o cigano a solda que uniu as tres peças de fundição da mestiçagem actual do Brazil.

A' ebulição dos elementos disparatados de nossa formação, mais portuguezes e bohemios vieram juntar-se em 1808, em desproveito do negro, cujo manancial ia em breve estancar-se com a abolição do trafico.

O estado do Brazil nessa época era todo especial; a familia real portugueza traslada-se para a colonia, alterando a physionomia do passado.

Acontecimentos notaveis se succedem; o paiz atravessa nova phase na sua organizaçãõ politica, administrativa e economica.

Estudemos os factos.

Á chegada da cõrte real portugueza, o Rio de Janeiro era a capital de uma colonia, que a sua metropole considerava como uma feitoria. O commercio e toda a especie de industria lhe oram vedados; trabalhava na agricultura e nas minas, para mandar o producto do seu trabalho a seus dominadores da Europa.

O principe-regente veiu quasi inesperadamente, escoltado por uma esquadra ingleza de nove náos, commandada pelo vice-almirante Sidney Smith. A esquadra portugueza compunha-se de muitas náos de linha, além dos navios mercantes que iam chegando, perfazendo ao todo 3,000 pessoas, as que acompanharam o rei, no dizer do conselheiro Drummond.

O conde dos Arcos, personificaçãõ escolhida de todos os defeitos de sua casta, perseguia barbaramente o contrabando, que eram todos os productos estrangeiros. Rodeou-se de malsins, que denunciavam quem tinha uma peça ou outra de fazenda ingleza ou franceza. Se o infeliz era

negociante, mandavam que fosse por alguns dias posto de sentinella, carregado de armas, á porta da alfandega, enquanto durasse o despacho. Isto não contando as sommas com que o condemnavam.

Era prohibido por lei que no Brazil houvesse ourives! Esta lei foi derogada muito depois da mudança das côrtes portuguezas, e já existiam na rua dos Ourives lojas de ambos os Tados, mas que só negociavam com obras feitas no Porto ou Lisboa — que a metropole consentia que as usassem os habitantes do Brazil!

Do interminavel sequito da familia real poucos prestavam para alguma cousa. Eram fidalgos e vadios. Aos fidalgos mandou-se dar pensões do thesouro: aos casados de 4:000\$ e aos solteiros de 2:400\$. Os vadios foram empregados nas repartições que se crearam para esse fim.

Aos fidalgos, ainda depois do regresso da familia real, o thesouro do Brazil pagou alguns mezes as taes pensões. Posições civis e militares, a lucrativa servidão do paço, logares de governadores e capitães-generaes das provincias lhes foram dados.

E tudo isto não bastava! Creou-se a ordem da Torre e Espada — valor e lealdade — para galardoar o *valor* dos que fugiram com o rei e a *lealdade* de o acompanharem para o Brazil!!!

A desapropriação, a rapina e o menoscabo dos brios da colonia excediam mesmo dos limites da affronta...

E os fidalgos e os vadios não eram mais fidalgos nem menos vadios do que os ciganos, que certamente fizeram parte da comitiva...

Luminarias, musicas, *Te-Deum* em acção de graças e demonstrações calorosas de regosijos populares assignalavam a grande recepção do senhor na senzala do captivo.

Os ares pareciam sonoros, as janellas transformavam-se em jardins; as ruas, á noite, ao clarão das luzes, alongavam-se como rios de fogo...

Isto durou por nove dias.

Desde então a capital do Rio de Janeiro era toda festas. Repetidas vezes pomposos bandos, por ordem do Senado da Camara, corriam a cidade, annunciando que se illuminariam até os suburbios, que haveria fogo de artificio, cavalhadas e corrida de touros.

Quando o Brazil foi elevado a reino, os folgedos tocaram ao delirio: arcos triumphaes, torneios, cavalladas, carros alegoricos offerecidos pelo commercio, pela classe dos ourives, marceneiros, caldeireiros, latoeiros; representações no theatro real com o « Elogio das Estações » e *transparentes*, e o quanto a riqueza e a imaginação podem manifestar de mais caprichoso: tudo contribuiu para o grandioso do acto commemorativo.

O Sr. Pinto Noites, que ainda conserva a lembrança das festas que tiveram logar por occasião dos desposorios do Sr. D. Pedro I com a princeza D. Leopoldina, archiduqueza d'Austria, descreveu-nos com clareza o que vira, chamando especialmente o nosso interesse para o « curro no Campo », por isso que aos do seu *nucleo* couberam as glorias mais vivas.

Começaram os festejos a 12 de Outubro de 1818 e terminaram a 15.

No primeiro dia, depois das salvas das fortalezas, da recepção do corpo diplomatico no paço da Boa-Vista e das solemnidades religiosas, o povo em multidão, apinhado nas praças, nas janellas, nos telhados, impacientava-se por avistar Suas Magestades e a familia real.

As portas das casas estavam armadas de seda, as colechas de damasco espelhavam ao sol, as ruas eram scintilantes de areia fina e esmaltada de flores.

Coretos com bandas militares, arcos e bandeiras tremulando nos galhardetes, soldados dos regimentos e das milicias, gente aos borbotões, davam a essa festa o cunho da magnificencia das dynastias asiaticas...

Os sinos repicam, as girandolas estrugem, os batedores, á disparada, de espadas desembainhadas, abrem alas...

D. João VI e a sua côrte, ás aclamações das turbas, aos sons das fanfarras, entra triumphante no campo de Sant'Anna, para assistir ao curro.

O Senado da Camara abi fizera preparar um amphitheatro deslumbrante : o terreiro, aplainado para as cavalhadas, achava-se circulado de archibancadas innumeradas, com pannejamentos de cores multiplas, enfeitadas de bandeiras, destacando-se ao fundo o pavilhão de el-rei, enorme, forrado de veludo e ouro, com cortinas de damasco finissimo, estrelladas e franjadas de ouro, sobresahindo na frisa as armas portuguezas, entre legendas fulgurantes.

Nos palanques faustosamente adornados, a fidalguia e a vadiagem dominavam absolutas.

El-rei e os nobres, no seu docel sumptuoso, escutam as bandas de musica que executam dobrados e hymnos, esperando o torneio.

A foguetaria estoura, as beldades, faiscentes de perolas e brilhantes, aneiam pelo instante da justa, que deveria ser admiravel.

Em frente do palanque real, o rico e humanitario cigano Joaquim Antonio Rabello mandara arranjar, com a maior galhardia imaginavel, um tablado de preciosa madeira, de onde se erguia, dos quatro cantos, uma construcção de estylo egypcio, realçando sobre o damasco, a seda e o véludo, galões e rendas de ouro.

Joaquim Antonio Rabello, a quem a historia nacional talvez um dia considere como uma força nas agitações politicas da Independencia, assim o determinara, para o dansado dos ciganos, a quem ensaiara com enthusiasmo artistico e vestira á sua custa.

A's quatro horas da tarde rebentam bombas, as girandolas sibilam e um soar de guizos, cho-calhando nas cabeçadas e peitoraes de fogosos ginetes, annuncia as cavalhadas.

Vinte cavalleiros, com seus pagens, envergam exquisitos costumes, symbolisando christãos e mouros.

Os cavallos, ajaezados de prata, relincham escarvando a terra, sopeados na arena.

Os justadores empunham compridas lanças com fitas na ponta; simulam desafio, traçam largo aceno com espadas e lanças, indicando posições a tomarem, e separam-se.

Galopando em volta do circo, confundem-se após, saudam o rei, pronunciam discursos de embaixada, findo o que, o partido dos *Christãos* toma á direita e o dos *Mouros* á esquerda.

Depois das evoluções mais arriscadas, da corrida da *argolinha* e das *cinco cabeças*, da vencida de um delles, *Christãos* e *Mouros* vão ás varandas implorar ás formosas damas o baptismo de um olhar meigo, ou a confirmação de um sorriso de amor.

Flores, triumphos, palmas repetidas...

Nisso, um outro grupo salta na liça: — os *Ciganos*.



Guiando soberbos cavallos brancos arreados com igualdade e riqueza, balançando pennachos implantados em discos de fórma lunar, luzidos criados transpoem as barreiras.

Os bailadores trazem as bailadeiras á garupa: morenas, sedutoras como as prophetizas gentias.

Os homens trajam jaqueta escarlate, calção de veludo azul, meias de seda côr de rosa, chapéo desabado de veludo com plumas, sapatos baixos de fivelas. As moças ajustam á cintura flexivel costume de veludo, primorosamente bordado, calção, meias escarlates, sapatos de setim branco com ramagens de ouro; na cabeça, como um turbante de nuvens, um toucado azul, recamado de estrellas, como o diadema das noites do Oriente.

A embaixada cigana dirige-se ao palanque real; a musica toca, e os corseis, levemente fustigados, empinam-se no centro da planicie, rodam, dansam a polka.

Á multidão, contente do desempenho, manifesta-se com ruido.

Findos os primeiros exercicios, os pagens tomam da bride dos animaes e conduzem os cavalleiros ao recinto do baile.

Ahi, depois das cortezias á familia real, uma salva de castanholas marca o principio do dançado... E, ao som das guitarras, o fandango hespanhol pencira, arde e geme — mansinho como as

ondulações de um lago, quente como os beijos das odaliscas, lascivo como as inspirações do Poeta-rei.

Os dansarinos são victoriados: flores, fitas, applausos, elles os conquistam pela magia plangente de seus instrumentos, pela graça ideal de suas dansas.

D. João VI, participando do agrado geral, fal-os vir á sua presença. Uma banda de musica precede-os na maior ordem.

Subindo ao pavilhão, dous camaristas trazem, estendidos n'um coxim de purpura, os premios que lhes eram destinados: patentes militares aos homens e joias ás mulheres. <sup>1</sup>

As ovações, os vivas a el-rei e as harmonias coroavam os artistas e a festa...

Restabelecido o silencio, voltaram jubilosos a seu palanque.

Preludiarão na guitarra uns accórdes ca-

---

<sup>1</sup> A Joaquim Antonio Rabello, sargento-mór do 3º regimento de milicias da cõrte, foi concedida a mercê de melhoramento de reforma no posto de tenente-coronel; e nomeados alferes aggregados das Ordenanças da cõrte, José Cardoso Rebello, Manoel Laço, Antonio Vaz Salgado, Fernando José da Costa, José Luiz da Motta, Balthazar Antonio Polycarpo e João do Nascimento Natal.

sados a vozes de uma cantilena em sua linguagem.

A tradição olvidou a toada e as letras...

Para o Sr. Pinto Noites, era o *Canto egypcio*.

A's 6 horas os clarins, á frente de enorme prestito, echoavam na cidade. El-rei nosso senhor via as luminarias...

Uma mulher trigueira, no auge da afflicção, olhando para uma cruz vermelha, <sup>1</sup> pintada no alto de sua porta, fitou o rei na sua passagem, e, estendendo os braços, como que querendo repellir uma visão perseguidora, exclamou:

x — *Jála-te, bengue!*

E o prestito seguia...

---

<sup>1</sup> Era uma intimação de despejo, por ordem de el-rei, para que o morador cedesse a casa aos recém-chegados do reino.





### III

Bairros dos ciganos — Ciganos corretores de escravos — Bazar de negros novos — Casas de ciganos em 1840 — O local das reuniões — A festa de Santa Anna, por antonomasia « a Cigana Velha » — Os ciganos do becco do Bem-bom — Como elles trabalhavam — O brodio — *A Serra-baiu* — O *Anú* — O *Sereno* — A estatua da Aurora.

Em 1830, os bairros preferidos pelos *calons* para sua habitação foram o Valongo e a grande área da Cadeia Velha.

O commercio de escravos, obrigando-os a fixarem-se naquelle, em consequencia do trafico, a exploração das minas e o negocio de animaes reclamando a sua presença neste, segue-se que havia na escolha uma razão natural.

Depois de 1808 a rua dos Ciganos e o campo

de Sant'Anna foram-se despovoando desses seus primitivos moradores, que, chamados a outras funcções, distrahidos com os proventos do ouro e *barganha* de cavallos, procuravam as localidades mais proximas das estradas do interior e toda a Prainha e Saude, opulentos emporios dos carregamentos da costa d'Africa.

Quem, ao escurecer, passava por aquelles armazens, pertencentes a diversos proprietarios, dos quaes eram commissarios os ciganos, sentia desprenderem-se dos salões infectos as exhalações especiaes á raça negra, ensurdecia aos gritos alternados dos escravos que dansavam ao estalo dos açoites, horripilava-se ao ruido de esqueletos humanos, que entrechocavam-se nos pulos choreiformes, baqueando tumultuarios.

A quantas nações, antes de subirem ao patibulo das fazendas, não serviram de horto essas jaulas medonhas!

Só em 1828 o Brazil importou 430.601 escravos, entre *Cabindas, Minas-nêjos, Congos, Casanges, Moçambiques, Artos, Minas-mahy, Benguelas, Calovas e Ganguelas!*

E era o Valongo o deposito geral da mercadoria dos brigues negreiros, que empanavam

com a tanga do Africano os brilhos do estandarte nacional. <sup>1</sup>

Os ciganos, como um povo banido, vilipen-

<sup>1</sup> O governo, pela lei de 7 de Novembro de 1831, declarou livres todos os Africanos importados depois dessa data, e viu que as providencias e rigores impostos eram illudidos e desprezados, a lei sophismada e o trafico, como nunca, progredia com o maior escandalo.

Em um documento, referido no relatorio do Ministerio de Estrangeiros, apresentado ás camaras, calcula-se a importação de Africanos no Brazil, de 1842 a 1851, em 325,615.

Póde-se, sem medo de errar, garantir que, depois do acto do governo, foi ella em progressão ascendente, zombando-se da lei por espaço de 18 annos.

Segundo a opinião do consul Morgan, o numero total dos apprehendidos fixava-se apenas em 5.099, a contar da primeira apprehensão de 352 na escuna *Emilia*, em Fevereiro de 1821.

Lord Palmeston, em Julho de 1864, eleva-o a 10 mil, dos quaes só 2.565 se sabe onde paravam; quanto aos outros, diziam ter morrido ou sido furtados.

A condição 1<sup>a</sup> das instrucções de 28 de Outubro de 1834, que acompanharam a portaria do ministro da Justiça, Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho, assim concebida: « que só os possam arrematar pessoas deste municipio, de reconhecida probidade e inteireza », foi logo burlada pelo aviso de seu successor, Manoel Alves Branco, que mandou — « que se contemplasse com alguns Africanos livres o desembargador Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho, com faculdade de levar-os para fóra do municipio, a logar certo que elle indicará, satisfazendo a todas as condições das instrucções a respeito. »

As melhores peças foram para a sua fazenda de Paquequer, onde houve um celebre levante, de que possuímos noticias minuciosas.

diado, aceitaram com prazer um commercio que aviltava mais ao senhor que comprava, do que á familia, os filhos, os vencidos, escravizados com toda a sua prole, em troca de um fio de misangas, uma faca, um machado, uma bugiganga de theatro ou um trapo vermelho!

Naquelles bazares da tyrania humana e da deslealdade da sorte, o cigano, repimpado em sua poltrona, de chicote em punho, era o medianoiro de má fé nas transacções dos desgraçados que recebiam o ar e a luz atravez da telha-vã de um sotão, ou das grades de ferro de uma alcova abafada e immunda.

Assim separados do mais, murmuravam phrases barbaras e de terror, na persuasão de que os brancos os iriam devorar e que não mais veriam as areias de seus desertos e os céos encantados de sua terra.

Na loja, cuja mobilia não excedia de algumas cadeiras, uma moringa com agua e um chicote pendurado á parede, o corretor brutal dominava dous longos bancos em que, cobertos de sarna, escanifrados, nostalgicos, inchados como defuntos, expunha aos compradores os negros novos.

M... depois marquez de B... pertencia á raça  
V bohemia.

Sua immensa fortuna proveiu de ser medianeiro, na compra de escravos para Minas, a Amaro Velho, João Gomes Velho e João Gomes Barroso, dos quaes recebia uma dobra por cabeça.

O refugio entregava aos parentes, que iam vender no interior.

Os calons, adaptados por esse lado á nossa civilisação, mais salientes se tornavam pelos seus costumes e usos, incontestavelmente proprios.

Moravam em casas terreas, gostavam que tivessem tres portas, que conservavam abertas durante o dia e parte da noite.

O aspecto daquellas vivendas, que a imaginação popular architectava de superstições, do maravilhoso que incutia o terror, de chimeras diabolicas, afugentava as consciencias credulas e timoratas.

Pelo que ainda resta, e pela descripção de uma contemporanea calin<sup>1</sup>, restauremos esses quadros do passado, essas pinturas de genero, prestes a desaparecerem, como têm desaparecido entre nós as tradições dos nossos pais, as tribus dos nossos indios, o braço titanico dos nossos negros,

<sup>1</sup> Cigana.

ensanguentado e enfraquecido por quasi quatro seculos de escravidão!

1-5-  
A sala da frente de uma casa de ciganos em 1840 era ampla, perfumada e de um asseio propriamente hollandez. Á direita havia uma cama de jacarandá com escada envernizada, ornamentada de maçanetas douradas, por baixo das quaes descansavam os braços de ferro que sustentavam pesado sobre-céu de damasco; ao fundo o oratorio, que consistia n'um registo de santo colado ao muro, cercado de bicões de setim e seda de cores vivissimas, flores e fitas; a um dos angulos, circumdada de ramagens de pitanga, canela, mangueira e jasmims, grande talha coberta com toalha de crivo; ao lado, quatro copos de crystal em salva de prata, côco de prata, etc.

Dous consólos, alguns mochos de palhinha e esteiras estendidas no chão, completavam-lhe os adereços.

Em dias de festa, porém, este aposento soffria modificações: uma mesa de jantar vinha para o meio; serpentinas, castiças com mangas de vidro, occupavam os competentes logares, e as violas, enlaçadas de fitas, encordoadas de novo, aguardavam encostadas os tocadores habeis.

O rigor desta disposição foi mantido até 1850 pelos ciganos do becco do Bem-bom, convertido na estalagem que ora enfrenta com a rua do Marquez de Pombal.

Era ahi o *rendez-vous* da *élite* dinheirosa, o sitio classico de seus folguedos, de seus *brodios* ruidosos.

O proprietario ou arrendatario do terreno e edificações chamava-se Joaquim José Lopes, velho e estimado *chefe*. de reconhecida probidade e honradez. Sua mulher, D. Ignacia de Sant'Anna, corre na lenda como um typo acabado de belleza e virtudes.

No dia da santa de seu nome (Sant'Anna), a quem os ciganos chrismaram de « Cigana Velha », era curioso de ver-se os ranchos que para ali se dirigiam, com suas vestimentas fantasiosas, com seus ornamentos bizarros.

Descrevamos a scena e os personagens.

É noite. O céu é transparente e azul, aos lumes do luar. As estrellas, como conchas de diamante, brilham tremulas e parecem soltas no ether. A Cadeia Velha, com seus musicos ambulantes, com o povaréo que vai assistir ao fogo no Campo, toma um aspecto verdadeiramente feerico.

O becco do Bem-bom, bordado de casinhas iguaes e terreas, illuminadas com arandelas, embandeirado, magestoso de trophéos, assemelha-se a uma ilha encantada, que mão desconhecida assentasse sobre una lagôa de luz.

Cantos, harmonias, flores...

Os velhos envergam jaquetas de alamares; a gravata encarnada desce-lhes do pescoço, formando laço. A camisa tem fôfos no peito, o colete é de veludo furta-cores, chapéo de palha, calça de ganga amarella, sapatos de entrada baixa, de verniz, com fivelas de ouro.

Nedios, morenos, alegres, empunham bengalão de canna da India, destampam a boceta de tartaruga repleta de *amostrinha*, que offerecem aos amigos, e, arregalando os olhos, sorvem a pitada, limpando o nariz com o lenço de Alcobça, vermelho e finissimo. Grossos cordões de ouro, eriçados de figas de coraes e veronicas, reluzem estendendo-se sobre o colete e o volumoso abdomen, fazendo uma curva depois, e prendendo o relógio por ultimo.

As matronas trajam vestidos brancos, duros de gomme, enfeitados de fitas escaulates, verdes, azues e amarellas. Aos hombros, dobrado em

tres pontas, chale de Tonkin bordado a seda frouxa; na cabeça, enflorada de rosas, cravos e jasmims, agiganta-se o *tropa-moleque*, colossal pente de tartaruga, em moda no tempo.

Em volta do pescoço, enrugado e trigueiro, colares preciosos, fios de coraes e contas de ouro, dentados de figuinhas de coralina e unicornio, pulseiras, talismans, etc.

Os moços garbosos, com sua gravata solfeirina, sapatos de fivela, calças de brim d'Angola, meneiam chicotinhos de cavallo com corrente de prata.

A formosura das joveus morenas fascina; de flores nativas na coma de azeviche, a profundez do olhar, a graciosidade do semblante, os coraes e diamantes limitando-lhes o busto de bronze... tudo, tudo recorda aquellas cabeças biblicas que inspiraram o *Cantico dos Canticos*.

As casas do becco do Bem-bom estão esplendidas, as bellezas cheias de graça espalham sorrisos, colhem rendimentos, protestos, affectos!

O *brodio* começa...

Os trovadores descantam, inspiram-se.

As castanholas estalam como beijos no ar.

As violas deixam ondular as fitas estreitas

e variadas. Oitavadas pelos menestreis nervosos, os tinidos são doces e ardentes, os preludios imitam choviscos metalicos sobre uma lamina de crystal.

Na sala vastissima conversa-se, contratam-se os pares, trocam-se delicadezas, deveres polidos.

Os velhos e as senhoras mais idosas ali se acham em suas poltronas.

As luzes em profusão resplandecem, os aromas inebriam, as flores fanam-se pelo calor.

Os escravos, como uma columna de trévas, espiam do corredor...

Deu-se o signal para a dansa — É a *Serra-baia*..

— O' menino, diz um cigano velho ao tocador que ponteia: *bata no pinho!* <sup>1</sup> faz babar as raparigas l...

E, lesto, um rapagão de fôrmas athleticas pula no meio da sala e canta:

« Sobre mim raios despeje  
O céo que nos ouve agora,  
Se sobre a minha vontade  
Não tens mando a toda hora. »

---

<sup>1</sup> Na gylria, *bater no pinho* significa — tocar viola.

Terminando o verso, quebra o corpo, abaixa-se, ergue-se, puxa a feira diante de uma moça que levanta-se. Rodam duas vezes, param defronte um do outro, afastam-se, aproximam-se, recuam sapateando, saltando, dansando, cantando :

« Nossa Senhora da Gloria  
Tem grande merecimento,  
Mas a Senhora Sant'Anna  
Trago mais no pensamento. »

« É lê... lê... lê...

É lô... é lá... »

As dansas fervem no rodopio, o sapateado é mais celere e doces cantigas cantam á porfia.

No fervor do bailado a dama fica só, porque o cavalheiro senta-se. Ás suas seducções outros não resistem e dansam, ultimando a *Serra-baia* pela vez do tocador, que requebra, ponteia e descanta.

O *Anú* tem quatro figurantes: duas moças e dous homens.

A viola dá afinação mais alta, os cantadores variam as quadras, os velhos animam os pares com outros ditos :

— Bota p'ra baixo, menino! tudo por baixo!  
Aos clamores destes recresce o entusiasmo,  
os violeiros tocam mais activos e o côro repete  
o estribilho popular:

« O anú é pass'ro preto  
Só faz casa no capão... »

— *Mistôs! mistôs!* bradam os idosos ciganos,  
esfregando as mãos, batendo palmas estrepitosas.

Os figurantes quebram duas vezes, param,  
contemplam-se; as castanholas troam, as violas  
plangem acompanhando as trovas, as moças  
dansam juntas e depois os seus *vis-a-vis*.

Quando estes, isolados no salão, rompem no  
sapateado veloz, os instrumentos bambeam no  
*fandango*, as cantigas são mais ternas, e, daqui,  
dali, d'acolá, sahe um — bota a baixo! — corta  
jaca! — bravo da letra! — que exprime o jubilo  
e a glorificação.

Se cansam, substituem-se, naturalmente pelos  
que dentre elles mais amam o applauso, a dança  
e a mulher.

Além da *Serra-baia* e do *Anú*, os ciganos  
possuem outros dansados, todos porém obrigados  
á poesia.

Nas suas dansas, completamente profanas, o caracter hespanhol é sensível: o *Rola-mendengo*, o *Caboclo do sul*, o *Guabioba* e o *Candieiro*, são dansas pareadas, lascivas, sapateadas, differindo pouco entre si.

O *Sereno* é a reservada para o fim do *brodio*; é tudo o que ha de animado, quente e original. Ha expressão no gesto, attitude, mimica regular, inspirados pelo sentimento commum.

Segundo o enthusiasmo que excita o rythmo, na cadencia das figuras executadas, os dansadores cantam versos, quasi sempre tradicionaes, com relação a assumptos religiosos e outras circumstancias.

A medida caracteriza a dansa e o canto:

« Nas cidades do Reino  
Não se anda de noite  
*Promode* o sereno.

« Adeus, menina,  
Adeus, senhora...  
Ê lê... ô lá... »

Depois, os dansantes, n'um movimento rapido, dão as mãos, fecham roda.

Por uma convenção de effeito, n'um momento dado, uma dama fica no centro, colloca na cabeça um castiçal de vidro com vela accesa, sobresa-hindo nesse grupo, esvelta e somnolenta como a estatua da Aurora, coroada dos sonhos da noite e da estrella da manhã.

. . . . .





#### IV

Theoria das superstições — Deuses fetiches — O conflicto dos mythos — A ordem dos factores — Os oraculos da cigana — Pragas e maleficios — Reza de quebranto — Para obter-se o que é difficil — Para ver-se a quem está longe — Contra bicheiras — Para fazer apparecer negro fugido — Para chamar-se a quem está ausente — Para ter-se noticias — Para prevenir acontecimentos — Esconjuro — Syntheses — Na sociedade e na familia — Alcunhas — As ciganas brasileiras.

Na razão directa da antiguidade dos povos está a superstição.

A consciencia primitiva, no seu despertar, é absorvida pelo temor de um ou mais seres sobrenaturaes, e as manifestações desse estado evolutivo são as praticas ridiculas e absurdas.

Confessemos, entretanto, que nenhuma religião, nenhuma civilização excluiu a adoração de

potencias imaginarias e as fórmulas rituaes, ainda mesmo que o medianeiro plastico — feiticeiro, medico ou sacerdote — intervenha, desde que o crente tem necessidade de communicar-se com a divindade.

Naturalismo, fetichismo, anthropomorphismo, polytheismo, zoolatria, astrolatria, christianismo, etc., todos os cultos, todas as seitas, têm successivamente condemnadas como subversivas as usanças estranhas a seus dogmas.

Nada existe de uniforme, de absoluto entre a comprehensão do Ser Supremo, revelado nas forças occultas da natureza, do momento que as facções religiosas disputam-se o dominio da verdade.

O que é certo porém, é que na infancia das sociedades a imaginação occupa largo espaço nas concepções metaphysicas, espaço que se abre no realismo, commum a todas as crenças, e se fecha no tumulto que asphyxia a razão, mas de onde resurgem outras entidades, que são o reflexo das imagens tangiveis da vida real.

Entre as raças existentes no Brazil e as colonisadoras, as relações religiosas são tão disparatadas como a aproximação dos dous typos

zoologicos, completamente extremes — o branco e o negro.

O caboclo bravo, sem a menor idéa de Deus, como attestam os chronistas; o negro idolatra no periodo mais atrazado da escala dos cultos, protestam contra um ideal definido no regimen espirital. Os deuses tupy-guaranys, comprehendendo mythos homeomorphos e anthropomorphos, nem mesmo pertenciam aos nossos indios, segundo investigações de recentes americanistas, mas eram accommodações; as tribus africanas que para aqui vieram, não iam mais longe nas suas adorações, do que á transmissão que faziam das faculdades rudimentares do seu cerebro pouco denso aos *manipanças*, elevados á categoria de divindades nos candomblés convulsionarios.

Para os negros nunca foram as conjurações as fórmulas do commercio com os fetiches.

Nos *serviços*<sup>1</sup> que conhecemos, ás unções narcoticas, ás macerações, ás excitações das dansas, ao *pango* e ás beberagens tetanisantes, attribuímos as acções pretendidamente magicas.

O indio e o negro, no nosso modo de en-

---

<sup>1</sup> Assim chamam os Africanos as ceremonias de *dar fortuna*.

tender, contribuíram apenas para a nossa mythologia popular, o que se verifica com a crença da *Caipora*, das *Uyáras*, do *Sacy-seréré* e dos *Dongás*.

Emquanto a superstições propriamente ditas, augúrios, encantamentos e rezas, a collaboração portugueza é evidente, apesar de pouco avultada.

Nos *Cantos e Contos populares do Brazil*, do erudito Sylvio Roméro, ha provas do que fica expendido, na parte concernente a orações de que fazem uso as nossas populações atrazadas.

Um factor, porém, com o qual nunca contamos — o cigano — parece-nos ahí representar o principal papel, mais de accôrdo com a indole e tradições da raça, com seu character mysterioso e remoto.

O portuguez, como espirito mais pratico, mais preocupado, por conseguinte menos impressionavel, aceitava o milagre como uma imposição, sem indagar, sem mutilal-o para crear outros deuses.

Na sua fatuidade genealogica, estava engrandecer o culto externo, humanisando a divindade. Dahi o alistamento dos santos no exercito com soldo e patente; a Virgem servindo de madrinha

ás crianças; os santos padroeiros de cidades, protectores de namoros e casamentos; a intervenção directa das entidades celestes na vida publica e privada.

Remontando-nos á linguagem dos oraculos, aos exorcismos, a concepções claramente supersticiosas, não deve ser muito o que de Portugal recebemos, explicando-se o facto pelo seu genio nacional.

Navegadores audazes, entregues ás conquistas de terras para o rei, os portuguezes constituíam uma nação maritima. E o terror e o medo, que geram o maravilhoso, seriam para elles elementos perturbadores, incompativeis com o successo de suas temerarias emprezas.

Os homens do mar não sonham ou sonham pouco; a tempestade os desafia, a fadiga os prostra, o oceano canta-lhes ao ouvido uma canção monotona que os adormece.

Sem a floresta, onde em cada arvore se enrosca um fantasma, em cada montanha se asyla um monstro; sem os sonhos que dão corpo e movimento ás creações bizarras, as superstições são pouco provaveis ou quasi impossiveis.

O que adiantamos não é negar em absoluto

o quinhão que da metropole nos coube de crendices populares; mas é, fazendo o inventario da herança psychica das raças colonisadoras, marcar ao cigano o logar que lhe é indisputavel na formação desse genero de poesia, que tem doutrinado as nossas classes baixas.

Antes de tudo, devemos lembrar-nos que não ha uma abusão, um encantamento, uma oração, que não seja um echo partido das nossas mattas virgens... E as *partidas* ciganas, errantes pelos sertões, ahí vivem ha seculos; e o nacionalismo brasileiro, refractario ás grandes cidades, dellas repercute como uma correnteza á distancia.

Estudando a psychologia dos grupos colonos, embora se reconheça a actual mestiçagem do pensamento supersticioso, não é de boa critica attribuir sómente ao portuguez e ao negro o que, pelos habitos e tendencias naturaes, mais pertence ao cigano, natureza credula, fantasiosa, visionaria.

O fetichismo das nações da Africa Occidental é o lado bruto do naturalismo; e os contos das fadas, a reza de Santa Helena, legendas cavalleirescas e asceticas da idade média.

Ao portuguez devemos o *Lobis-homem*, a *Mula-sem-cabeça*, o *Pesadelo* e algumas rezas, não

persistindo o mais. Assim, o systema de *enguiços*, a lenda de *D. Branca*, prognosticos por meio de espelhos, dados, amoras...

Póde-se observar o que é commum nas crenças dos *calons*, reminiscencias do fetichismo africano, o que comprova as influencias pre-historicas da mythologia destes na doutrina sacerdotal daquelles.

Em todo o caso, o que cumpre estabelecer é que na criação informe de nossa theogonia nacional destacam-se quatro individualidades: — o caboclo, o portuguez e o negro — dominando no degráo mais elevado a cigana que lê a sina, que possue um ritual completo de oráculos, de pragas e de exorcismos.

Consultemol-a na sciencia dos presagios.

Eil-a que interpreta os augurios tirados dos animaes:

— « Quando se escuta os estalos da barata que róe, é que breve haverá *brodio*.

— « O zumbido do bezouro que entra pela janella e desaparece, é noticia de morte de algum parente.

— « Quando se vê vagar dentro de casa uma borboleta preta, é máo agouro; e para conjural-o,

é preciso a gente benzer-se e persignar-se tres vezes. — Se a borboleta é branca, é morte de anjinho; se azul ou de variadas cores — *brodios*, prazer, divertimentos.

— « O *canto* do sapo é desgraça tremenda, que trará o luto a todos, principalmente se este animal apparece em casa ou no quintal.

— « O rato que anda de dia na sala, de um lado para outro, indica molestia na familia, barulho, desavença entre parentes.

— « O grito do pato é chuva; se bate com as azas, é grande temporal.

— « Quando o grilo canta no quarto de dormir, é que está para chegar algum parente ou pessoa conhecida e intima. Se o canto é na porta da rua, é que alguém está para fazer viagem.

— « O uivo do cão a deshoras é agouro: parente que está a morrer ou em perigo.

— « Virando-se um cão de barriga para cima, no meio do soalho, indica gente que chega de fóra. Se urina dentro de casa, é fortuna.

— « *A risada* da coruja é mensagem da morte, que escarnece da humanidade. »

São verdadeiras fórmulas auguraes da sciencia dos aruspicios terrestres e da magia do Oriente.

Só dos ciganos, raça mais antiga, poderia ter passado ao nosso povo esse fragmento do calendario dos oraculos.

As suas pragas e maleficios têm o caracter talismanico e demonologico de altas origens. Os accessorios não nos foram bem descriptos, mas nessas fórmulas sente-se todo o vigor das invocações e da cabala primitivas.

## PRAGA

— « Pelos chifres do Anjo das Trévas ; — Pelas chammas que o consomem injustamente no inferno ; — Hei de ver-te perseguido : — Na lama, nas areias gordas, nas ondas do mar... — Até morreres na ponta de uma faca — Zus! zus! zus! (Crava no chão uma faca.)

— « Só se o diabo não foi atirado no inferno !... »

Exaltada como uma possessa, a feiticeira, quando finda o esconjuro, vai ao quintal, asperge os quatro cantos com agua salgada, dando tres pulos em cada um delles, terminando por entornar o resto da agua, que tirára com uma cuia, no centro do terreno.

— « Más facadas te varem as tripas! » ou : — « Ah! forca, açoitado das galés! » são pragas

1 ainda hoje por ellas usadas na Cidade Nova.

Do volumoso codigo de maleficios só podemos obter o seguinte:

— « Fulano, eu te esconjuro, com sete velas bentas e sete padres religiosos! — Fulano, teu sangue é vermelho como o sol! »

Dá tres pancadas com o pé e diz :

— « Elle aqui! Elle aqui! Elle aqui! »

As rezas no geral abrangem fórmulas de encantações, das quaes ellas tiram recursos como magismo medico, como imprecações neutralisantes de maleficios, como magia favoravel e especial.

#### REZA DE QUEBRANTO

« Jesus seja comigo  
 E Jesus fale por mim ;  
 Se Jesus falar por mim  
 Não haverá que se opponha  
 Contra mim. »

Esta oração deve ser pronunciada ao meio-dia ou á meia-noite, depois do que defuma-se a criança que tem quebranto ou bucho-virado, accrescentando :

« Nossa Senhora defumou  
O seu amado Filhinho  
P'ra cheirar ;  
Eu a ti se te defumo  
É p'ra sarar. »

## REZA PARA OBTER-SE O QUE É DIFFICIL

« Rita sois dos impossiveis ;  
De Jesus sois estimada ;  
Sois a minha protectora,  
Rita minha advogada.

« Vós, afflicta e affligida,  
Correstes p'ra os pés da cruz ;  
Eu afflicta e affligida  
Me lanço aos pés de Jesus. »

Apezar de termos colhido da boca de legi-  
timas calins estas orações, notámos que, do  
mesmo modo por que podem ser dellas, podem  
ser uma assimilação. São excepções. O character  
geral das precedentes e das que se seguem é  
diverso.

## REZA PARA VER-SE A QUEM ESTÁ AUSENTE

« Fulano, por detrás te vejo em cruz ; e por  
mim, fulano, o sol e a luz !

« Fulano, tu irás e acharás; em busca de mim, fulano, tu tornarás.

« Fulano, Deus é; Deus quer; Deus póde tudo quanto quer.

« Assim, fulano, tu acabarás em bem. *Amen.* »

#### REZA CONTRA BICHEIRAS E INSECTOS

« Bichos máos, que fazeis, que comeis, que a Deus não levais ?

« Permitta Jesus do céo que caiam de um em um, de dous em dous, de tres em tres, de quatro em quatro, de cinco em cinco, de seis em seis, de sete em sete, de oito em oito, de nove em nove — Assim como Jesus é filho da Virgem de Nazareth. »

A cada palavra, a cada phrase, fustigam com galhos de arruda ou alecrim a ulcera verminosa, gavetas onde ha traças, cupim, etc.

#### REZA PARA FAZER APPARECER NEGRO FUGIDO

« Almas! almas! almas! — As tres que morreram enforcadas; as tres que morreram degoladas; as tres que morreram afogadas — Todas tres, todas seis, todas nove, que se incorporem no coração de fulano! — Que elle não possa alar,

nem socegar, nem alliviar, sem por esta porta entrar! »

Esta invocação declamam, suspendendo uma enorme pedra, que collocam sobre a roupa do delinquente, torcida em rodilha atrás da porta, quando o sino bate meio-dia.

O processo repete-se por tres dias consecutivos, no momento convencionado, e, asseguraram-nos as ciganas, ser seguido de exito.

#### REZA PARA CHAMAR A QUEM ESTÁ LONGE

« Fulano, eu não tenho por quem te mande buscar, nem por quem te mande abalar, nem por quem te mande quebrar as mãos, cordas do coração! — Só tenho quatro *familiaes*, que estes moram nos Paraisos Infernaes! — Vem! Que estes não possam ter socego, sem que entres por esta porta a dentro! »

#### REZA PARA TER-SE NOTICIAS DE ALGUEM OU SABER-SE O QUE SE DESEJA

« Meu poderoso S. Pedro, principe de todos os apóstolos, que tres vezes dissestes e logo vos arrependestes — Uma cova funda fizestes, onde ouvistes uma voz do céo dizer-vos:—Pedro, assim

como isto é verdade ou mentira, mostra-me pela voz do povo...»

Durante horas esquecidas dedilham no rosario esta oração, sentadas á porta da rua, e, das palavras ditas ao acaso pelos transeuntes, fazem combinações a que dão inteiro credito.

Accrescentam ellas que o encanto quebra-se, se quem reza fala ou responde a quem lhe questiona.

#### REZA PARA PREVENIR ACONTECIMENTOS FUNESTOS

« Eu, fulano, vejo hoje a luz para me commendar a meu Deus, filho da Virgem Maria: —Andarei tão seguramente como andou meu Senhor Jesus Christo no ventre de Maria Santissima: — Que nem seus inimigos, nem seus contrarios, nem seus adversarios, nunca offenderam.

« Assim, minha Mãi Santissima da Conceição, não será o meu corpo offendido, o meu sangue derramado, nem mal sentenciado.

« Hoje, neste dia, em qualquer dia, em qualquer hora, com o sangue de meu Senhor Jesus Christo, andaré o meu corpo borrifado, e com o leite de Maria Santissima andaré coberto.»

« O' Virgem pura, não fostes vós aquella Senhora, que dissestes pela vossa sacratissima boca, que todo aquelle que por vós chamasse cento e cincoenta vezes havia de ser valido ?

« Pois hoje é occasião. Valei-me, Virgem pura da Conceição !

« Se vires, minha Mãi Santissima, alguma má sentença dada hoje, neste dia, contra meu corpo, pela vossa mão direita será tirada e pela esquerda revogada. *Amen.* »

Entre elles os sonhos têm um valor altamente prophetico e influem sobre os accidentes domesticos.

Eis um esconjuro classico :

—« Vai-te, Filho das Trévas, sonho máo, que surgiste á cabeceira do meu leito! — Vai-te, e cá não tornes! — Porque, se tornares, o Diabo será contigo, como a alma é com o corpo! — Zás! Vai-te! »

A forte idealisação dessas fórmulas, misturadas algumas do christianismo, não cabe na elaboração acanhada do systema nervoso central da raça negra, e escapa á individualidade calma e reflectida do portuguez, sujeito á inspecção do sacerdote, que fazia desaparecer a razão pela

7

fé, e acoimava de herezia tudo que era alheio ao santuario.

Nas fórmulas auguraes, no conhecimento do futuro, nos ritos cabalisticos, o cigano devia ter vencido o conquistador.

Indomito, perdido nos steppes, nas florestas, nos desertos, a sua physionomia é placida e sonhadora, a sua autonomia distincta como o seu typo.

No duelo travado com a justiça, nos combates empenhados contra a civilisação, elles asylaram-se no reducto de suas crenças e das sciencias occultas, cuja flor perderam, e buscam ainda nos talismans, nas conjurações, nos encantamentos, na magia, emfim, armas que defendam e offendam.

Muitas das nossas superstições e rezas não tiveram outras fontes.

— A cigana é a sacerdotiza da nossa theurgia popular!

---

Entre homens, mulheres e crianças, vivendo retirados, conservando mais ou menos seus costumes singulares, a decadente colonia da Cidade

Nova não póde ser inferior a quinhentos habitantes.

Na familia ou na sociedade, essa *nação* é de uma originalidade palpitante, mas esquiva, por isso que a escondem no seu isolamento.

Os homens empregam-se geralmente no fôro e, fazendo-lhes justiça, são honestos.

Nenhum delles até o presente foi levado á barra dos tribunaes por ladrão.

Durante os vinte ultimos annos de sessão do jury, apenas foram pronunciados dous e cumpriram pena—por ferimentos leves!

A injuria que se lhes atira é uma phrase!

Os seus modos, as suas expansões, a sua gyria, são exquisitesos.

As mulheres não dão aos homens a mão a apertar, e estes, quando se encontram, não têm outro comprimento senão :

— Olé! olá! olô! » recebendo em troca igual saudação.

Os filhos não beijam a mão aos pais; estendem o braço, e, com um tom de voz plangente e vagaroso, dizem :

— *Abença...?* e são correspondidos a sobrolho carregado : — *Adeus.*

Sem distincção, reconhecem-se mutuamente parentes: a idade é quem determina, pelo gráo de respeito que lhe é inherente, o tratamento. O que é mais moço de dous annos, chama a outro de tio e assim por diante, motivando tal estylo naturaes confusões.

Em geral, uma boa noticia, um dito feliz, um verso bem improvisado á viola ou cousa semelhante, se enthusiasma a algum delles, este cerra o punho e, n'um transporte de alegria, de assombro, desfecha sobre a perna ou sobre a mesa um socco, exclamando:

✕ — *Ê-ta, topê! bravas, meu primo!...*

Ou então:

✕ — *Bravo, charo! <sup>1</sup> simas ternacal!... <sup>2</sup>*

Uma das curiosidades mais salientes do seu viver intimo são as alcunhas que, com o habito, degeneram em nomes proprios. Constituindo esses bandos uma tribu, não é difficil desapparecerem os nomes, ficando os appellidos.

Este systema estende-se a toda a casta no Brazil. O *Beijo*, o *Rôla*, o *Catú*, o *Come-pol-*

<sup>1</sup> Moço rapaz.

<sup>2</sup> Ser arrojado, valente, magnifico.

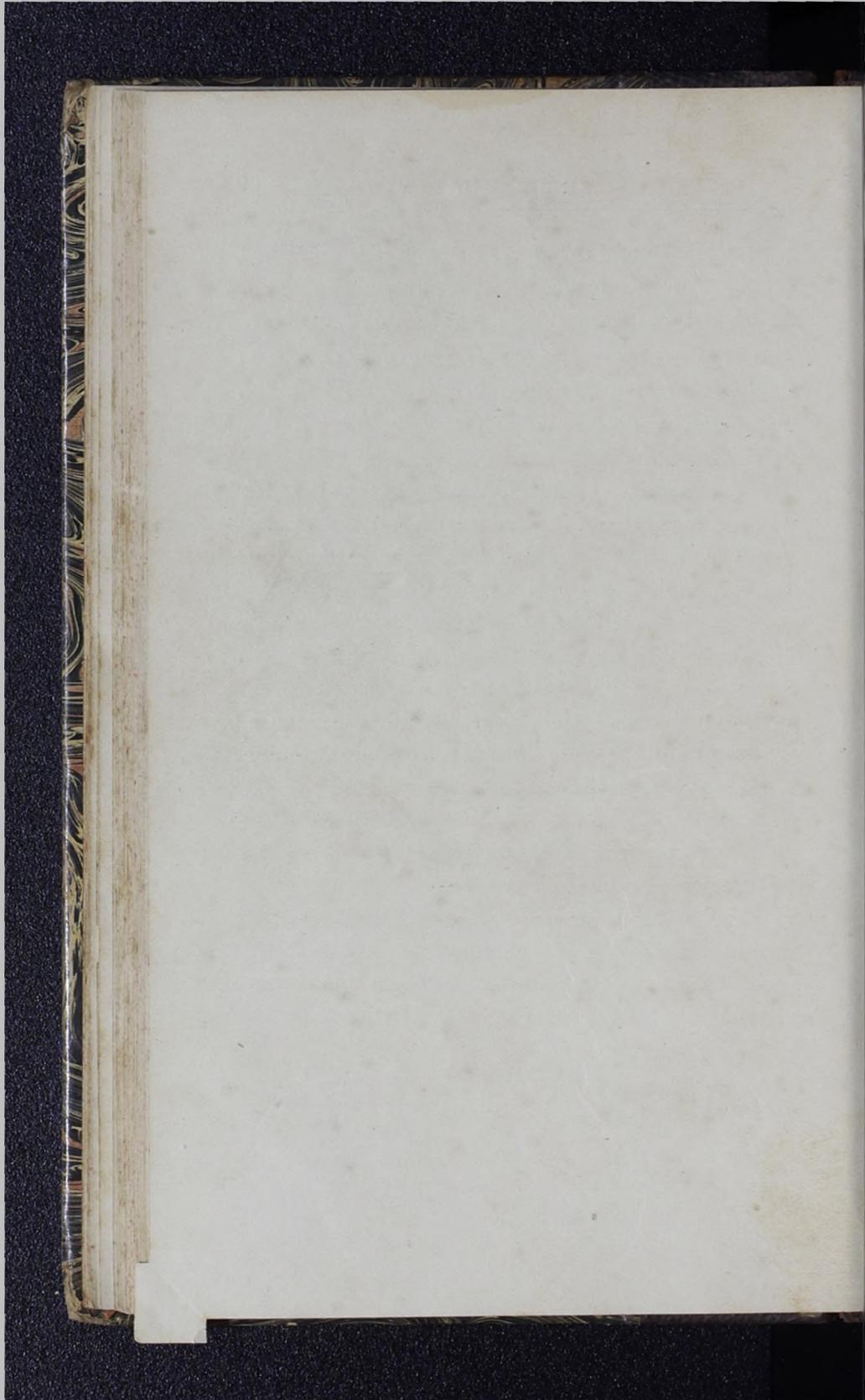
vora, etc., ciganos celebres das *partidas* de Minas, passaram á tradição com as alcunhas.

Entre os da Cidade Nova, João é *Mijim-mijim*; José, *Pés de rato*; Luiz, *Trepadéra*; Joaquim, *Papagaio*; Antonio, *Miudinho*; e outros, taes como: *Pernas finas*, *Boca de buraco*, *Mari-ripius*...

As mulheres não fazem excepção á regra. Dahi, Florisbella, por exemplo, é conhecida por *Fefé*; outras por *Zimbilim*, *Tindóla*, *Giló*, *Marmelada*, *Canela*, *Pé de tomate*, *Cóco verde*...

Nisso os nossos *calons* divergem dos da Russia, que dão ás mulheres o nome das flores, das estrellas e das rainhas...

Não é porque faltem ás ciganas brasileiras o perfume da virtude, o fogo do amor e a magestade da belleza!





## V

A evolução da familia — Heranças physiologicas e pathologicas — O *sim* e os parabens — As dadas — Os preparativos — As madrinhas e o quarto e cinco lençoes. — O *Gade* — Do discurso do Sr. Pinto Noites — A arca da alliança — Mezes depois.

O lar cigano teve os seus estylos particulares, coloridos dos reflexos dos dias antigos.

As leis de evolução, que annullaram os factos isolados, encontram esses pariás na eminencia de uma civilisação no apogeu, de onde, impellidos por forças inconscientes, desceram como homens e ainda rodeam como fantasmas.

Em sua vida, fertil de riscos e aventuras, no templo ou na praça, na cidade ou nos desertos, o balito das outras sociedades jámais mareou-lhes as tradições e os preceitos de uma moral sem quebra.

Surgindo dos nevoeiros pre-historicos ou não, o certo é que elles altearam-se á perfectibilidade sociologica, no tocante á instituição da familia.

Pelo viço de suas legendas, pelo symbolismo das suas manifestações sensiveis, pela inviolabilidade de seu regimen privativo, póde excluir-se de seus costumes a polygamia, a promiscuidade, o incesto, etc., sendo unicamente adoptada entre elles a monogamia como união sexual, estado que assignala o supremo desenvolvimento das collectividades humanas.

Como conjuncto ethnico, o casamento dos ciganos da Cidade Nova abrangia toda uma série de particularidades typicas da raça, disseme-lhantes a mais não serem das que se notam nas outras, que mais têm influido no nosso meio.

A intervenção paterna como medianeira dos contratos, os usos excentricos entre os noivos e parentes, a lealdade de revelação que infamava, a prova sacramental do *Gade*,<sup>1</sup> que assentava sobre a virgindade as bases da familia nascente, — imprimiam nesses pactos uma caracteristica sem analogias nas nossas camadas populares.

---

<sup>1</sup> Camisa.

Na sua convivencia, o escrupulo de *corpo estranho* <sup>1</sup> determina allianças entre parentes proximos e — cousa extraordinaria! — a infecundidade não os fere, observando nós, por excepção, entre essa gente, casos pathologicos, o que tambem se póde explicar pela embriaguez no acto da copula, as privações, as tristezas prolongadas, a miseria, etc.

Em nossas visitas medicas á casa de muitos delles, o que nos fez especie foi a quantidade de surdos-mudos que existe na casta. Attestamos ter prestado os nossos serviços profissionaes a familias, nas quaes dous ou mais de seus membros soffrem deste mal.

Do concurso dos sexos não só transmittem aos descendentes heranças physiologicas e pathologicas, caracteres reductiveis e irreductiveis, como tambem a individualidade moral, que varia como aspecto, mas que não se evapora como essencia.

Referindo-nos aos casamentos, os ciganos do Rio de Janeiro, até 1850, não tinham passado da phase primitiva, assim como ainda hoje as *partidas* de Minas, Bahia e Maranhão, no dizer insuspeito do Sr. Pinto Noites, o mais alto repre-

---

<sup>2</sup> Pessoa de outra raça.

sentante dos instinctos nomadas de seu povo.

Delle, que arma a sua barraca ao vento lugubre das nossas florestas e das velhas runins com quem privamos, passemos ás informações, que são tanto mais exactas, quanto são elles personagens authenticos.

Em geral o amor não tomava parte nesses actos. Não era necessario, para que as allianças se realizassem, *sympathia commum*, estremeccimento, affecto...

Dahi insuccessos frequentes, que se manifestavam pelo enfado e desprazer de uma vida inteira, da mulher ou do homem, constrangidos pelo dever a risos fingidos, e a sorverem resignados a ultima gotta de amargura que lhes envenenava os dias.

Essas nupcias realizavam-se fatalmente, como por desfastio dos pais, que se lembravam de que um filho estava em idade de tomar estado, não assistindo aos da noiva o direito de recusa.

Entre *calons* o dominio da igualdade é absoluto. Negar uma moça pedida a casamento, implica estabelecer uma luta de preconceitos, em que o provocador terá de ser vencido pelas acusações, expondo a murmurios malevolos e á

calúnnia uma reputação ás vezes immaculada.

Conhecido o dilema, o *sim* constituia a regra, a menos que a rapariga não houvesse tropeçado na deshonra.

Os tramites a seguir eram vulgares e as scenas desdobravam-se naturalmente.

Assim, quando um *bato* (pai) tinha um filho, maior de 17 annos, official de justiça ou com um emprego qualquer, dirigia-se com elle á casa de um outro *bato* que tivesse uma filha nubil.

Á distancia, percebidas as intenções, aquelle os recebia favoravelmente, com agrados declamatorios, modos expansivos, ditos chistosos...

Os dous conferenciavam em segredo, por algum tempo.

O rapaz, desconfiado e timido, de pé e afastado, escorando uma portada, alongava o olhar de soslaio, estirava o pescoço, suspendia a respiração, apanhando no ar palavras desconexas.

Se a filha não estava pura, o pai, que por instantes acariciara uma illusão, cobria o rosto de vergonha, lamentava-se, e, soluçando, desvendava o mysterio da dor que o pungia.

E esta lealdade não o aviltava diante dos seus, mais tarde sabedores do occorrido, nem no

animo do progenitor do malogrado noivo, que o aconselhava de casar-a com um *quiêrdapanin*, alvitre aceito sem exame e posto em pratica de seguida.

O consorcio com estrangeiro importava exclusão ignominiosa da tribu e pela tribu.

O contrario, porém, dava-se quando a mãe de amanhã fosse a virgem de hoje.

O avelhantado *bato*, radiante de jubilo e felicidade, vendo afundar-se no tumulo, mas resurgir no futuro, chamava a filha e, tremulo de contentamento, arrebatado de enthusiasmo, entregava ao homem de sua casta um thesouro de virtudes para a riqueza de sua prole.

Então o pai do pretendente dirigia-se a este:

— Aproxima-te; chega-te, meu filho. Olha que teu tio aceita a tua mão e se compraz de que faças parte de sua familia.

O filho, obedecendo:

— Agradeço, meu tio, a honra que me dá, certo de que, emquanto eu tiver um prato de feijão e uma pitanga, saberei repartir com sua filha e minha futura consorte.

Nesta occasião apparecia a sogra, com a

chusma de filhos, parentes e escravos, endireitando o chale vermelho, pulando de satisfeita, rindo e gritando.

O primo, pai do noivo, enfiava as mãos nas algibeiras do colete, empertigava-se, e depois, com o abraço aberto, corria para ella, tocando-se protestos cordiaes e amistosos.

O noivo beijava-lhe respeitosaente a dextra, tomava a benção ao sogro, inclinava-se diante de sua noiva e um pequeno dialogo se entabolava:

— Só lhe posso garantir, meu primo, que sua filha nunca se arrependerá. Meu filho — não é por que o seja — é muito ganhador da vida: tem quéda para as barganhas, não tem vicios, é humilde e emfim — é bom á boca cheia! Quanto ao ser pobre, todos o são.

— Sim, meu primo, eu sei o quanto elle é bom, e foram sempre esses os meus desejos; o que se quer é fortuna.

— É verdade, interrompe a reflectida sogra, a sorte é que é tudo.

— Dizes bem, minha filha, acrescenta a avó, é só della que carecemos.

— Quanto á menina, prosegue o pai orgu-

lhoso — é o que se vê: muito *laxinzinha* <sup>1</sup>; é mesmo uma alma de Deus. Dê-lhe seu filho um vestidinho de chita, uns tamancos e banha para os cabellos, quando ella precisar, e é bastante para sermos todos muito felizes.

— Isso, responde o pai do noivo, terá ella, graças a Deus, porque o menino tem *baque* <sup>2</sup> para o dinheiro e não é *cocanão* <sup>3</sup>.

Terminados os incidentes da negociação, a que os ciganos chamam *dar a barroada*, começavam logo a entrar os tios, compadres, primos e mais parentela, que vinham dar os parabens.

A casa era lavada de ponta a ponta, o soalho coberto de areia, e enfeitavam a talha de ramagens floridas.

Duas ou tres violas, encordoadas de novo, deviam ficar á espera dos tocadores dos *brodios*, que principiavam na noite immediata á do pedido e se prolongavam até á do noivado.

Em todas as direcções partiam emissarios, portadores de participações e convites.

Esta formalidade era de rigor, não se ex-

---

<sup>2</sup> Boa, boazinha.

<sup>3</sup> Fortuna, felicidade.

<sup>4</sup> Mentiroso.

cluindo mesmo os inimigos; porquanto, o casamento e a morte são para os *calons* os acontecimentos mais solemnes da vida.

Na manhã seguinte, ao levantar do sol, o noivo, pressuroso, mimoseava a noiva com um enorme ramalhete de cravos brancos e encarnados, e consecutivamente com outras dadivas esponsaes, bem como sabonetes finos, vidros de cheiros, peças de fita côr de rosa, amarella, es-carlate, córtes de vestido encarnado, côr de cravo, amarello e azul, lenços bordados de varios matizes, tudo isso acompanhado de jasmims do Cabo, alecrim, cravinas, etc.

Diariamente, para quantos chegavam, estendiam-se esteiras repletas de ignarias exquisitas, ensopados, abundancia de assados e grandes lombos de carne de porco, vianda sobremodo estimada pelos ciganos.

Erguiam-se brindes, rasgavam-se cumprimentos, bebia-se com enthusiasmo á saude do ditoso par.

Ao anoitecer, dansas, os *chorados* na viola, os descantes especiaes e os *brodios*...

No dia do noivado, que cahia sempre n'um sabbado, enfeitavam a casa com apparato e

gosto. Na porta ficavam bellos troncos de mangueira e a atmospherá que se respirava lá dentro trescalava de odores indistinctos, pela mistura das essencias acres com o fumo do benjoim e alfazema que ardiám.

A's tres para as quatro horas da tarde a habitação fervia de gente, os vizinhos abelhudos estavam attentos e os transeuntes paravam na rua.

No meio da lufa-lufa, as matronas que acompanhavam os noivos, os padrinhos, a familia, encaminhavam-se á freguezia.

Para os actos a que nos referimos, havia quatro madrinhas: duas iam á igreja e duas ficavam.

Recebidos em matrimonio, de volta do templo, atacavam-se girandolas, e, apenas os esposos transpunham o lar, cascatas de flores cahiam-lhes em ondas sobre a frente, irisadas e odoríferas.

Os menestreis preludiavam nas violas as suas toadas, os cantadores improvisavam os seus epithalamios inspirados e os convidados, de tochas accesas, formavam alas por onde passavam os recém-casados.

A' meia-noite retiravam-se todos para um

lado da sala, adiantando-se os noivos e as duas madrinhas.

As violas e as canções vibravam mais fortes.

Sobre um movel, cinco lençóis, alvos como uma hostia, aromatisados com alfazema e salpicados de flores, achavam-se superpostos.

Quatro tochas accesas, encostadas a uma mesa, derramavam sobre o linho uma luz de ambar e ouro. As janellas fechavam-se, a inquietação transparecia em todos os semblantes: o rito sagrado do *Gade* ia cumprir-se.

E os padrinhos, que tambem eram quatro, desdobravam os lençóis, os suspendiam acima da cabeça, juntando as extremidades, passando um ao outro os cirios que sustinham, alongando o braço opposto e formavam o quarto onde o sacrificio incruento deveria celebrar-se.

Então nelle entravam os desposados e as duas sacerdotizas.

Os instrumentos tangiam mais vigorosos, como que para suffocar algum gemido de dor...

Uma das matronas despia a noiva, deitava-a sobre um leito, introduzia-lhe o dedo indicador no vestibulo da vagina, despedaçava a mem-

brana hymen, enxugando na *camisa de cambraia* as gottas de sangue da virgindade.

Vestida novamente, a um signal ajustado, os padrinhos largavam os lençóes, e o marido mostrava no *Gade* as *rosas da pureza* aos alaridos do festim.

Depois da musica, dos cantos, das palmas e das flores, o noivo recitava um discurso. O final do que pronunciara o Sr. Pinto Noites é textualmente este :

« Senhores! os meus louvores e a minha embaixada estão descriptos no quadro de formusura de Luiza, meu thesouro! »

Bravos, trovas, felicitações...

O *Gade*, solemnemente acondicionado n'uma caixinha de preço, embebido de aromas suaves, coberto de folhas de alecrim, ficava pertencendo ao esposo, que o guardava para sempre como penhor de sua alliança.

E o *brodio* recomeçava...

---

Estes usos não salientavam-se abruptos como montanhas em planicies vastas. Havia em tudo um estylo, uma concatenação, uma gradação harmonica.

Como corolario da cerimonia nupcial, o nascimento de alguma criança revestia-se de um character obrigado a deveres restrictos. É que o cigano, tendo perdido sua patria de origem, suspendia o berço de seus filhos á sombra fresca de suas tradições errantes.

Logo que uma mulher gravida estava a termo, e que as dores preparantes a arrojavam na cama, assistiam no quarto á parturiente tres parentas mais chegadas e na sala cantavam os visitantes cantos sagrados a *Duvél*, para suavisar os soffrimentos da enferma e dar boa sorte ao *anjinho* que ia nascer.

As comadres e tias, com talismans milagrosos, com rezas infalliveis, com figas e bentinhos que lhe deitavam ao pescoço, apoiavam nos braços a doente, encorajando-a, soprando-lhe no rosto, fazendo-a recordar do quanto padecera a Virgem por seu bemdito Filho, quando viera ao mundo.

Ao primeiro vagido, uma ou duas iam á sala annunciar que um — menino ou menina — havia chegado á *tribu dos vivos*, despertando esse aviso cantares em *acção de graças*. A criança era lavada com agua e vinho, n'uma bacia de

prata; dentro deitavam colares e moedas de ouro, para que tivesse fortuna.

Depois da ligadura e córte do cordão, enxuto em riquíssima toalha de linho e crivo, defumada de alfazema, o pai a tomava no colo e a beijava com transporte.

As parteiras faziam a *toilette* da parida, botavam juntinho o recém-nascido, o quarto se abria a meia porta, e os parentes entravam para vel-o.

Para que os visitantes não trouxessem *mãos ares* e não levassem a *felicidade* que tivesse trazido o pequeno, defumavam-se antes e depois de penetrarem no aposento.

Jóias e objectos de valor cada um lhe offertava, presentes estes que vendiam, servindo o dinheiro para a compra do enxoval.

O nome que lhe punham era do santo do dia, dos padrinhos, e, no caso de divergencias, lançavam sortes, sancionando-se religiosamente a decisão do acaso.

Na mesma noite ou na immediata havia cantoria e bailado.

O baptisado não differia dos nossos.

---



## VI

A morte é a continuação da vida — O mundo real e o mundo invisível — O per-espírito — Ultimos deveres — Ciganos e Egypcios — Na Cadeia Velha e Valongo — Molestia, agonia e morte — O embalsamento — O *janhar* — A viuva — O enterro — Actualidade, na Cidade-Nova — Noite Cigana — Os trovadores da morte.

O cadaver, antes de ser a partilha do anatomista que disseca o musculo para estudar-lhe as fôrmas, as inserções e as relações, foi em todos os tempos o simulacro de uma parada subita na vida, de uma entidade definitiva seguindo diverso rumo.

As pompas funerarias entre os povos infantis revelavam que a idéa da morte, alliada á idéa de somno physiologico e dos sonhos, é a base da theoria da immortalidade da vida, depois da cossação absoluta das funcções nutritivas.

Desde os ritos grosseiros da Polynesia e dos negros do Katunga e Dahomé até ás pompas lustraes das raças brancas, a crença na continuação da existencia material além-tumulo é o exodo da alma immortal, incorruptivel, etherea, apercebida pela consciencia humana depois de uma evolução difficil, lenta, tardia...

Dahi vêm as provisões de viveres e armas de combate de que os povos selvagens cercam os despojos dos seus; as mulheres, os filhos, os parentes enterrados vivos com o defunto; as hecatombes horriveis de escravos e prisioneiros de guerra; o sacrificio de victimas isoladas para levarem noticias ao morto na viagem da eternidade.

O mundo invisivel, fabricado pelas imaginações primitivas segundo os moldes do mundo visivel, de conformidade com a natureza e as condições geraes e especiaes do *meio*, forneceu os elementos figurativos dos deveres e cuidados para com os que morrem.

Se algumas tribus abandonam ás aves e ás fêras os cadaveres expostos sobre as arvores; se outras os lançam aos rios ou os cremam; a piedade humana, as preoccupações de estados pos-

thumos não impedem que todas as raças rendam ao finado o tributo á morte, e os cuidados benevolentes áquelle cuja existencia foi apenas interrompida.

Os Ciganos, como os Egypcios, reúnem nos destroços de seus ritos a mais alta concepção da individualidade persistente e da individualidade futura; para ambos a alma é material, quer dizer — conserva a semelhança e os attributos corporeos.

Procurando o genesis dessa comprehensão, a encontraremos nas illusões, nas alucinações, nos sonhos e nos somnos pathologicos.

Não obstante os Egypcios e os nossos antigos *calons* consagrarem no seu ritual funerario a lavagem do corpo; aquelles rodearem as mumias de divindades mythicas, a uniformidade do pensar só destôa entre estes, quando o christianismo lhes empresta as ficções perfumadas do incenso de seu mysticismo admiravel, ainda que aviventadas pelas crenças anteriormente pagãs.

Faltando-nos o criterio preciso para um estudo comparativo da criação da alma entre elles, quasi esquecidos de suas tradições e da theologia de suas hordas, suppomos entretanto evidente a influencia egypcia no seu ideal.

Excepção feita dos velorios (*janhar, janhar-nipen*),<sup>1</sup> communs a muitas populações, mesmo da Europa, e que se encontram nos costumes dos indios desta parte da America, são variadas as relações rituaes dos ciganos brasileiros com os fragmentos das fórmulas sagradas que a egyptologia tem podido decifrar nos papyrus e inscripções do Egypto.

Descrevamos o que se dava, no começo deste seculo, na Cadeia Velha e Valongo, em uma casa dessa gente, por occasião da morte de um delles; assistamos em espirito a essas scenas, cujos actores, n'uma simplicidade remota, tinham como espectadores todo o seu passado, que se aninhava no mysterio, todas as gerações que se foram, das quaes elles ahi eram os representantes no momento supremo da dor.

Do character desse drama de superstições, desse conjuncto de situações extraordinarias, dessas manifestações pungitivas e lugubres como o estouro da vaga nos mares desertos — restabelecamos o pensamento capital, que quebra-se contra a rigidez cadaverica e echôa na necropole de um

---

<sup>1</sup> Chôro, lamentação, velorio.

povo que foi grande como as suas instituições e os seus monumentos.

Ultrapassavamos as devisas coloniaes...

Quando um cigano adoecia e os phenomenos morbidos denunciavam gravidade, as pessoas da familia o entregavam a um profissional, que de ordinario era o mais conhecido por sua dedicação e desinteresse.

Medicado o enfermo, a confiança na sciencia consolidava-se com as melhoras deste, e retirava-se logo que os symptomas, aggravando-se, prognosticavam desenlace fatal.

Neste caso, chamavam uma curandeira — velha *calin* a quem davam o nome de tia — para benzer e rezar suas rezas especificas, na intenção de restabelecerem o doente, recorrendo os parentes aos vaticinios se os reforços da mythologia medica eram improficuos e as benzeduras inuteis.

Quando os phenomenos precursores haviam annuciado o periodo terminal da molestia e as bulhas da agonia faziam-se ouvir, a casa ia pouco a pouco enchendo-se de parentes, ávidos e curiosos, circulando naquella atmospheria phrases importunas, que ás vezes perturbavam o estado todo particular do agonisante.

De pontos distantes affluíam mais e mais, que vinham compartilhar dos pezares do lar que a morte principiava de obscurecer com a sombra esgarrada de suas azas.

Acercados do moribundo, que revezava o olhar prestes a atufar-se nas trévas eternas, mão amiga enxugava-lhe o suor viscoso, apagava-lhe a derradeira lagrima, contrahia lhe nos dedos sem tacto o cirio acceso, e o sussurro abria margem ao lamento, a afflicção prorompia no soluço e o desespero retumbava nas apostrophes, nos gritos aphonicos do nervosismo convulsionario...

Atiravam-se sobre o morto, erguiam as mãos supplices aos céos, invocavam os santos de sua devoção, e depois appellavam para a resignação, que é um bem, e para o fatalismo, que é um dogma.

Lavado o corpo, untado com oleos e hervas aromaticas, com sua vestimenta magnifica, o transportavam para um esquife, fornecido por irmandade religiosa, e o collocavam sobre um estrado coberto de veludo preto, agalado de ouro, guarnecido de oito tocheiros.

Seguiam-se as narrativas funebres de suas virtudes, de seus exemplos de caridade e abne-

gação; lembravam os trajés de que usava, as comidas que mais saboreava, as quadras que dizia nos *brodios*, finalmente a sua vida inteira, na sociedade e na família.

E *janhavam* :

— Oh! como era bom, quando estava em casa, ponteando á viola...

Choro e gemidos entrecortados respondiam ao lamento.

UM PARENTE — Quando chegava da rua, cansado, que se deitava naquella esteira.

UM FILHO — Vejam o lenço que tinha na mão, quando nos deixou. Ai! ai! ai!..

A VIUVA — Olhem o chapéozinho d'elle; não o botará mais na cabeça. Ai! ai! ai!.. Que sorte, meu Deus!

— Minha tia, diz um dos circumstantes, tenha paciência, é este o caminho da verdade.

A VIUVA — Sim, meu sobrinho, sim. Ai! ai! ai! Venha ver como está; parece que está dormindo. Ai! ai! ai! Que sorte! que sorte é a minha!

OS PARENTES, vendo o cadaver — Ah!! ah!! como encolheu tanto!

A VIUVA — Sim, sim, é para crescer no céu.  
Ai! ai! ai!

UM IRMÃO — Console-se, minha irmã; resigne-se, que a resignação é uma prece que cahe nos seios de Deus.

A VIUVA — Sim, tenho muita resignação; mas a dor é maior do que a vontade que temos.

Neste interim chega um parente, que vem transmittir os pezames á viuva:

— Então, prima, morreu o primo!

A VIUVA — Oh! não, primo; agora é que elle começa a viver.

O PRIMO — Sim, minha prima, dorme-se melhor para acordar no céu.

A VIUVA — Os sapatos que calçava todas as manhãs, depois de os ter engraxado... Ai! ai! ai! Tudo se foi com elle; até a luz da minha vida com a sua se apagou.

Que sorte! que sorte, meu Deus! Antes as facas me houvessem atravessado, *Duvel!*<sup>1</sup> do que elle ter morrido.

A viuva cortava os cabellos, deitava metade sobre a região precordial do finado e envolvia o

---

<sup>1</sup> Deus.

rosto no vestido com que estava ao expirar o marido. Proferindo palavras cabalísticas, atirava tudo n'uma fogueira lustral, preparada para este fim.

Antes de sahir o enterro, empilhavam junto ao catafalco as roupas do morto, os pratos em que comia, a viola, as joias, etc., e *janhavam*, suspendendo-os successivamente...

Até o levarem á tumba, a viuva andava de rastos sob o estrado, rezando por aquelle que lhe fôra o amor, o amparo e a vida.

O sahimento dirigia-se á igreja...

O esquife, carregado pelos Terceiros, ia coberto de flores e borrifado de lagrimas.

A infeliz, de pés descalços, vestida de eterno luto, os filhos e os parentes, acompanhavam-no...

E as encommendações dos padres e os cantos religiosos dos ciganos remontavam-se do recinto das catacumbas, como uma grande aguia que transcende o espaço!

---

Actualmente, que o tempo devorou-lhes quasi as tradições, o cadaver perdeu os seus balsamos, as aguas purificadoras exhalaram todos os aromas,

o estrado mortuario transformou-se em eça ou mesa commum, de antagonismo com o accessorio legendario á celebração do rito.

O que vemos hoje? O que subsiste ainda nos costumes destes pobres, que por ahí vivem no desalento e no infortunio?

Observemos directamente.

Representa-se o mesmo drama, que tem por protogonista a Morte, por interlocutores uma familia em pranto, servindo de cõro a essa representação tetrica os ais e as lamentações dos parentes do finado, — convivas da desgraça no banquete das lagrimas!

Penetremos a camara-ardente. É a sala de uma casa de ciganos na Cidade Nova. As portas escancaradas da alcova mostram aos assistentes um oratorio feito de fõfos de panninho amarello, azul e encarnado, com flores da mesma fazenda e cores, adornado de estrellinhas douradas, tudo issq disposto por uma esthetica especial; em volta de uma estampa da Virgem, pregada na parede.

Por baixo ha uma commoda antiga; sobre ella um copo d'agua benta, alguns galhos de alecrim e dous castiçaes de vidro com velas accesas.

A alfazema e o benjoim crepitam no *defumador...*

Um menino atiza o fogo, soprando as brazas, e a fumaça condensa-se em novelos, dissipando-se no tecto.

No centro da sala, com poucos moveis de jacarandá e já deteriorados, uma mesa que serve de eça ao cadaver amortalhado em seu caixão.

A viuva corta os cabellos e os colloca sobre o peito do marido. Descalça, desde esse momento, não senta-se mais em cadeira, porém no chão, pelos cantos.

— É a penitencia do corpo na penitencia da alma!

Os convidados, que são todos parentes, chegam...

Soluços... imprecações... ais...

A familia, n'um pranto insoffrido, lamenta, erguendo no ar as roupas do finado e seus objectos predilectos.

— É a misera no supremo da agonia! Aquelle semblante fatigado das vigalias á cabeceira do enfermo tem alguma cousa de magestoso e severo; aquelles braços em semi-circulo sobre os

estragos da morte, dissereis uma visão dos tumulos; por aquella boca que se abre passa a voz das sybilas, rompendo das faixas do jazigo.

E *janham*...

O *janhar* dura até o amanhecer, sendo apenas interrompido pela entrada de alguma pessoa, o que dá logar á viuva — não a todas — a fazer considerações a respeito dos soffrimentos do marido durante a molestia e durante a hora extrema.

Então todos lamentam, n'um recitativo em tom menor, alteando e abaixando a voz, a série das alternativas pathologicas, até o alento final, o derradeiro suspiro, que nas crenças *calins* é uma escada mystica por onde a alma sobe e vai viver de novo em companhia dos conhecidos e parentes, que a esperam no céu.

No correr da melopéa, são escriptas e depositas as *mensagens*, em verso, que o defunto tem de levar para a outra vida.

No meio do alarido, do tumulto, do choro, de vez em quando gritos hystericos, agudos e prolongados, desatam-se dos labios de alguma mulher que se debate no corredor, a que as ciganas dão o nome de *certas ancias*.

Depois do enterro a casa fica deserta; a fa-

milia muda-se para a de um parente, que a acolhe sob seu tecto pobre, mas hospitaleiro.

Na habitação onde se acha a viuva não mais se fazem ouvir os tinidos da viola, porém os lamentos da infortunada, que passara da escuridão da pobreza para a escuridão ainda maior da miseria.

Com excepções, as ciganas conservam o luto, a menos que não seja contrahindo segundas nupcias, o que difficilmente acontece.

---

É um quarto de estalagem á rua do Alcantara.

Os ciganos reúnem-se; a tristeza de um determina o contagio. Dentro em pouco a viola que harpeja é a interprete da melancolia que lhes envolve o coração...

Por aquellas faces trigueiras deslisam grossos fios de lagrimas, como o orvalho sobre as folhas crestadas do verão.

As mulheres, sentadas em seus bancos de pinho, erguem o olhar n'uma immobilidade extatica. Os meninos, acorados no chão, attentam pasmados; os menestreis afinam suas violas, e á

luz da candeia, que esclarece fantasticamente o grupo, as illusões mortas desfilam, com as palpebras pesadas de um somno de chumbo e com a fronte coroadada das rosas pallidas do sepulchro.

E elles, absortos, a cada sombra que avulta perplexa, contam uma magoa, modulam uma canção funebre.

Os dedos do tocador de viola arrancam sous nunca ouvidos; pelos labios dos improvisadores inspirados gemem, nos centornos limpidos da fórma, todas as nostalgias de uma raça, todas as desesperanças de um povo!

— O' morte, porque roubaste  
A minha Felicia bella!  
Meu prazer, minha ventura,  
Tudo levaste com ella!

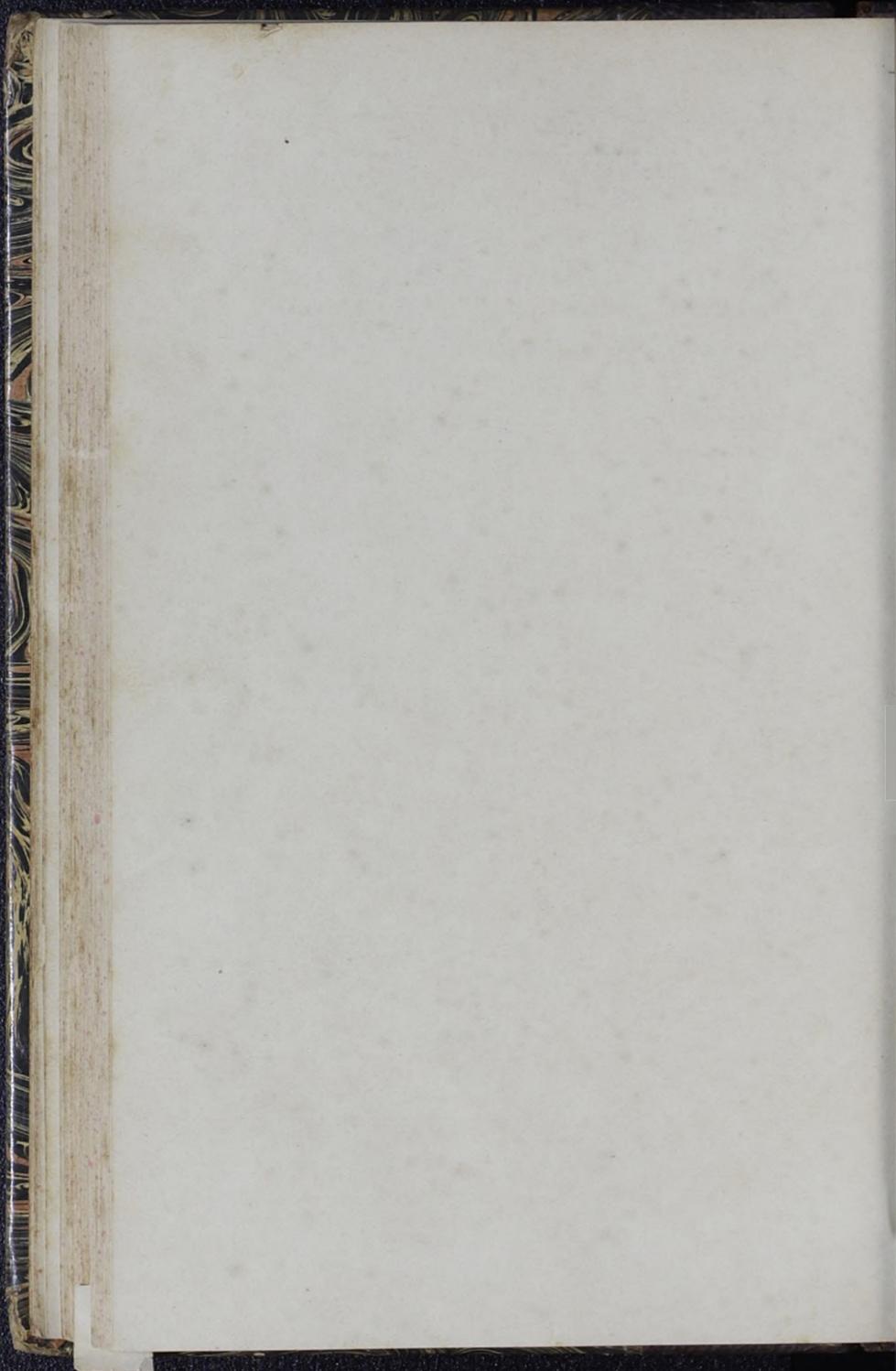
— Fui a campa descobrir,  
Tua imagem procurei;  
A fé que tu me juraste,  
Eu te encontrando, encontrei!

— Uma vida atormentada  
Não é vida — é crueldade!  
Rasguem-se os pannos da scena,  
A morte é felicidade!

.....  
Como é sublime a consolação que des-  
abrocha das lagrimas!...

Como é vibrante e dolorida a alma prophetica  
do cigano!...







## VII

Estudo psychologico — Elles e ellas — A mãe dos desventurados — Typos e heranças — A média da vida — Gíria e appellidos — A edilidade cigana — Um drama inedito — O ninho da Fome — O mendigo que se embriaga — O fogo e a canção.

Os desclassificados habitadores da Cidade Nova são na totalidade supersticiosos e desconfiados; fogem dos outros homens, mas não lhes votam rancor, sentimentos hostis.

Com o desalento aninhado na resignação, attribuem os acontecimentos mais comezinhos a um destino de influencias inevitaveis e a cujos effeitos o individuo tem de ceder ou succumbir na luta.

Qualquer lance menos bondoso da sorte os abate, considerando-se desde logo irremediavelmente perdidos, desgraçados. — Dahi a sua pu-

silanimidade, o abandono em que têm cahido, a embriaguez a que se entregam para adormecer-lhes pezadumes innatos.

As mulheres *calins*, no infortunio, são sublimes: a sua Fé olha para o infinito e não empallidece; e a sua Esperança, resguardando a ancora, não recia o abysmo.

Ligando-se em matrimonio *com corpo estranho* são infelizes, vivem descontentes, uma ou outra se prostitue, verificando-se que sempre com pessoa de sua casta.

Os ciganos não se separam, unem-se; não se divertem, aborrecem-se; não discutem, resmungam, queixam-se, monologam comsigo.

Suas phrases são severas e concisas, os seus pensamentos melancolicos e aphorismaticos, a sua voz azaphica, desigual.

Reconhecidos ao mais futil beneficio, as suas demonstrações revestem-se de apparatus declamatorio, de expansões largas.

Entre si não se exploram, protegem-se; não se diffamam, exaltam-se: — são francos, bem intencionados, caridosos.

Se morre algum, as despezas do enterro e missa correm por conta dos *parentes*, que, como

uma divida contrahida para com o morto, incumbem-se de soccorrer a viuva e encarregam-se dos orphãos.

As ciganas nunca separam-se de seus filhos pequenos, nem se descuidam dos desvalidos, aos quacs abrem coração materno. Conhecemos uma que é a Providencia de duas criancinhas a quem estremece, e ensina todas as noites a orar por aquelle que já está no céo.

Para o *calon*, o ideal do amor é um batel vogando n'um rio de lagrimas; uma floresta batida de aves nocturnas e cavalgada de sombras; uma rosa escarlate... engulida pela tempestade!

Á Morte elle pede as suas inspirações, e á Dor o crepe estrellado de sua poesia de anti-theses.

Isto em quanto á sua psychologia.

Demographicamente falando, não é menos assignalada essa raça que tem vivido entre nós desde os primeiros periodos de nossa existencia colonial, não despertando a actividade de um sabio, que sob qualquer ponto de vista a contemplasse nas suas investigações.

Dos poucos que restam, espalhados pelas ruas

de D. Feliciana, Alcantara, Senado, Conde d'Eu, Princeza dos Cajueiros, Aterrado, etc., o que se observa como demographista, o que se obtem como subsidio á ethnographia brazileira?

Concentremo-nos um instante e folheemos as nossas notas.

Os ciganos primitivos eram todos bronzeados, mas de um bronzeado escuro e fixo; de olhos pretos, rasgados e penetrantes, cabellos negros, que lhes cahiam em ondas, crespos, sobre as espaldas: presentemente o colorido da pelle varia e com elle a nuança dos cabellos e dos olhos — Eram valentes, como os que descendiam dos Ricardo Fraga, Antonio Laço e Antonio Curto, e esta valentia, se subsiste, é a herança de algum bisneto, que passa obscuro nos sertões de Minas Geraes ou Bahia.

Não conservando os appellidos dos seus chefes, visto como as suas tropelias podiam attingir-lhes nas perseguições da justiça, desquitavam-se do nome de familia, interrompendo assim a mais leve idéa de parentesco.

Por semelhante motivo os desta capital congregaram-se, e, para se destacarem dos que infestavam as estradas, resolveram conservar os

appellidos de seus avós, que em nada os compromettiam e que disse se ufanam.

Por isso, a descendencia de João da Costa Ramos é conhecida pelos Costas, notaveis como cantadores e tocadores de viola, francos e generosos. O velho tronco Luiz Rabello de Aragão perpetuou-se nos Rabellos — poetas e litteratos, e entrelaçou-se com a familia Cabral, que nos tem dado oradores parlamentares, officiaes do exercito, homens conceituados no magisterio, no fôro, nos cargos de secretaria e na tribuna sagrada.

Dos Catanas, que nos persuadimos serem oriundos dos Laços, Antonio Curto e Fragas, ciganos destemidos e das tropilhas nomades, ha um medico que foi jornalista e a quem consideramos como collega distincto e intelligencia de relevo.

Além destas familias, uma outra existe — a das Helenas. É de tradição que destas mulheres de belleza adoravel partiu o mestiçamento da casta no Brazil, o mão exemplo no lar domestico. De quem emergem não nos disseram. Que são lindas, podemos affirmar, pois a mais de uma fomos apresentado.

A média de idade desse povo é de 40 a 50 annos.

Bem poucos chegam além, excluindo os Cantanhedes, apropriação (afirmaram-nos depois) do titulo de um conde de Cantanhede, fidalgo portuguez que viajava na não S. Vicente, em que vinham os deportados que constam da declaração do Sr. Pinto Noites. O pseudo conde chamava-se Peres.

Nesta, os casos de morte não são vulgares antes dos 70 annos, verificando nós no obituario um de 100.

Pondo de parte as suas aptidões hereditarias e a sua genealogia, para devassarmos com mais attenção a physionomia de seus costumes, encontramos admittida entre elles uma giria, por meio da qual se fazem entender em situações anormaes e por habito.

Comprehende ella uma correspondencia completa pelo desdobramento de um vocabulo em pensamentos, em phrases inductivas.

Essa gente, de uma subtileza indizivel, engendrou todo um systema de communicacão reservada, de sorte que, quando dous ou mais encontram-se diante de estranhos, facilmente transmittem-se idéas, conversam despercebidos.

Assim, na sequencia do dialogo, pronunciadas

a esmo as palavras: *Cabeça* — significa maldade, ruindade, imprestabilidade; *Amaro* — covardia, fraqueza, impostura, mentira; *Topé* — riqueza, luxo, asseio, felicidade; *Caconda* — longitude, afastamento, escuro, deserto; *Batuera* — tudo que é triste, afflictivo, infeliz, pobre, etc.

Tal systema é extensivo nos appellidos. Aqui, uma vizinha, é a *Vizinha dos trapos*; ali, é a *Desmanchada*; acolá, é a das *Oveias*...

Com mais espirito do que a actual camara municipal, que tem substituido idiotamente nomes historicos de ruas por outros, dentre os quaes de datas e de individuos nullos, de estrangeiros que têm enriquecido com os incendios e a fraude, a edilidade cigana os troca livremente, antepondo becco ás suas substituições.

A rua do Visconde de Itaúna é o becco do *Dedeco*, a da Providencia o do *Sapatinho*, o Sacco do Alferes o do *Cocó*, a travessa das Partilhas o das *Bellezas*, a rua de Riachuelo o dos *Barros*, a do Alcantara o da *Botija*, a rua de S. Diogo o das *Torcidas*, a de S. Leopoldo o das *Gyras*, a do Bomjardim o das *Viuvvas*, a do Porto o do *Quebra-Osso*...

Estamos na rua de D. Feliciana. É a hora mortuaria da Natureza, em que o crepusculo doura mais pallido os tectos dos albergues, em que o cypreste veste-se de luto e chora por não ter flores para a lousa dos finados.

Na continuidade daquella rua existe o largo de Santa Maria, a um lado do qual demora uma estalagem orlada de casinhas de porta e janella, conhecida como um aldeamento de ciganos.

Semelhante a um navio arrojado pelo naufragio sobre as paragens de uma bahia deshabitada e que servisse de asylo aos naufragos de outra viagem, nesses cubiculos representam-se dramas que resumem a agonia dos crucificados e a serenidade dos martyres de uma convicção inabalavel.

Nesse lar miserrimo, nesses quartos occupados por elles, cada personagem que se alterna é uma encarnação illuminada da fraqueza humana e da consolação divina...

A cigana canta e trabalha, crê e espera.

Os filhinhos nús ou maltrapilhos brincam e pedem pão ; — aquella sala estreita é um mundo de angustias. — As avesinhas, sob a aza materna, nem sequer encontram os grãos amargos do deserto !

— *Duvêl! Duvêl!* e um olhar morno crava-se na obscuridade do céu como uma prece murmurada baixinho aos pés da Omnipotencia.

Desde o amanhecer o marido pauperrimo interrompe o passante, pedindo « uma palavra em particular », que quer dizer um auxilio de dinheiro para levar á familia.

Attendido, volta mais conciliado com a sorte, entregando á esposa a migalha que lhe não recusara a caridade publica.

Às vezes, porém, os minutos e as horas, a manhã e a tarde passam-se, sem que uma alma ao menos se condôa de seu infortunio. A mulher o aguarda inquieta; os filhos, pallidos de fome, alinhados ao portal da rua, espreitam para todos os lados, attentam a todos os tropeis...

E vem a noite.

Uma criança, de braços n'uma esteira, com a face apoiada nas mãos mirradinhas, cansada de chorar, adormece e sonha...

As outras, despertas, acercam-se da mãe que as beija e reza á luz do oratorio.

De repente um vulto assoma cambaleando, afogueado e taciturno...

É o miseravel que pedira á embriaguez um instante de tregoa á sua tortura de um dia.

A esposa o recebe nos braços; os filhinhos saltam-lhe ao colo.

Dous *parentes*, que o acompanharam, enfiam a cabeça no espaço entre-aberto da porta e entram, emquanto que o infeliz marido desentrola sobre a mesa um embrulho de carne que trouxera e senta-se.

A companheira fiel accende o fogareiro, prepara a refeição e mostra-se satisfeita.

Os meninos a ajudam na lide e acordam o irmão.

Emquanto os tres conversam, os carvões em brazas esclarecem esse quadro de escola extinta.

Depois, um sorriso... depois, uma canção n'aus labios de mulher:

« Mais vale a tosca palhoça  
Onde nella o riso mora,  
Do que palacios dourados  
Onde no ouro se chora. »

— É a calma da virtude no sanctuario humilde da desgraça!...

---

SEGUNDA PARTE



TROVAS CIGANAS





## TROVAS CIGANAS

---

### NO CEMITERIO

Conheci das proprias flores  
A natureza e a sorte!  
Umás — a vida respiram,  
Outras — respiram a morte!

Umás nascem para adorno  
De ricos salões dourados!  
Outras mais tristes ensombram  
O retiro dos finados!

.....

Não admira, portanto,  
Bons e máos fins dos viventes,  
Quando até as proprias flores  
Têm destinos differentes!

---

## DE MADRUGADA

Ainda — da madrugada.  
Pelos confins foge a luz,  
E já caminham os tristes  
Cada um com sua cruz!

E quantos delles sem forças,  
Tendo a alma já descrida,  
Vão do dever pela senda  
Deixando porções da vida!

Quantos! oh! sim — de fadiga,  
Vão cahindo na jornada,  
Antes mesmo dos alvares  
Risonhos da madrugada!

.....  
Feliz, portanto, o vivente,  
Que desconhece o travor  
Da vida dos desgraçados,  
O que desconhece a dor.

Feliz — quem por si não sabe,  
Quanto é penosa a existencia,  
Dos que permutam com prantos  
O pão da subsistencia!

---

## CONSOLAÇÕES DA MORTE

Os dias dos infelizes  
Seriam mais lutosos,  
Se a Morte só alcançasse  
Os viventes venturosos!

Mas não; os céos complacentes,  
Vendo injustiça nos fados,  
Consentiram que extensiva  
Fosse ella aos desgraçados.

Assim, eu bendigo a Morte,  
Que me faz inda sorrir;  
Porque sei que, só com ella,  
Minhas penas se hão de ir!

Bendigo, porque dos tristes  
Não eternisa a provança;  
E surge sempre em minh'alma  
Como um fanal d'esperança!

Como a crença que me diz  
Que com ella tudo finda,  
Como o meu maior conforto  
Que me faz sorrir ainda!

---

## N'UM CARTORIO DA CÔRTE \*

Era um acto solemne! o *Branco* e o *Negro*  
Faziam transacção!

« Senhor... do captiveiro libertai-me,  
E qual for a condição  
Qu'impuzerdes a mim — eu, por vós livre,  
Darei satisfação!

« Sou escravo, senhor d'outro senhor  
De féra crueldade!

Emprestai-me o valor que exige elle  
P'ra minha liberdade,

Que prometto servir-vos *esse* tempo  
Com toda lealdade! »

E sobre a mesa o *Livro* estava aberto  
E o acto já lavrado;

Mas ainda incompleto, pois o *Branco*  
Não o tinha assignado,

Exigindo maiores garantias  
Do pobre escravizado!

---

\* Esta poesia foi escripta de improviso pelo poeta que, horrorisado, mas constrangido pelo dever, lavrou a escriptura.

« Se ferir-te a molestia e não puderes  
Teus serviços prestar-me,  
Quem ha de, em teu lugar, então servir-me  
E assim indemnizar-me  
Do tempo qu'eu perder? sim, porque tu  
Não tens com que pagar me. »

Aqui baixou a frente o pobre *Negro*  
E fundo ai soltou;  
Depois... com ar humilde e respeitoso,  
De novo supplicou;  
Mas em vão, que a exigencia do usurario  
De pé inda ficou!

---

« Mas de que tratais vós? isto interroga  
Alguem que percebera  
O pedir e o negar dos contratantes...  
E então s'intromettera,  
Contando proteger ao misero escravo  
Do qual se condoera.

---

« Subscrevo o addendo do contrato,  
Podeis, senhor, firmal-o! »  
« Porém... (objectou ainda o *Branco*)

Se a morte libertal-o  
Muito antes do tempo...?» « Oh! vos prometto  
Farei por completal-o! »

---

E o acto consummou-se! e a heroína  
De tão briosa acção  
Fôra uma Preta, ha pouco libertada,  
Que dava uma lição  
De amor e caridade ao *Branco* avaro,  
De negro coração!

---

#### DESCRENÇA

Eu me sinto tão cansado,  
Sem forças para lutar!  
A roda do meu destino  
Não sei onde irá parar!

Tão só, meu Deus, tem vivido  
Este pobre coração!  
Sem ter um raio de luz,  
Sempre a mesma escuridão!

O tédio invade minh'alma!  
São trévas os meus caminhos!  
Por companheiros só tenho  
Tantos abrolhos e espinhos!

Mesmo assim vou caminhando  
Nesta tão longa viagem,  
E vejo que me abandonam  
Toda esperança e coragem!

.....

E no entretanto podias  
Com um teu doce sorriso  
A minh'alma encaminhar  
Às portas do Paraíso!

Este destino sombrio  
Que me persegue constante,  
Podias mudar de rumo  
E n'um céu azul, brilhante,

Mirar-se inteira minh'alma  
Que tanto, tanto, ha soffrido,  
Teu nome brincar-me aos labios  
Anjo de Deus tão querido!

Podias, bem sei, podias  
N'um volver desses teus olhos  
Applacar as doudas ondas  
De um mar tão cheio d'escolhos.

No entretanto eu padeço  
Silencioso martyrio!  
A propria razão vacila  
Quasi vencida em delirio!

Teu olhar formoso e puro  
Não poussa um instante em mim,  
E eu sinto que vou caminho  
De um soffrer que não tem fim.

---

#### CONCLUSÕES ANATOMICAS

Se de toda a creatura,  
Depois da morte se abrisse  
O peito, talvez o mundo  
Com pasmo, um aborto visse!

Talvez coração em muitas  
No logar não deparasse,  
E n'outras — nesse processo,  
Dous corações encontrasse.

E assim seria este mundo  
Levado á convicção  
De quo existem sobre a terra  
Viventes sem coração.

E dest'arte ficariam  
Os motivos bem provados,  
Porque ha pobres felizes  
E felizes desgraçados!

---

### DESESPERANÇA E FÉ

« Ah! meu filho! os céos me parecem  
mais altos, pois já não chegam a elles as  
minhas preces.

(Da Exma. Mãe do Dr. M. Moraes Filho.)

« Meu filho, ou os céos são outros,  
Ou tomaram mais alturas;  
Pois já não chegam a elles  
Os rogos das creaturas!

Já minhas preces não valem  
Como valeram outr'ora;  
Até do amor de Deus  
Pareço privada agora!

« Ah! Mãi! não temais que um Deus  
Prive assim de sua graça  
A quem como vós o ama,  
A quem sua fé abraça!

Leis immutaveis, eternas!  
Não penseis que um dia mude  
A face dos céos... e deixe  
Deus de amparar a virtude.

Como o sol que ás solidões  
Manda seus raios, e aquece  
Até a florinha, humilde,  
Que nos abysmos floresce,

Assim Deus — Sol de Grandeza,  
Pai de todos, Creador,  
Faz reflectir sobre tudo  
Os raios do seu amor.

---

Meus dias passam tão tristes,  
Meu pezar é tão profundo,  
Que não mais p'ra mim espero  
Alegrias neste mundo!

Neste mundo, onde a existencia  
Tão pezada me tem sido ;  
Aonde todas as dores  
Meu coração tem soffrido ;

Aonde — como Ashaverus,  
Busco um canto p'ra morrer,  
E me refazem de forças  
As dores para viver !

Para viver como elle ;  
Para iguaes penas sentir ;  
Vendo até as proprias pedras  
S'erguerem, p'ra me ferir !

---

#### A MINHA FLOR

Eu possuia, zelava,  
Alma, vida, amor votava  
A uma mimosa flôr!  
E nella contente eu via  
A minha luz, o meu guia  
A imagem do meu amor !

Era a flôr do meu disvelo,  
A sua vida era um élo  
Que a minha vida prendia!  
Era o meu guia fiel,  
Como o anjo Raphael  
Foi de Tobias o guia!

Era a flôr do meu agrado,  
O idolo por mim amado,  
Era a minha divindade!  
Della, por ella, eu vivia,  
Na sua vida existia  
A minha felicidade!

Quão ditoso era o viver  
De glorias, e de prazer  
Qu'eu junto della passava!  
Como era prasenteira  
A esperança fagueira  
Que eu por ella alimentava!

Mas... da desgraça o poder  
Corrompeu o meu prazer,  
A minha felicidade!

Como do sol a belleza  
Que se esconde nescureza  
Da nuvem da tempestade!

Ao golpe seguro e forte  
Da impiedosa morte,  
Vi morrer a minha flôr!  
Vi-a sem vida, mirrada,  
Ao pó do tumulto rojada  
Para jámais ter vigor!

E para logo minha alma  
Perdeu a esperança, a calma,  
As glórias, os seus encantos!  
Hoje triste, aquebrantada,  
Dos prazeres desprezada,  
É forte de amargos prantos!

Eis-me só, sem companhia,  
Sem flôr, sem pharol, sem guia,  
Sem bonança, sem ventura,  
O mar da vida sulcando,  
Sem acerto, tacteando  
Nas trévas da desventura!

---

## ENTRE DUAS FLORES

De tantas irmãs que somos  
Tão ricas de louçania,  
Só tu, saudade, és tão pobre...  
De primores tão vasia...

Sem belleza, sem perfume,  
Trajando dorida côr,  
Tens o nome, és o emblema  
De um sentimento de dôr.

Quando, nós outras ornamos  
Dos amores a existencia,  
Tu appareces na morte,  
Depois da cruel ausencia.

Não fazes parte das festas,  
Não tens um vaso entre luzes ;  
És escolhida — és pendente  
Das sepulturas nas cruces.

A mesma briza travessa  
No seu passeio adoidado,  
Parece chorar com pena  
Depois de te haver beijado !

O crystalino ribeiro  
Em que te espelhas á margem,  
Parece chorar, saudade,  
Em retratar tua imagem!

Pobre irmã, pobre saudade,  
Eu lamento a tua sorte!  
Expulsa do lar da vida,  
Só entras no lar da morte!

— Porque, com tanta vaidade,  
Assim me deprimas, rosa?  
Não sabes que a tudo rege  
Do destino a lei forçosa?

Se tens encantos, se tendes,  
Se sois ricas de primor,  
Eu tambem pobre, obscura,  
Não deixo de ter candor.

Vós occupais os salões  
Ás festas sois convidadas!  
Expandis perfumes, brilhos,  
Sois á gloria consagradas!

Porém... depois dos banquetes...  
Depois que tudo é torpor,  
O que é de vós outras feito?  
Pensais inda ter valor?

Engano! Depois das festas,  
Depois de seccas, myrradas,  
Vós sois no lodo envolvidas,  
Ao desprezo condemnadas!

De quantos amores falsos,  
De quanto vil sentimento,  
De quanta falsa capella  
Não tereis sido ornamento?!

E eu não; eu sou o symbolo  
Da amizade duradoura!  
Dos amores permanentes  
Eu sou fiel portadora!

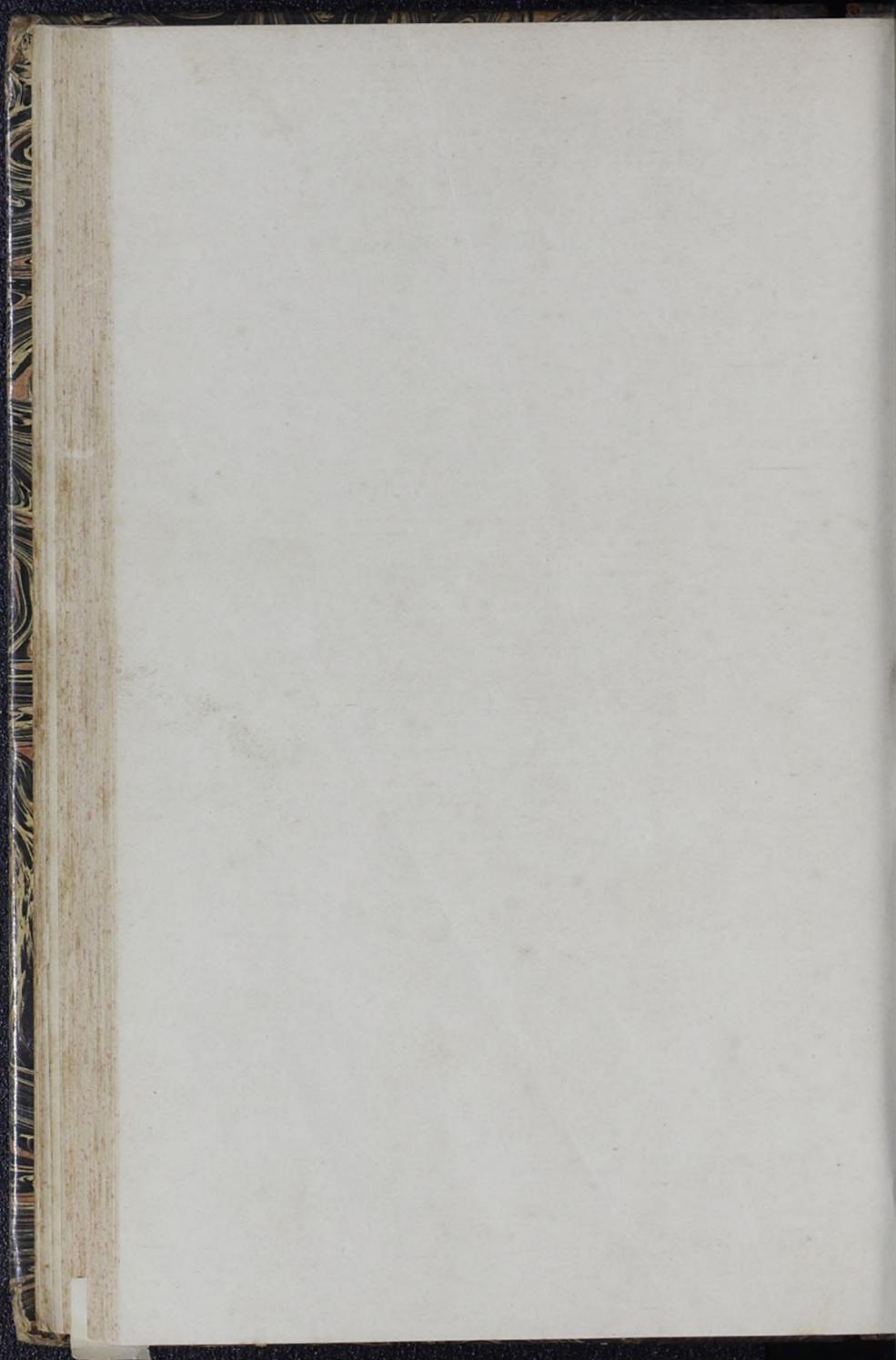
Opulenta de expressão  
Na traducção de uma ausencia,  
Não enfeito, mas attesto  
Dos amores a existencia!

---

E tu, e vós outras — não ;  
Depois de seccas, fanadas,  
Não mais do amor no templo  
Sois tidas, sois conservadas !

E senão, pergunta á noiva  
Se depois de despozada  
Ainda conserva as flores  
Murchas... seccas da grinalda...

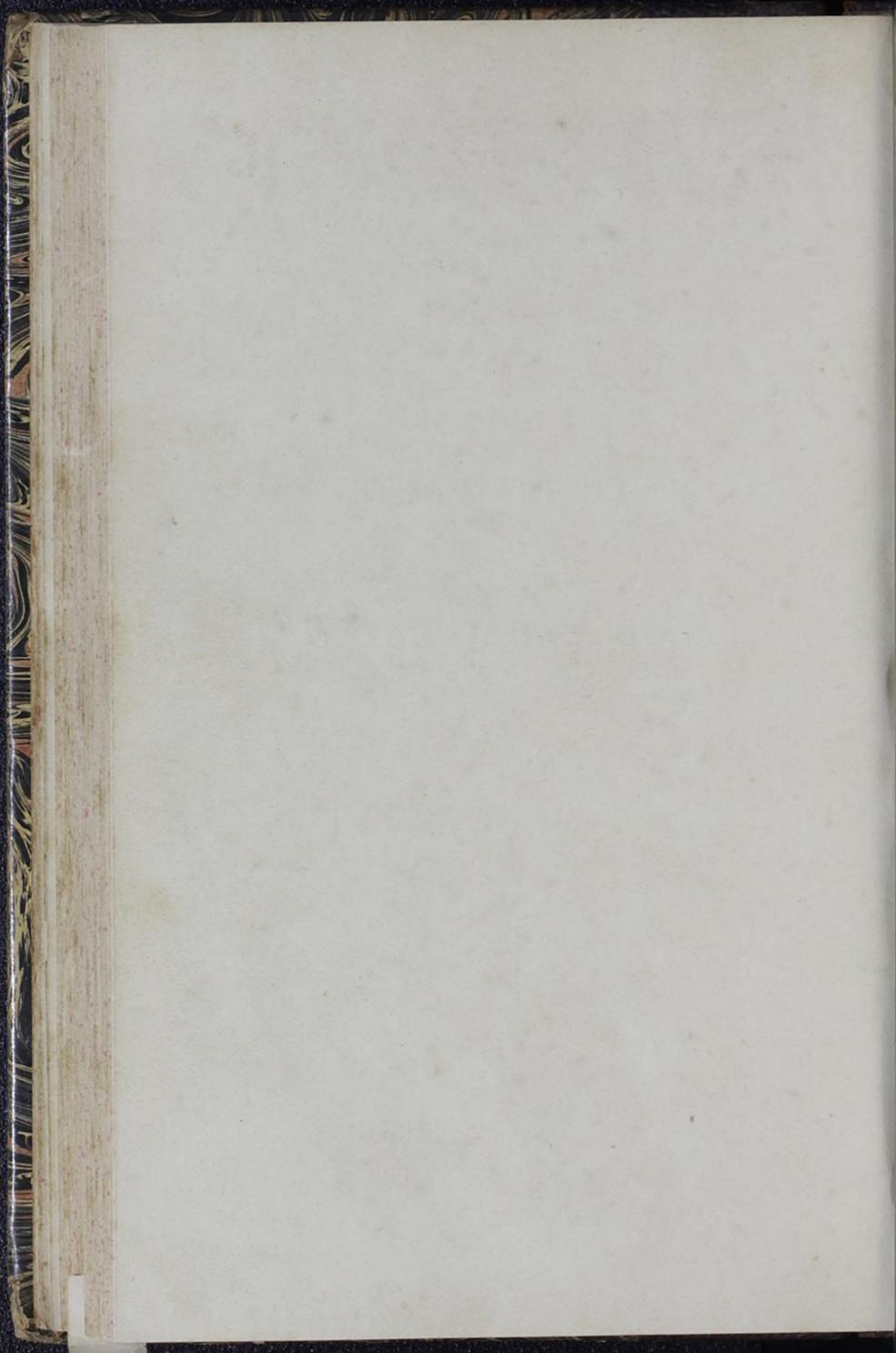




TERCEIRA PARTE



NOVO CANCIONEIRO





## LYRICAS

KAMBULINS

---

Deixo os campos, deixo as flores,  
No ermo eu procuro abrigo;  
Não quero as glórias do mundo,  
Não sendo glórias contigo.

\*

Amor me poz a caminho,  
A razão me fez voltar;  
Por ver que meu sacrificio  
Em nada te vai prestar.

\*

— Quem no altar da virtude —  
Quizer tirar uma flor,  
A Serafina tem muitas  
— Que recebeu do Senhor. —

\*

Quantas vezes quer o tronco  
Auxiliar a seus ramos!  
Não pôde, porque recebe  
Do tempo diversos damnos!

\*

Harmonisei dous contrastes  
Dei á Razão — o poder,  
Dando vida á minha vida,  
Depois della fallecer.

\*

Mesmo no centro das glorias,  
Não tem gloria o coração,  
Porque nelle sempre pesa  
Alguma recordação.

\*

Se no cortejo da vida,  
Faço ainda um cumprimento,  
É para esquecer horrores  
Que tenho no pensamento.

\*

Não dou um passo sem ti,  
Por trazer sempre em lembrança,  
Que és rainha na pobreza  
E vassala na abastança.

\*

Os meus constantes desgostos  
Eternos sulcos abriram  
No meu coração... por onde  
Os meus prazeres fugiram !

\*

Tu sorrís quando eu padeço,  
Tu te alegras quando eu choro,  
Tu me odeias, me desprezas,  
E eu... mesmo assim — te adoro !

\*

Nada que vive resiste,  
Do tempo á cruel voragem ;  
Só impera sobre o tempo,  
No meu peito a tua imagem.

\*

Tu hoje és Nabal — o rico ;  
Nós os Lazaros da indigencia ;  
Queira Deus que não se troquem  
Os papeis n'outra existencia !

\*

O infeliz, ter desejos  
Sem a ventura querer,  
É como a planta que a terra  
Não lhe quer favorecer.

\*

Trilha bem — mas se um tropeço  
Desviar o passo teu,  
Ao começar teu calvario  
Quero ser teu Cyreneu.

Se um insecto venenoso  
Te quizer emmurcheçar,  
Pende a haste p'ra o meu lado,  
Vê se te posso valer.

Que eu não prestasse p'ra nada  
Deu-me a sorte por castigo,  
Não posso curar teus males  
Mas posso chorar contigo.

\*

Meu estado decadente  
A triste extremo chegou,  
Até mesmo me admiro  
Do que fui e do que sou.

\*

Lá nesses bosques d'além,  
Lá nesses sertões geraes,  
Sepultem-se as minhas penas  
E preguem-se os editaes.

\*

Os teus olhos de crystaes  
Têm em mim tanto poder,  
Que os meus se crystalisam  
Quando te chegam a ver.

\*

Qual foi o pintor divino,  
Qual foi a mão de invejar,  
Que tanto soube em minh'alma  
O teu retrato gravar?

\*

Em qualquer parte que eu viva,  
Rico ou pobre, fraco ou forte,  
Confessarei que te devo  
Os brilhos de minha sorte.

\*

No meio das pedras finas  
Fui escolher uma pedra,  
Esta por falsa quebrou-se,  
Tudo que é falso não medra.

\*

Sobre as aguas quiz lançar-me  
E não temia morrer,  
Mas me lembrei que morrendo  
Não te podia mais ver.

\*

Os dias que passo triste,  
Sem ver a minha querida,  
Não devem levar-se á conta  
Dos dias de minha vida.

\*

As ciganas deveriam  
Ter um throno p'ra reger;  
São briosas, são honradas,  
Capazes de o merecer.

\*

A luz que cõa nas mattas,  
Quando acorda a natureza,  
Parece a luz de teus olhos  
Que alegre a minha tristeza.

\*

Embora esteja encostado  
A poderosa columna,  
Quem por si não se reger  
Eu não lhe invejo a fortuna.

\*

O primor da natureza  
Depositou Deus nas flores,  
Pois nem a essas o mundo  
Concedeu iguaes favores.

\*

— Felicia, teu rosto é tido -  
Por magestade excellente;  
Mas os olhos de Jacintha  
São olhos que matam gente. —

\*

De meu peito fiz um cofre  
Para guardar minhas dores;  
Porém tu com teus carinhos  
Encheste o cofre de flores.

\*

Se Deus é quem rege a sina  
Eu d'elle vivo aggravado —  
Por envenenar-me a sorte,  
Por me fazer desgraçado.

\*

As penas do meu martyrio  
Mais crueis não podem ser:  
É ver as aguas correndo  
Sem d'ellas poder beber.

\*

Atrevido pensamento  
Não me acabes de matar,  
Que basta p'ra meu castigo  
Querer bem, mas não gozar.

\*

Não é em mim atheismo,  
Mas sim força de amizade,  
Em te querer comparar  
Com a propria divindade.

\*

Ês p'ra mim todo o meu mal,  
Ês todo o bem do meu ser,  
Ês um mal, porque não posso  
Dar cumprimento ao dever.

\*

No oratorio do peito  
Colloquei a tua imagem,  
A minh'alma é sacerdote  
Que te rende vassalagem.

\*

A tudo que existe cabe  
O labio de imperfeição,  
Até tu mesma, ó Virtude,  
Isenta não ficas não.

\*

O amor é um jardim  
Semeado de carinhos,  
Que assim como dá flores  
Tambem offerece espinhos.

\*

No amor sou excessivo,  
No querer bem — sem limite;  
Mas facil de aborrecer  
Quando a razão o permite.

\*

De nada vale a coragem,  
Magoas d'alma se apoderam  
De ver que de um só delicto  
Quantos delictos se geram.

\*

Honra, brio e sentimento  
É vicio, não é virtude,  
Uma vez que ao infeliz  
Afflige, tortura, illude!

\*

Eu não *kamêlo* ser *kralis* <sup>1</sup>  
Nem mesmo ser *travalão*;  
Só quero valer aos tristes,  
Minha *runin*, meu *chavão*.

X

---

<sup>1</sup> Eu não *quizera* ser *rei*,  
Nem ter da *riqueza* o brilho;  
Quizera valer aos tristes,  
Minha *mulher* e meu *filho*.

(Trad literal.)

\*

A minh'alma por constante  
Dos pezares não se ausenta,  
Não volta o rosto á desgraça,  
Nem desmaia na tormenta.

\*

Pelejei mas não venci,  
Outro sem armas venceu;  
Foi de sorte protegido,  
Foi mais feliz do que eu.

\*

De que me serve querer-te,  
Se não tenho liberdade?  
Se tenho os desejos presos  
Aos grilhões d'outra vontade?

\*

Quanto mais desejos tenho <sup>1</sup>  
Mais desejo *garadá*  
E *cundar* que não *dequinhe*  
P'ra não *jalarem pendá*.

---

<sup>1</sup> Quanto mais desejos tenho  
Mais os desejo *occultar*,  
*É com medo* que não *vejam*  
Para não *irem contar*.

(Trad. de Mello Moraes).

\*

O' cruel, sem piedade,  
O' inimigo sem lei,  
Mesquinha paga me deste  
Do muito que então te amei!

\*

Aonde vais, pensamento,  
Subindo a tão grande altura,  
Sem reparar que não tens  
Os favores da ventura?

\*

O desejo em peito triste  
É flor no sertão nascido,  
Que vinga, floresce e morre  
Sem se tornar conhecido.

\*

Ha uma cousa no mundo  
Que admira a natureza:  
É haver quem tenha honra  
No estado de pobreza.

\*

De onde eu venho, não sei!  
Mas caminho para onde?  
— Em busca de felicidade  
Que de mim foge e se esconde.

\*

Todos cantam sua patria  
Fazem della uma rainha,  
Eu então choro e pergunto:  
Onde estás, ó patria minha?!...

\*

Ser pobre, porém honesto  
É um supplicio tremendo;  
Antes a morte no corpo  
Que ver a vida morrendo.

\*

Cara prenda, s'eu pudesse  
Resarcir a luz perdida,  
Comtigo, por minha gloria,  
Repartira a minha vida.

Se te preparam futuros,  
Sinistra a nossa união;  
São chimeras na apparencia,  
Segue a voz do coração.

\*

Eu já perdi o alento,  
Só me falta o exbalar,  
Depois que murcharam galhos  
Que acobertavam meu mal.

\*  
Sete pass'ros no meu ninho  
Conservo no meu pombal,  
Como quero bem á mãe  
Com todos quero acabar.

\*  
Jacintha, tu és minh'alma,  
Moras dentro do meu peito;  
No filho que tens ao colo  
Tens meu coração sujeito.

\*  
O' Acaso desgraçado,  
Quem te deu tanto poder,  
P'ra fazer com que meus olhos  
Já chorem p'ra não viver?

\*  
Tenho uma magoa no peito <sup>1</sup>  
Chegado ao meu coração,  
Porque me vejo sem luzes,  
Porque peço luz em vão.

De que serve á rosa pura  
Desabrochar do botão?

---

<sup>1</sup> Estas quadras são de uma poetisa cega, que as improvisou em nossa presença.

— Debalde meu pranto entorno  
Na profunda escuridão.

\*

Já te dei meu coração  
A transbordar de ternura,  
Em paga de tal presente  
Vem fazer minha ventura.

\*

Magoas, tristezas, angustias  
São os dotes que possuo:  
Crescem os males comigo,  
No meu chorar contínuo.

\*

Amor, talento, dinheiro,  
Que trindade appetecida!  
O mortal que tanto goza  
Já vive no céo em vida!

---

## ELEGIACAS

### KACHARDINS

Á força destruidora  
Do tempo, nada resiste!  
Tudo tem fim, tudo acaba,  
Só minha dor sempre existe!...

Existe... e até parece  
Do tempo as forças tirar  
A minha dor — pois o tempo  
Não tem poder de a findar.

\*

Bem se illude na apparencia  
Quem vivo me julga ver,  
Eu sou a sombra de um vivo  
Que o desgosto fez morrer.

\*

O mal que succede a um bem  
Fal-o avultar de valor,  
Que o prazer não vale um riso  
Se não se provasse a dor.

\*

O réo que commette o crime  
E delle faz confissão,  
Não deve ser castigado,  
Por justa lei da razão.

\*

Dos venturosos as queixas  
São para os céos orações,  
Do infeliz — ao contrario,  
Recebe a fê maldições.

\*

Não brilham... mas se brilhassem  
As estrellas que se occultam,  
Seriam tochas na dextra  
Dos males que me sepultam.

\*

A mãe que affaga o filhinho  
Nos paroxismos da morte,  
Não soffre as dores que eu soffro  
Jungido aos grilhões da sorte.

\*

Meus males nascem sem conta  
Como o matto em terra forte,  
Minha esperança definha  
Por ver qual é minha sorte.

\*

Menos escuras as noites  
Do que o meu peito são ;  
Os desertos menos tristes  
Do que o meu coração !

As noites têm seus luares,  
Raios de sol o deserto ;  
Só meu coração no peito  
De sombras vive coberto !

\*

Como se pôde, meu Deus,  
Depois d'um cruel desgosto,  
Conservar-se o mesmo riso  
Trazer-se sereno o rosto ?!

Custa a crer! e a prova em mim  
É demais, p'ra duvidar  
Que depois de certos golpes,  
Nos possamos alegrar!

Só tu, ó morte, podias  
Me dar a felicidade:  
Do que serve a vida a quem  
Da mesma perdeu metade!

Vem, pois, ó morte, depressa,  
Minha existencia findar;  
Embora durma chorando  
Hei de sorrindo acordar.

\*

Só me resta uma esperança:  
« Ver n'outra vida outra luz »  
Mas já me falta o alento  
P'ra seguir com a minha cruz.

Esperança não me deixes,  
Morre comigo tambem,  
Ampara minh'alma afflicta  
Que ella força já não tem.

\*

Curvei a fronte, por que?  
— Eu mesmo não sei dizer.  
Ha dores cujo consolo  
Está no proprio soffrer.

\*

Eu me arrasto vagaroso  
Para dormir no jazigo;  
Meu corpo pertence aos vermes,  
Est'alma fica contigo.

\*

Do que fui e do que sou  
Ri a sorte e pasma o fado:  
Tive pouco — fui feliz,  
Agora sou desgraçado.

\*

Rio pouco, e esses risos  
Não têm mais outro motivo  
Senão disfarçar as penas  
E desgostos com que vivo.

Não é só feliz quem é  
Da sorte favorecido,  
Tambem neste rol se conta  
Quem na pobreza é querido.

\*

Meu peito — rico edificio,  
Transformou-se em hospital,  
Onde só soam gemidos  
Impulsados por meu mal.

\*

Um persistente desgosto  
Gasta a mais fina feição,  
Tambem abate caprichos  
Nascidos do coração.

\*

Enfraquecido de forças,  
Nas vizinhanças da morte,  
Hoje o pezar que me resta  
É não dourar tua sorte.

\*

Nós somos uns infelizes,  
Tristes almas condemnadas,  
Que vieram d'outro mundo  
Expiar culpas passadas.

\*

A Morte viu-me chorando:  
— Tu quem és? me perguntou;  
— Sou a Desgraça, me acolhe!  
A Morte riu-se e passou.

\*

Do bem e do mal o germen  
Já traz comsigo o vivente,  
Como a virtude ou veneno  
Que envolve em si a semente.

\*

No correr de minha vida  
O que mais me faz sentir,  
É conhecer o meu damno  
Sem delle poder fugir.

\*

Eu não sei que tem a Morte  
Que atrás de mim corre tanto,  
Hei de parar e mostrar-lhe  
Que de vel-a não me espanto.

\*

Às vezes, por falsa idéa,  
Se castiga um innocente;  
Mas quando vem-se a saber  
Já é tarde, é padecente.

\*

Castigou-me a cruel sorte,  
Satisfez sua vontade,  
Com penna molhada em fel  
Decretou sem piedade.

\*

É bem que nos infelizes  
Os sentimentos se calem,  
Porque implicam em si  
O pouco que os tristes valem.

---

## FUNERARIAS

M E R E N D I N S

Se com meu pranto eu pudesse  
Recobrar o que perdi,  
Chorava até desfazer  
Os olhos com que nasci.

\*

Vão, suspiros e saudades,  
Rodeiem a sepultura,  
Vão *pendar*<sup>1</sup> a minha *dai*<sup>2</sup>  
Que minha dôr inda dura.

\*

Já que não pude morrer  
Comtigo, minha Adelaide,  
Lá na morada dos justos  
Acceita minha saudade.

\*

Em meu rosto se traslada  
Meu constante padecer;  
Para mim não ha mais gosos  
Depois que te vi morrer!

\*

Ha mais vida sobre os tumulos,  
Nos ermos mais alegria,  
Do que no meu coração,  
Sem a tua companhia.

---

<sup>1</sup> Dizer.

<sup>2</sup> Mãe.

\*

O' minha mãe de minh'alma,  
*Manguinha*<sup>1</sup> ao *Duvél* por mim, X  
Que eu cá na terra farei  
O quanto estiver em mim.

\*

Do centro do meu jardim  
Faltou-me uma flor mimosa,  
Foi a Morte que a levou  
Por eu ser tão desditosa.

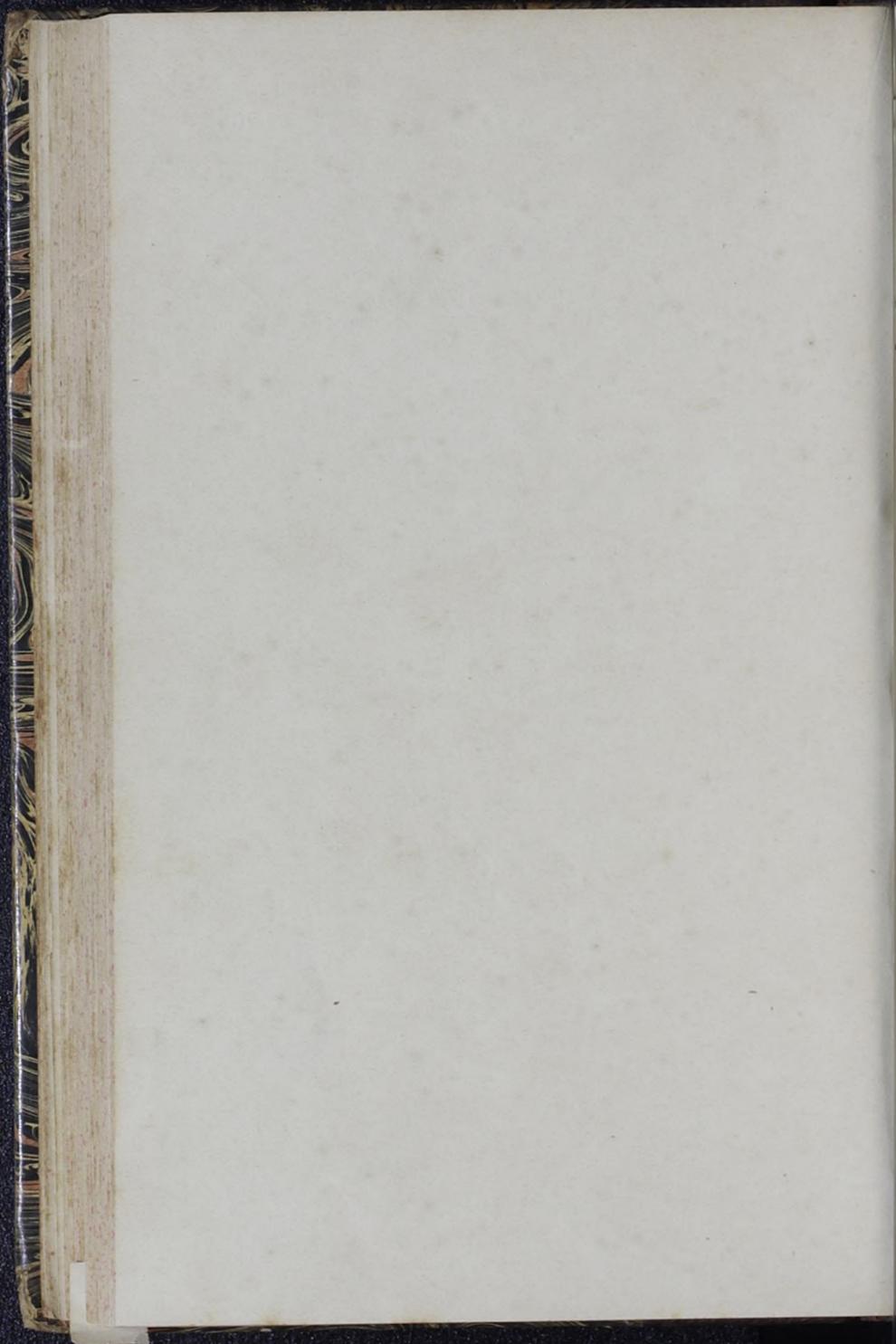
\*

— Eu sou estatua quebrada,  
Sou um quadro sem ter luz;  
Sou um phantasma que vaga  
Entre o cypreste e a cruz.

Não sou estatua nem quadro  
Até nem tenho figura ;  
Sou espectro que vaguea  
Que até nem tem sepultura.

---

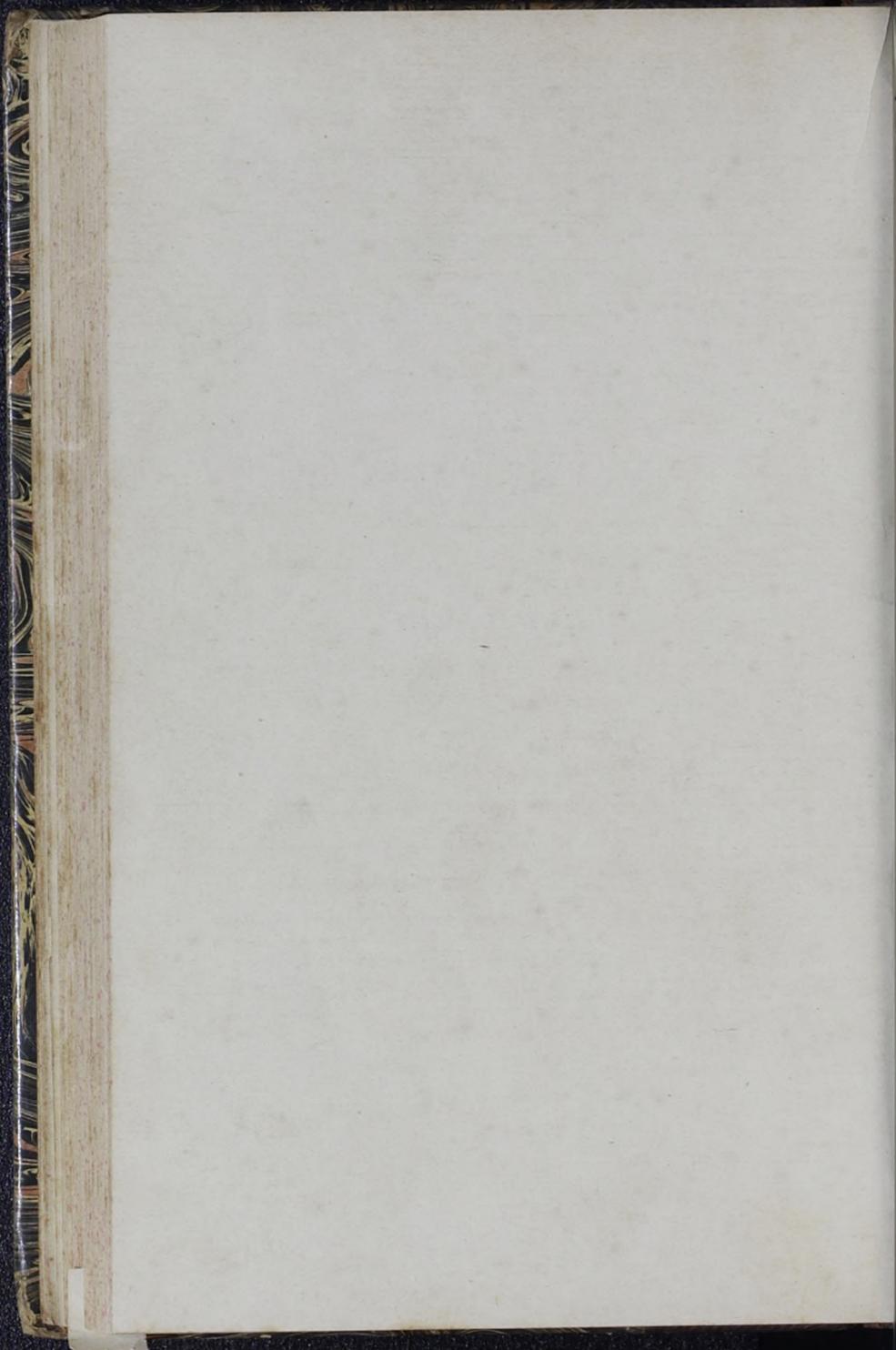
<sup>1</sup> Pede.



QUARTA PARTE



VOCABULARIO





## A

Aagui, cinza.

Acans, olhos.

Acardar, aceitar, tomar, guardar, esconder.

Acáva, este, esse, aquelle.

Acinar, avisar.

Adial (com variada e variavel applicação): sim,  
faz, não, muito bem, muito máo, etc.

A'gui, fogo, sol.

Anal, nome.

Aquindin, cousa á tôa, miseravel, etc.

Arachai, padre, ecclesiastico.

Aranin, rainha, fidalga, princeza, etc.

Aréns, ovos:

Arôn, farinha.

Aruvinhar, chorar.

Assanar, rir.

Avinhar, vir.

## B

- Babanão, formoso, bem apessoado, bonito. *bonito*
- Babanin, formosa.
- Bajin, pouco caso.
- Bales, cabellos.
- Balivaz, toucinho.
- Balúnas, calças. *calças*
- Baque, sorte, fortuna, felicidade.
- Bar, muito, muitos, infinitamente.
- Bardeiro, autoridade (desde o inspector de quartirão até o ministro).
- Basnã, prato; busnen.
- Bata, mãe, (ou « Dai », que significa a mesma cousa). *Mãe*
- Bato, pai. *Pai*
- Bengue, espirito máo, demonio.
- Birgúela, instrumento de corda, viola, guitarra, etc.
- Bôque, penuria, fome.
- Bravalão, rico, poderoso, dinheiroso.
- Brichindin, chuva.
- Brichindon, tempo máo.
- Buchardin, espingarda, arma de fogo.
- Buchardôn, tiro, estampido, etc.

Budal, casa, quarto, esconderijo, morada.  
Bujarôna, descompostura, ameaça.  
Bul, nádegas.  
Bulachôn, leitão, porco.  
Burrengo, pedestre, capitão do matto.  
Busca, espingarda (o mesmo que *buchardin*).  
Busnin, preta, negra, escura.  
Busnôn, negro, preto, escuro.  
Buzêcas, esporas.

## C

Cabên, comida, alimento.  
Cabipe, mentira, embuste, falsidade.  
Cabipeiro, mentiroso, embusteiro, falso.  
Cachucôn, surdo, distrahido.  
Cadéns, dinheiro.  
Caiar, comer.  
Caiardin, negra (synonimo de *Busnin*).  
Caiardôn, negro (synonimo de *Busnon*).  
Calin, cigana.  
Calôn, cigano.  
Camba, amazia.  
Cambelin, gravidez, mulher gravida.  
Cambulon, amigo, affeiçoado.

Camelar, aquiescer, desejar, querer, etc.

Canan, vergonha (o mesmo que *lajavo*).

Candelar, exhalar máo cheiro.

Cangrina, Estardipén: prisão, cadeia, correcção, degredo.

Cascanão, sovina, mofino, mesquinho.

Casnin, gallinha.

Caxardar, quebrar. Vide letra Q: *quixardar*.

Caximbra, taberna, armazem, botequim de bebidas alcoolicas.

Caz, cacete, bengala, páo.

Chavo, primo, moço, rapaz.

Chavina, filha, rapariga.

Chavôn, filho.

Chibe, lingua, palavra, vocabulario.

Chidar, pôr fóra, despedir.

Chinôn, meirinho, official de justiça, beleguim.

Chôr, ladrão, gatuno, velhaco, caloteiro, homem sem palavra.

Choripén, ladroeira, trapaça, embuste.

Chucá (anteposto a qualquer substantivo ou adjectivo eleva-o na expressão, ex.: *chucá-rôn*, *chucá-runin*, *chucá-bardeiro*, etc.)

Chulôn, gordo.

Chundar, ouvir, escutar.

- tar Churdar, roubar (synonimo de *nicadar*).  
 Churin, punhal, faca, estoque, chuço.  
 Chuvanão, enredador, portador de recados.  
 Chuxans, peitos:  
 Corões, pernas, côxas.  
 Crivão, compadre.  
 Crivin, comadre.  
 Cucáles, ossos.  
 Cucanin, feminino de *cabipeiro*: mulher mentirosa, fingida.  
 Cuchurron, quasi nada, um bocadinho, pouco, miudo.  
 Culai, proprietario.  
 Cuxixães, moços.

## D

- pa  
si  
mle Dabans, pancadas.  
 Dai, mãe; sinonimo de *báta*.  
 Dánes, dentes.  
 Daranôn, medroso, fraco, pusilanime.  
 Descovellar, afastar, sahir (acto de prevenir)  
*descovêlla-te d'otem*: sahe dahi, afasta-te).  
 Descovinhar, soltar.  
 Despandinhar, abrir.

Diclôn, lenço.

Diclunes, chale.

Dikirar, seccar, enxugar, limpar.

Dinhar, dar.

Dinilôn, louco.

Diquinhar, ver.

Dirachin, noite.

Dron, caminho.

Duvêl, Deus, Nosso Senhor, Christo.

v Duvêla, lua, Santa, Nossa Senhora.

### E

Estáde, chapéo.

Estandar, prender.

Estardon, preso.

Estongue, uma pataca, até tres; dahi por  
diante são *bedos*: 1 bedo, 1\$000, etc.

### G

Gáde, camisa.

Gajão, brasileiro, senhor, pessoa estranha ou  
de outra raça.

Gajin, brasileira, senhora, pessoa estranha ou  
de outra raça.

- Garadar, esconder, acoutar, subtrahir.  
Gertas, laranjas.  
Gôde, alarido, gritos, berreiro.  
Grai, cavallo (com applicação a homem ou  
mulher ignorantes, etc.)  
Gravinhon, namorado, seductor.  
Gruvinin, vacca.  
Guiadar, cantar.  
Gu-in, canna (de chupar).  
Guipén, doce.  
Gulão, assucar.  
Gurú, boi.

## J

- Jalar, ir embóra. (*Jalou-se*: foi-se.) ✓  
Jandon, com significação de «homem douto,  
sabio, etc.»  
Janellar, saber. ✓  
Janhar, chorar (o mesmo que *aruvinhar*). ✓  
Jarin, besta, mula.  
Jirisen, dia, manhã, madrugada.  
Jundunar, soldado.  
Jungalipén, fealdade.

Juquêr, cão. (Diz-se também de todo o homem vil, mofino, sem pudor, deshonesto, etc.)

Jurão, mulato.

Jurin, mulata, cabra, bóda.

Juvacanão, feiticeiro, endiabrado, possesso.

Juvacarin, feiticeira, endiabrada, possessa.

Juvinhar, morar.

### K

Kaycon, amanhã.

Kachardin, triste, tristeza, pezar.

Kambulin, amor, amoroso, querido.

Kichorrar, soffrer.

Kirai, queixo.

Kralis, imperador, monarcha, rei, etc.

Krangrin, igreja. (*Kangrina* ou *cangrina*, cadeia.)

### L

Lachin, boa, gostosa, saborosa, meiga.

Lachôn, bom, gostoso, saboroso, meigo.

Lacrín, rapariga.

Lacrôn, rapaz. (Variante de *lacurrôn*.)

Lacurron, rapaz.

Lajavo, vergonha. (Igual a *canãn*, que significa a mesma cousa.)

Lindre, somno.

Lon, sal.

Lubinin, prostituta.

### M

Machôn ou maxôn, peixe.

Manguinhar, esmolar, pedir.

— Maranha, astucia, esperteza.

Mardador, assassino, matador.

Marrão, pão.

Matôn, *masquinôn*, *tatôn* (synonimos de bebado).

Maz, carne.

Mensa, eu.

Merindin, funerario, mortuario, funebre.

Migêque, máo, atrevido, colerico.

Merinhar, morrer.

Mirinhorôn, viuva.

Missaia, toalha.

Mistôes, muito bom; muito bem. (*Approvação.*)

Môr, vinho, bebida espirituosa.

Mui, rosto, cara.

Muladar, assassinar.  
Muladôn, assassinado.  
Mulôn, morto, caveira, defunto.  
Mutrinhar, urinar.

## N

Nabasnão, gallo.  
Nachadão, pobre, perdido (o mesmo que *quindón*).  
Nachadar, empobrecer, perder-se.  
Nachindôî, fugido.  
Nachinhar, fugir.  
Naçualão, doente.  
Naki ou naque, nariz.  
Namorchão-namorchin, o que não presta, nada vale.  
Naquêr ou nariquêr, voz imperativa: cala-te!  
Nazar, flor.  
Nicadar, furtar, roubar (o mesmo que *churdar*).

## P

Paguerdar, quebrar.  
Paguicerdar, pagar.

- Pajudar, assentar.  
Panguens, pés (o mesmo que *perrengues*).  
Panguinhar, fechar.  
Panin, agua.  
Papiris, papel. ✓  
Paquians, bananas. ✓  
Parnôn, branco.  
Parradôn, rôto.  
Parrudar, trocar, berganhar.  
Paxivalin (ou ch), donzella.  
Peléns, testículos.  
Pendar, pôr a descoberto, dizer.  
Perin, panella.  
- Perrengues, pés. ✓✓✓  
Piar, beber.  
Edxon Piculon, alegre.  
- Piúgas, meias. ✓  
Pivinhar, cahir.  
Plá, irmão.  
Praçan, descompostura.  
Pruvin, prata.  
Puron, velho.  
Purêsko, militar graduado, capitão, etc.  
Purradon, zangado, enfezado, colerico.  
Puz, terra.

## Q

Querdar, fazer.

Querdapanin, portuguez, colono. ✓

Quiligin, chave.

Quindin, o mesmo que *nachadin*: pobre, miseravel, etc.

Quindôn, o mesmo que *nachadon*: pobre, miseravel, etc.

Quinhar, evacuar, obrar.

Quiraz, queijo.

Quixardar, quebrar.

## R

Raty, sangue.

✓ Remedicinar, casar.

✓ Requerdar, falar. *reuerdo*

Requerdipen, eloquencia.

Rôe, colhér.

✓ Ron, homem. *varon*

^ Runin, mulher.

## S

Sastre, ferro, algema, arma cortante ou penetrante.

Sillas, forças.

Simar, ter.

Suêla, só. (*Simo suêla* : estou só, com applicação  
de: « viuvo ».)

Sunacai, ouro.

Suvinhar, dormir.

## T

Ternacal, valentão, arrojado, intrepido, brioso.

Tiráques, sapatos.

Trup, corpo.

Tunsa, tu.

## U

Urai, imperador, rei.

Urdar, vestir.

## V

Vázes, dedos, mãos.

## X

Xacas, hervas.

Xaron, prato. (Plural: *xarens*.)

Xastre, variante de *churin*: faca, punhal, etc.

Xavrin, coruja, ave agoureira.

*chagrin*

Xilivrais, freio.

Ximbire, aguardente. ~

Xindron-arrin, pôr fóra, arremessar para longe.

Xinorron, pequeno.

Xôres, barbas. (Com *ch* significa: « ladrões ».)

Xucon, magro.

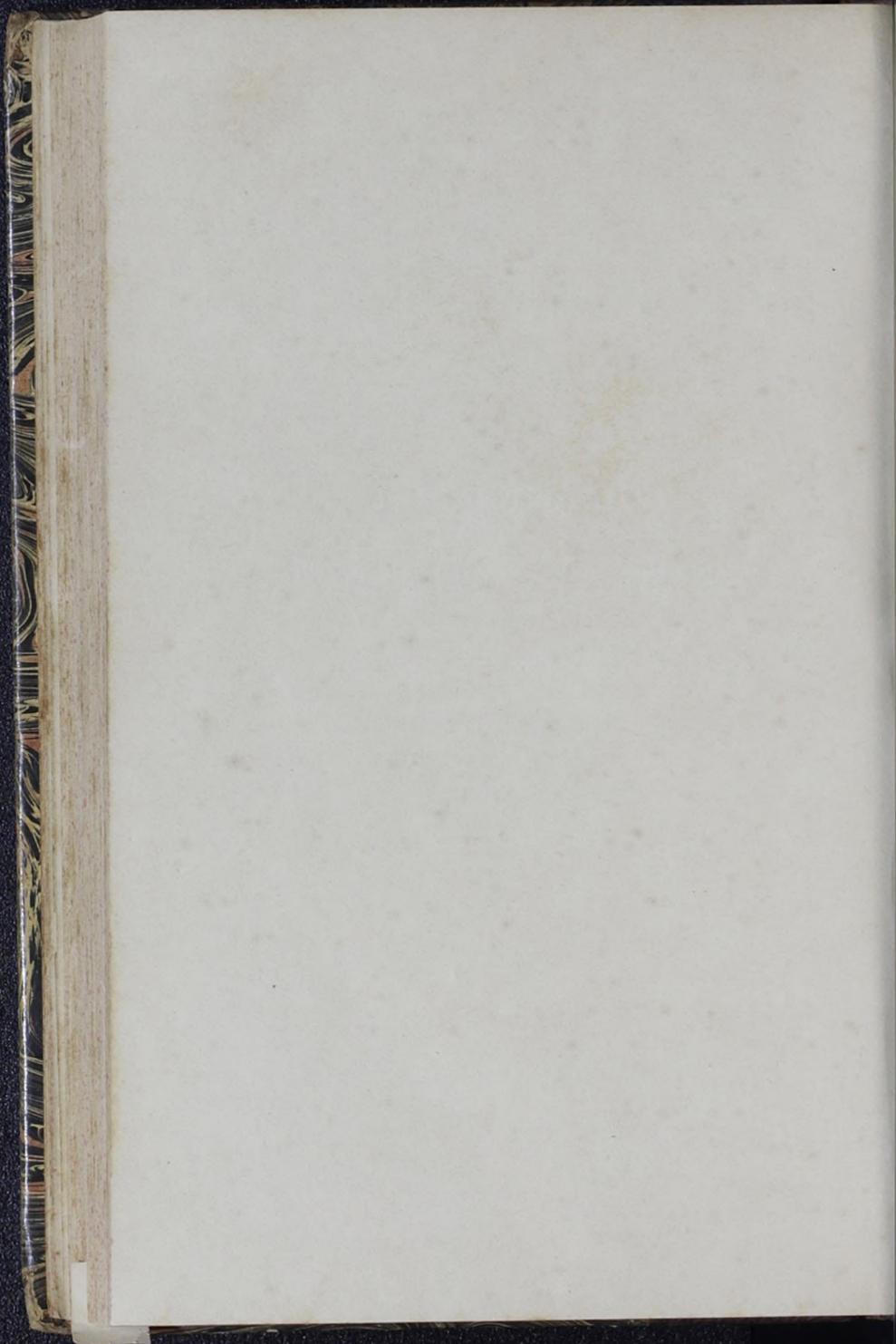
Xundrin, melancia.

Xuti, leite.



SUD-AMÉRICAIN

TRADUCTION DE L. XAVIER DE RICARD





Transportons-nous aux premiers temps coloniaux... Quand un Tzigane tombait malade et que les phénomènes morbides dénonçaient quelque gravité, les personnes de sa famille le livraient à un médecin, celui d'ordinaire qui était le plus connu par son dévoûment et son désintéressement. Dès que le malade était médicalement, la confiance dans la science s'affermissait selon les améliorations qu'il en ressentait, mais se retirait aussitôt que l'aggravation des symptômes pronostiquait un dénoûment fatal.

Alors ils appelaient quelque vieille sorcière — à laquelle ils donnaient le nom de *tante* — pour bénir le malade et faire des prières spécifiques dans le but de le rétablir; et les parents recouraient aux sortilèges si les efforts de la mythologie médicale étaient impuissants et les bénédictions inutiles.

Quand les phénomènes précurseurs avaient annoncé la période terminale de la maladie et que les râles de l'agonie se faisaient entendre, la maison, peu à peu, se remplissait de parents avides et curieux ; et en cette atmosphère, il se faisait une circulation de paroles importunes qui, parfois, troublaient l'état tout particulier de l'agonisant.

Des points les plus éloignés, les parents, de plus en plus, affluaient ; ils venaient partager les chagrins de ce foyer que la mort commençait à obscurcir de l'ombre étendue de ses ailes.

Près du moribond, dont l'œil se rouvrait, prêt à s'éteindre dans les ténèbres éternelles, une main amie lui essuyait sa sueur visqueuse en même temps que la dernière larme, lui mettait entre les doigts inertes le cierge allumé ; — puis, le murmure se changeait en lamentation : l'affliction éclatait en sanglots, et le désespoir retentissait en apostrophes et en cris inarticulés, hystériques et convulsionnaires.

Ils se précipitaient sur le défunt, levaient des mains suppliantes au ciel, invoquaient les saints qu'il préférerait ; et, ensuite, ils en appelaient à la résignation qui est un bien, et au fatalisme qui est un dogme.

Le corps lavé, oint d'huiles et d'herbes aromatiques, vêtu magnifiquement, ils le transportaient dans un cercueil fourni par une confrérie religieuse, et ils le plaçaient sur une estrade couverte de velours noir frangé d'or et éclairé par huit flambeaux.

Ils faisaient le récit funèbre de ses vertus, des exemples de charité et d'abnégation qu'il avait donnés : ils rappelaient quels vêtements il portait ; quels mets il préférait ; les chansons qu'il disait dans les festins, enfin sa vie toute entière, dans la société et dans la famille.

Et ils chantaient d'un seul ton :

— Oh ! comme il était *bon*, quand il jouait de la guitare en sa maison...

Des pleurs et des gémissements entrecoupés répondaient à la lamentation.

Un parent : — Quand il rentrait fatigué, il se couchait sur cette natte.

Une fille : — Voyez le mouchoir qu'il tenait quand il nous disait : *aï ! aï ! aï !*

La veuve : — Regardez son chapeau ! il ne le mettra plus sur sa tête... *aï ! aï ! aï !* quel malheur, mon Dieu !

— Ma tante, dit un des assistants, consolez-vous; il est dans le chemin de la vérité.

La veuve: — Oui, mon neveu, oui! aï! aï! aï! Venez voir comme il est: il semble endormi. Aï! aï! aï! quel malheur! quel malheur est le mien!

Les parents, regardant le cadavre: — Ah! Ah! ah! ah! comme il s'est rapetissé!

La veuve: — Oui! oui! c'est pour croître dans le ciel. Aï! aï! aï!

Un frère: — Sœur, console-toi: il faut se résigner. La résignation est une prière qui tombe dans le sein de Dieu.

La veuve: — Oui! j'ai beaucoup de résignation: mais la douleur est plus forte que notre volonté.

Sur cette entrefaite, arrive un parent qui vient présenter ses doléances à la veuve:

— Ainsi, cousine! le cousin est mort.

La veuve: — Oh! non! cousin! C'est à présent qu'il commence à vivre.

Le cousin: — Oui, cousine, on dort mieux pour s'éveiller dans le ciel.

La veuve: — Les chaussures qu'il mettait tous les matins, après les avoir graissées... aï!

aï ! aï ! Tout s'en est allé avec lui : la lumière de ma vie comme la sienne s'est éteinte.

— Quel malheur, mon Dieu !

Ah ! pourquoi, *Duvel* !<sup>1</sup> n'ai-je été, avant sa mort, transpercée de mille couteaux !

La veuve se coupait les cheveux, en mettait la moitié sur la région précordiale du défunt, et enveloppait le reste dans le vêtement qu'elle portait au moment où il expirait. En proférant des paroles cabalistiques, elle jetait le tout dans un foyer lustral, préparé pour cela.

Avant la sortie du convoi, on empilait près du catafalque les vêtements du mort, les plats dans lesquels il avait mangé, sa guitare, ses bijoux, etc., et à chaque objet qu'on soulevait on se lamentait.

Jusqu'à ce qu'on arrivât à la tombe, la veuve se traînait sur l'estrade, pleurant celui qui avait été son amour, sa défense et sa vie.

Le cortège se dirigeait à l'église...

La bière, portée par les *Terceiros*,<sup>2</sup> était couverte de fleurs et arrosée de larmes.

---

<sup>1</sup> *Duvel*, signifie *Dieu* dans le parler des Tziganes.

<sup>2</sup> *Terceiros*, membres de confréries religieuses.

La malheureuse, pieds nus, vêtue d'un éternel deuil, ses enfants et ses parents, accompagnaient le cadavre.

Et les *de Profundis* des prêtres et les chants religieux des Tziganes s'élevaient de l'enceinte des catacombes comme une grande aigle traversant l'espace.

Actuellement le temps a dévoré presque toutes leurs traditions ; le cadavre n'est plus embaumé ; les eaux purificatrices ont exhalé tous leurs arômes ; l'estrade mortuaire s'est transformée en cénotaphe ou en table vulgaire.

Que voyons-nous aujourd'hui ? que subsiste-t-il encore des coutumes de cette race qui vit ici dans la tristesse et l'infortune ?

Observons directement.

... Pénétrons dans une chambre ardente : c'est la salle d'une maison de Tziganes de la Cidade-Nova. Les portes grand'ouvertes de l'alcôve montrent aux assistants un oratoire fait de bouffants de calicot jaune, azur et rouge, avec des fleurs de même étoffe et de mêmes couleurs — et ornés de petites étoiles dorées, — tout cela disposé, selon une esthétique spéciale, autour d'une image de la Vierge, clouée au mur.

Au-dessous, une commode ancienne, sur laquelle un verre d'eau bénite, quelques branches de romarin et deux chandeliers de verre avec des bougies allumées.

La lavande et le benjoin crépitent dans un encensoir.

Un enfant attise le feu, souffle les braises, et la fumée se condense en nuée qui va se dissiper au plafond.

Au centre de la salle, où il y a quelques vieux meubles de jacarandá, une table sert de cénotapho au cadavre enfoui dans son cercueil.

La veuve se coupe les cheveux et les met sur le sein de son mari. Pieds nus, dès cet instant elle ne s'assoit plus sur une chaise, mais à terre, dans des coins.

C'est la pénitence du corps dans la pénitence de l'âme.

Les conviés, qui sont tous parents, arrivent... Sanglots. Imprécations. Plaintes.

La famille, en des pleurs incessants, se lamente, élevant en l'air les vêtements du mort et ses objets de prédilection.

La misérable veuve est au suprême de l'agonie. — Ce visage fatigué des veilles au chevet du

malade a quelque chose de majestueux et de sévère : ces bras en demi-cercle sur les restes du mort sont comme une vision des tombeaux : par cette bouche qui s'ouvre, passe la voix des sibylles, échappée des sépulcres.

Et elle pleure.

La *janhar*<sup>3</sup> dure jusqu'au matin, à peine interrompu par l'entrée de quelques personnes, ce qui donne occasion à la veuve — pas à toutes — de raconter les souffrances de son mari pendant sa maladie et à l'heure suprême.

Alors tout les assistants racontent en gémissant, dans un récitatif en ton mineur, élevant et baissant la voix, la série d'alternatives pathologiques jusqu'au souffle final, jusqu'au dernier soupir qui, dans les croyances *calines*,<sup>4</sup> est une échelle mystique par où l'âme monte et va revivre en compagnie des amis et des parents qui l'attendent au ciel.

Dans le cours de la mélopée sont écrits et déposés les messages que le défunt doit porter dans l'autre vie.

---

<sup>3</sup> *Janhar* : pleur, lamentation.

<sup>4</sup> Pour les Tziganes la famille est toute la tribu.

Au milieu des clameurs, du tumulte, des larmes, de temps à autre, des lèvres d'une femme qui se débat dans le corridor, éclatent des cris hystériques aigus et prolongés, auxquels les Tziganes donnent le nom de *certaines angoisses*.

Après l'enterrement, la maison reste déserte; la famille se transporte dans celle d'un parent qui l'accueille sous son toit pauvre mais hospitalier.

Dans l'habitation où se trouve la veuve, les sons de la guitare ne se font plus entendre, mais seulement les plaintes de l'infortunée qui a passé de l'obscurité de la pauvreté à la plus grande obscurité de la misère.

Sauf exceptions, les femmes Tziganes gardent le deuil, à moins qu'elles ne contractent une nouvelle union, ce qui arrive difficilement.

---

C'est une chambre d'auberge rue do Alcantara.

Les Tziganes se réunissent: la tristesse de l'un d'eux se répand contagieusement. Bientôt la guitare qui résonne sera l'interprète de la mélancolie qui leur enveloppe le cœur.

Sur ces joues brunes glissent de gros filets de larmes comme la rosée sur les feuilles brûlées par l'été.

Les femmes, assises sur leurs bancs de sapin, tiennent les yeux levés dans une immobilité extatique.

Les enfants, accroupis sur le sol, écoutent pâmés; les ménestrels accordent leurs guitares, et à la lueur de la chandelle qui éclaire fantasmagiquement le groupe, les illusions mortes défilent, les paupières lourdes d'un sommeil de plomb, le front couronné des pâles roses du sépulchre.

Et eux, absorbés, à chaque ombre qui grandit indécise, ils racontent une peine, modulent une chanson funèbre.

Les doigts du joueur de guitare rendent des sons qu'on n'a jamais entendus; par les lèvres des improvisateurs inspirés roulent, dans les cristaux limpides de la forme, toutes les nostalgies d'une race, toutes les désespérances d'un peuple :

O Mort, en m'enlevant — ma belle  
Felicia — mon plaisir, mon bonheur —  
tu m'as tout enlevé avec elle !

— J'ai perdu, pour ne plus la voir —  
celle qui me rendait heureux ! — le  
malheur m'a brouillé le sens — tu m'as  
fait pleurer moi qui souriais !

— Les malheurs donnent aussi la vie ; — la douleur aussi donne du courage ; — j'en vois un exemple en moi-même, — qui revis dans mon tourment.

Nous sommes quelques malheureux — tristes âmes condamnées — qui sommes venues d'une autre monde — expier les fautes passées.

Je suis allé découvrir la tombe : — je cherchais ton image, — la foi que tu m'as jurée — en te trouvant, je l'ai trouvée.

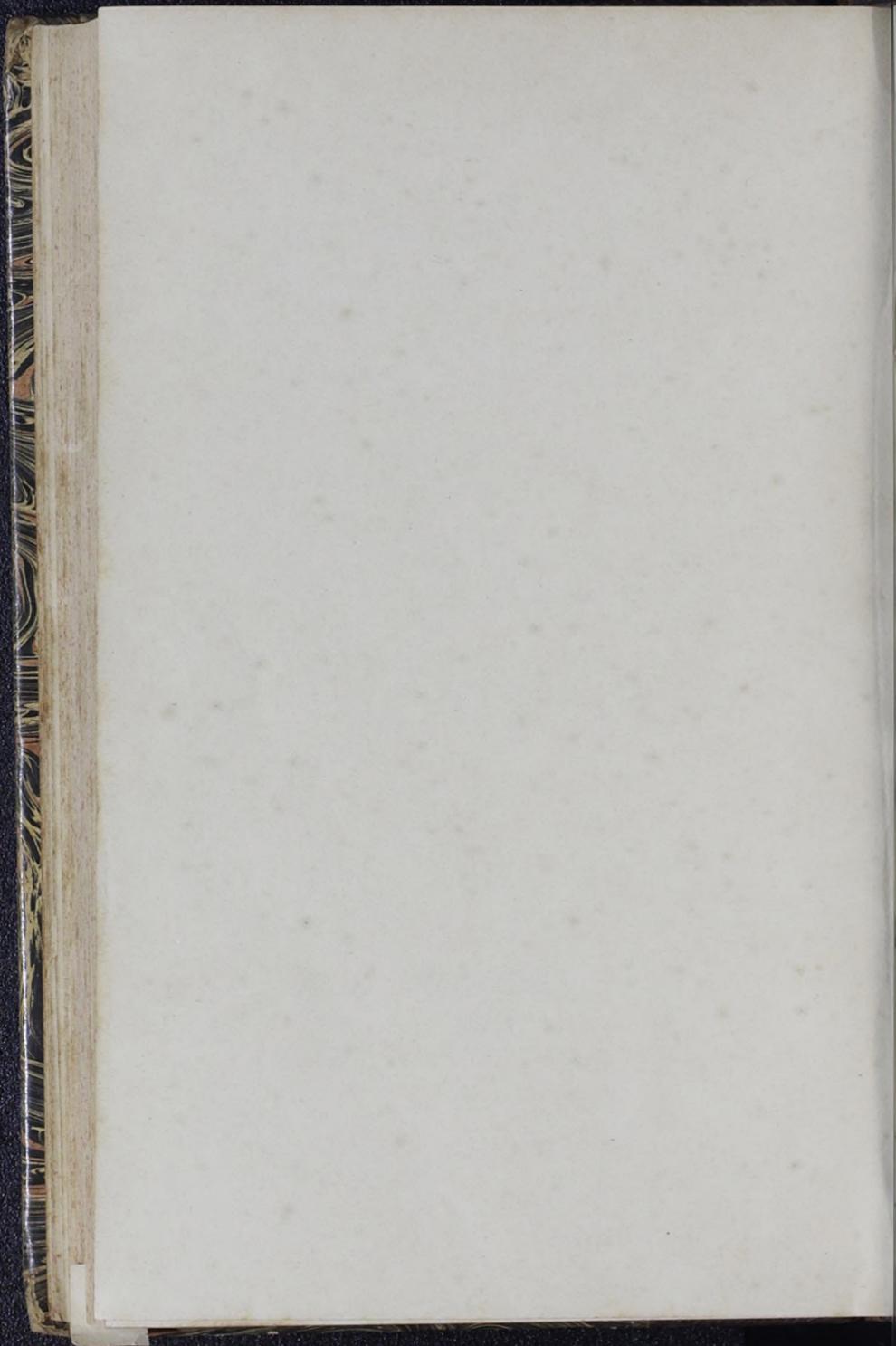
Si je pouvais, avec mes pleurs — recouvrer ce que j'ai perdu — je pleurerai jusqu'à fondre — ces yeux avec lesquels je naquis.

Une vie tourmentée — n'est pas la vie ; c'est une torture ! — que le rideau de la scène se déchire ! — La mort est un bonheur !

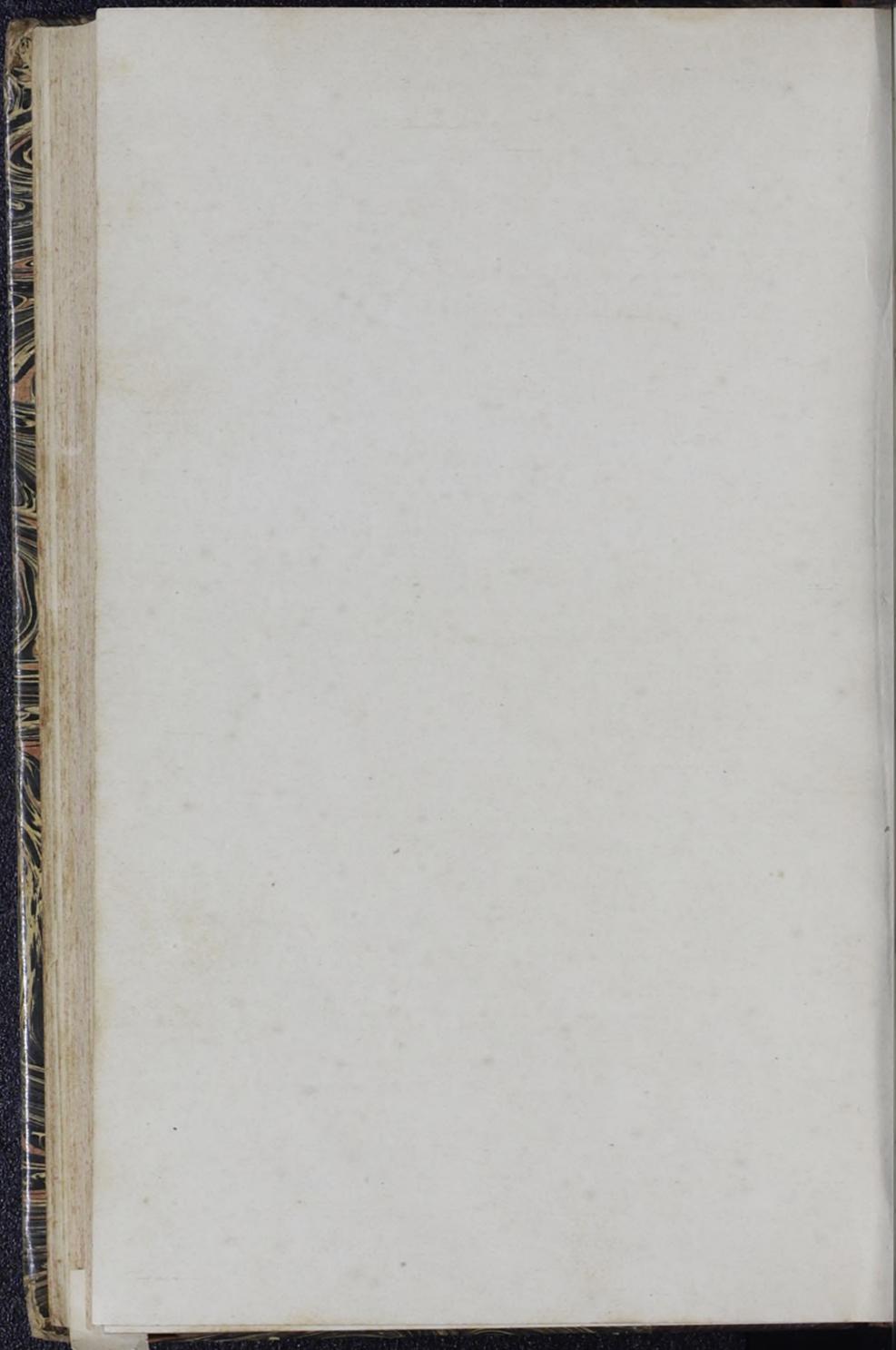
.....

Que la consolation est sublime qui naît des larmes mêmes ; et combien est vibrante l'âme endolorie et prophétique du Tzigane !





NOTAS E ADIÇÕES



## NOTAS E ADIÇÕES

---

Pag. 35

... *patentes militares aos homens e joias ás mulheres.*

Nas excellentes *Memorias do Brazil*, do conego Gonçalves dos Santos, obra que lemos depois da publicação deste capitulo no *Jornal do Commercio*, encontra-se a descripção das festas coloniaes, nas quaes os ciganos dansaram as suas *dansas hespanholas*.

O nosso illustre e caro amigo Sylvio Romero, que nol-a indicou, ao traçar o perfil historico do autor para a sua *Historia da Litteratura Brasileira*, que está a concluir, foi a isso levado pelo prazer que nos causaria a noticia, e por

admirar a reminiscencia do Sr. Pinto Noites, que, apesar de sua memoria quasi centenaria, impunha-se ainda como um documento humano de credito confirmado na historia.

Pag. 38

*Em 1830, os bairros preferidos pelos calons para a sua habitação foram o Valongo e a grande área da Cadeia Velha.*

Queríamos dizer — Cadeia Nova e não — Cadeia Velha. Foi um lapso de penna.

O leitor de boa fé se aperceberá do engano, não suppendo ignorancia o havermos confundido a grande área da Cadeia Nova — terreno em que se começaram a construir as muralhas para a nova cadeia, em parte aproveitadas pela actual igreja de Sant'Anna — com a Cadeia Velha, prisão civil concluida e inaugurada em 1747 e de onde, em 1808, foram transferidos os presos para o Aljube, por isso que devia ella ser occupada pelos criados que vieram com o rei.

É o quanto basta como justificação da corrigenda.

## Pag. 53

*Nos « serviços » que conhecemos...*

As *casas de dar fortuna* da Bahia e Rio de Janeiro, que reivindicaremos para os nossos *Escravos Negros*, obedecem geralmente a tres fetiches capitaes — *Cimba, Zunza e Dahú*, sendo os primeiros fetiches gemeos.

A bebida de que fazem uso os africanos nessas festas é o *milongo*, maceração composta de raizes vegetaes e de *pipiu, gingongó e pamba*, que reduzem a pó, servindo de vehiculo o vinho ordinario ou aguardente.

O seu canto religioso é sobremodo estúpido e acompanhado de uma musica insupportavel e de algazarra ensurdecedora.

Eis um verso do candomblé do *Pendura-Saia* :

*Ganga*<sup>1</sup>, olha na *macumba*<sup>2</sup>,  
Teu pai era um *banda*<sup>3</sup>, *ganga*!  
Olha na *macumba, ganga*,  
*Ganga*, olha na *macumba*!

<sup>1</sup> Senhora.

<sup>2</sup> Instrumento musico.

<sup>3</sup> Chefe, feiticeiro.

## Pag. 56

*E as partidas ciganas, errantes pelos sertões, ahí vivem ha seculos.*

São repetidas as noticias que dão os jornaes da apparição desses bandos, sem que ninguem saiba em definitivo de onde vêm nem para onde vão.

Vêm do sul e vão para o norte — Viajam!

Por ultimo, *O Paiz* de 29 de Julho de 1885, de emprestimo ao *Pyrilampo*, transcreve esta noticia, em que o habil publicista exhibe uma téla de effeitos chromaticos e de costumes pittorescos:

« Esteve acampado em Caçapava um bando de cento e tantos ciganos, que vinham de Minas e seguiam para o norte.

« A proposito escrevem daquella cidade ao *Pyrilampo*, de Jacarehy:

« Essa gente, cujos costumes são bem differentes dos nossos, acampou-se á margem do Parabyba, onde assentou sua morada, levantando 26 barracas de panno, um dos misteres de sua provisão de viagem.

« Era um acampamento em paz, para onde

affluir esta população, movida da mais justa curiosidade. E, realmente, era de ver tudo aquillo.

« Dividida a cômitiva em familias, cada uma destas occupava uma barraca. Ahi utensis domesticos, até alguns moveis e roupa, mostravam o capricho dos exquisitos viajantes.

« Uma tropa cercava a « povoação » dos ciganos, que, parece, têm enriquecido com o negocio de animaes.

« Vinte e tantos captivos da comitiva lavavam, lenhavam e coziam.

« Os ciganitos e ciganitas crianças, em brinquedos, ás vezes, reflectiam-se nos raios do sol, porque colares, bichas e aneis de ouro eram em abundancia nos seus corpos.

« Tambem nem um dos ciganos, de ambos os sexos, deixava de cobrir-se de ouro. Cordões antigos, de enorme grossura e em enorme quantidade, brincos e medalhas de tamanhos despropositae, uma verdadeira riqueza « embellezava » aquella gente « mysteriosa, de barba e cabellos demasiadamente compridos. »

« A usura de certo é que tem foito aquella riqueza ambulante; nem por isso, porém, alguns deixaram de mandar tirar os respectivos retratos

« que parecem gente » e deixam de passar bem. A sua « mesa » é appetitosa, sendo exquisita.

« Naquellas moradias tudo é ordem, alegrias, « ouro ».

« Mas... cousa « notavel ». Entre esses ciganos ha uma moça de uma formosura admiravel e uma velha essencialmente feia, que « perscrutam o futuro ». Conhecem e contam a « sina » boa ou má dos que lhes fizerem um presente — uma bicha de ouro, prata, um bordado, 5\$, 2\$ ou 1\$, conforme dizem.

« Aqui deixa-se ver que muitas pessoas de Caçapava sabem o que hão de soffrer, sua felicidade postera e até quando passarão desta para melhor.

« Para finalizar: a comitiva vai de terra em terra negociando com animaes, escravos e com o « futuro » dos que não são ciganos, mas são incautos. »

Isto é em Caçapava. J. Serra, jornalista e poeta de raro talento, no seu poema *Um coração de mulher*, escripto ha alguns annos, descreve como primoroso artista *Uma partida de ciganos*, acampada nos sertões do Maranhão, nestes versos, que são admiraveis de fôrma e de verdade:

Em baixo d'umas mangueiras,  
Mui copadas e altaneiras,  
Distantes da habitação,  
Algumas rêdes armadas,  
Fortemente balançadas,  
Presas nos troncos estão.  
Nesse sitio, que alvoroço!  
O velho, a criança e o moço  
N'uma rêde, aos dous e tres!...  
Que algazaras diversas,  
Uma hora alegres conversas,  
Gritos, pragas outra vez!

Na areia o menino rola  
Fazendo affagos a um cão.  
Toca e canta na viola  
Mais adiante o seu irmão.  
Um papagaio ensinado  
Grita e fala esfomeado,  
Tornando a bulha maior!  
Alforges, canastras, sellas,  
Brides, cilhas e fivelas  
Estão esparsos, derredor  
Muitas mulheres formosas  
De floridas primaveras,

Muitas outras horrorosas,  
Avelhantadas megeras!  
Com muitas rendas e fitas  
Estas se fazem bonitas  
No caprichoso trajar!  
Aquellas, quasi despidas,  
No canto estão encolhidas,  
Ninguem as póde fitar!

Os homens todos armados,  
É um ambulante arsenal!  
De prata e ouro adornados  
O clavinote e o punhal!  
A mór parte está assentada  
Na porteira do quintal;  
Pasta solta a cavahada  
No meio do capinzal!

Filhos do sol e serenos,  
Rostos queimados, morenos,  
A tropa toda é assi!...  
Mas, que caravana é essa,  
Que parece não ter pressa  
E vem repousar ahi?

São os errantes ciganos,  
Que enfestam o nosso sertão,  
Passam-se annos e annos  
E sempre em viagem estão.

Fica ao leitor o cuidado do confronto e critério das analogias.

Pag. 57

*Dominando no degráo mais elevado a cigana que lê a sina...*

Na litteratura popular do Norte é vulgar a cigana representando seu papel, nos autos das noites de Natal e Reis, conhecidos sob a denominação de *Bailes pastoris*.

Em mais de trinta de que consta a nossa collecção, em seis pelo menos as encontramos como um personagem forçado ao nosso tradicionalismo nacional, já pelas suas rezas, já pela sciencia da chiromancia, a cuja luz o destino das crianças desvenda-se a seus olhos de sybilas.

Entre as familias antigas, essas mulheres, que na Bahia eram conhecidas por *ciganas do Egypto*, deixaram lembranças indeleveis e felizes: a joven

mãe entregava-lhes o recém-nascido para o apresentarem à lua; e uma figura avelhantada, magra, de côr baça, de panno azul ao hombro, erguia-o nos ares, balançando, scismando, implorando:

Minha lua luar,  
Tomai vosso filho  
Ajudai-o a criar,

e mais tarde, aos sete annos, quando ella passava, lia-lhe a sina na sua mão alva e pequena.

E de tudo isso nem um vestigio ficou!

O progresso tem levado do nosso povo as crenças e as superstições e com ellas a sua felicidade real!

Pag. 68

*O Beijo, o Rôla...*

Foram de passagem companheiros de barraça do Sr. Pinto Noites e tornaram-se notaveis nos annaes do crime.

O Beijo teve differentes recontros com Pedro Hespanhol, assombroso chefe da quadrilha de salteadores da Caqueirada, e este humilhava-se ás suas provocações, o respeitava.

Iniciou a sua carreira de malfeitor na idade de 11 annos, matando a seu proprio tio, para vingar-se de ter morto seu pai. ✓

Referiu-nos o Sr. Pinto Noites que o seu parente *Beijo* contava mais de vinte mortes e que unicamente accusava remorsos de haver assassinado a uma de suas amantes, porque no momento em que elle, *Beijo*, apunhalara o marido na estrada, ella arrastara pelos pés o cadaver, dando-lhe por sepultura o fundo de um charco.

Preso uma vez, conseguiu arrombar a prisão e evadir-se...

Embrenhado nos sertões de Minas, seguiram escoltas ao seu encalço, até que foi victima a tiros de bacamarte. *Rôla* teve igual sorte.

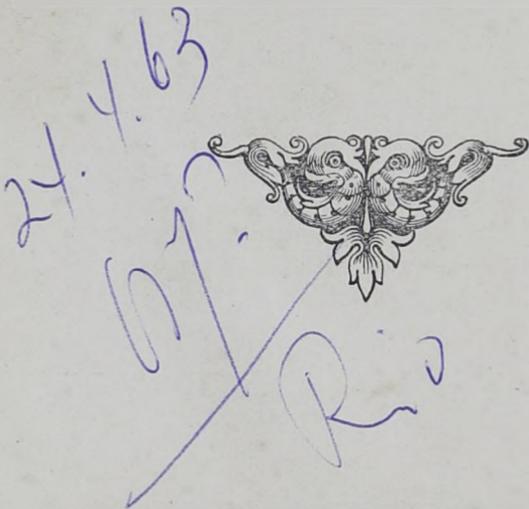
#### Traduction de L. Xavier de Ricard

Nunca deixou de ser uma honra para um escriptor qualquer a versão de suas obras para outras linguas, tanto mais quanto o talento e o nome dos traductores valem incomparavelmente mais.

Neste caso estão E. Deleau, Ch. Morel e E. Allain, que traduziram os nossos *Poemas da*

*Escravidão e Lendas dos Índios*, e ultimamente L. Xavier de Ricard, laureado poeta provençal, romancista de costumes e jornalista de alto vôo, que se dignou de passar para o francez uma boa parte dos *Ciganos no Brazil*.

O trecho que damos em appenso, além de ser mais uma fita ganha em outros torneios, manifesta a nossa admiração pelo grande espirito de Ricard, o Parnasiano illustre que pertence á genial hierarchia de Leconte de Lisle, Mistral, L. Roger-Melés, François Coppée, Sully Prudhomme, Catulle Mendes, Cloris Hugues, Richepin, Fourés, Armand Silvestre e outros eleitos do *Monde Poétique*, Revista que sobremodo nos honrou, concedendo-nos o logar que temos entre os colaboradores de sua poesia universal.



# INDICE

---

## PRIMEIRA PARTE

### ACTUALIDADE E TRADIÇÕES

- I. — Estudo sobre as primitivas migrações de ciganos na Europa e opiniões a respeito de sua origem. . . . . 11
- II. — Os ciganos na Hespanha — Em Portugal — Legislação para os ciganos — Extradicação para o Brazil e Angola — As revelações do Sr. Pinto Noites — O alojamento dos ciganos — O cigano é a solda da mestiçagem — A trasladação da côrte real portugueza para o Brazil — O rei e seu sequito — O conde dos Arcos — Fidalgos e vadios — Festas coloniaes — O curro no campo de Sant'Anna — O fandango dos ciganos — As recompensas — *Jála-te, bengue*. . . . . 21
- III. — Bairros dos ciganos — Ciganos corretores de escravos — Bazar de negros novos — Casas de ciganos em 1840 — O local das reuniões — A festa de Santa Anna, por antonomasia « a Cigana Velha » — Os ciganos do becco do Bem-bom — Como elles trajavam — O brodio — *A Serra-baia* — *O Anú* — *O Sereno* — A estatua da Aurora. 37

Pags.

- IV. — Theoria das superstições — Deuses fetiches — O conflicto dos mythos — A ordem dos factores — Os oraculos da cigana — Pragas e maleficios — Reza de quebranto — Para obter-se o que é difficil — Para ver-se a quem está longe — Contra bicheiras — Para fazer apparecer negro fugido — Para chamar-se a quem está ausente — Para ter-se noticias — Para prevenir acontecimentos — Esconjuro — Syntheses — Na sociedade e na familia — Alcinhas — As ciganas brasileiras. 51
- V. — A evolução da familia — Heranças physiologicas e pathologicas — O *sim* e os parabens — As dadas — Os preparativos — As madrinhas e o quarto de cinco lençoes — O *Gade* — Do discurso do Sr. Pinto Noites — A arca da alliança — Mezes depois. . . . . 71
- VI. — A morte é a continuação da vida — O mundo real e o mundo invisivel — O per-espírito — Ultimos deveres — Ciganos e Egypcios — Na Cadeia Velha e Valongo — Molestia, agonia e morte — O embalsamento — O *janhar* — A viuva — O enterro — Actualidade, na Cidade-Nova — Noite cigana — Os' trovadores da morte. . . . 85
- VII. — Estudo psychologico — Elles e ellas — A mãe dos desventurados — Typos e heranças — A média da vida — Giria e appellidos — A edilidade cigana — Um drama inedito — O ninho da Fome — O mendigo que se embriaga — O fogo e a canção. . . . . 101

## SEGUNDA PARTE

## TROVAS CIGANAS

	<i>Pags.</i>
No cemiterio. . . . .	113
De madrugada. . . . .	114
Consolações da morte. . . . .	115
N'um cartorio da Côte. . . . .	116
Descrença. . . . .	118
Conclusões anatomicas. . . . .	120
Desesperança e Fé. . . . .	121
. . . . .	122
A minha flor. . . . .	123
Entre duas flores. . . . .	126

## TERCEIRA PARTE

## NOVO CANCIONEIRO

Lyricas (Kambulins). . . . .	133
Elegiacas (Kachardins). . . . .	146
Funerarias (Merendins). . . . .	153

## QUARTA PARTE

Vocabulario . . . . .	159
Sud-Americain (Traduction de L. Xavier de Ricard)	175
Notas e addições. . . . .	187



## ERRATA

---

PAG.	LINHA	ERRO	EMENDA
39	21	Palmeston	Palmerston
71	4	e cinco	de cinco
84	3	enxuto	enxuta
87	11	a encontraremos	o encontraremos
93	1	rosto	resto
125	2	nescureza	na escureza

Embora mal separada por um traço pequeno, a poesia *Desesperança e Fé* é completamente distincta das quatro quadras que lhe seguem, sem titulo, como nos foram enviadas.

---

